

Antologia

Da Moderna
Poesia Brasileira

REVISTA
ACADEMICA

1939

Prefacia

No extraordinário surto que ergueu as artes brasileiras de duas décadas para cá, a arte que mais tem demorado em afirmar-se talvez seja a Poesia. Pelo menos dentre as artes literárias, por mais insubmissa ás exigências fatais do pensamento e da realidade exterior, mais indecisa em suas limitações, embora não mais livre por tudo isso, a Poesia vê os seus jardins dizimados pelos seus próprios poetas, e transformados em vasto campo de experiência. Mil e uma pesquisas de toda sorte, audaciosas inovações de ordem técnica, sistematizações abusivas tanto de ordem psicológica como estética, definições interessadas ou meramente diletantes e fantasistas, todos os elementos enfim tanto sociais como individualistas que cooperam no fenomeno da criação artística, talvez estejam mais servindo de desordem que de forças definidoras para que a Poesia se reintegre em sua própria e vaga essência. E de tal caos, era de esperar-se, os castens, os demagogos, os restacueras, novos-ricos ou Jourdain da arte se aproveitaram com volúpia, intervindo cabotinamente no torneio com suas realizações apressadas, exclusivamente feitas de ignorância e facilidade. O caos tornara quase impossível, sem o peneiramento dos anos, separar o bom do ruim. Então, alguns chegaram a chorar ingenuamente a morte da Poesia.

Mas o caso não é para suicidio e muito menos para um assassinio. Mesmo dentro do enfraquecimento natural das pesquisas, mesmo no turbilhão poeirento de tamanho confusão, sempre é possível tentar uma escolha de nomes e de poemas que de alguma forma correspondem mais generosamente aos ideais contemporâneos, ou mais sintomaticamente representem as tendências do tempo. É o que a REVISTA ACADEMICA pretende fazer agora, sem vaidade nem mancha de partidarismo.

Neste sentido, esta Antologia representará mais um largo toque de reunir que uma garantia de eternidade. Seria vaidade nossa orientar a escolha do futuro e definir-lhe o gosto. Sucessivamente, sem prioridade de espécie alguma nem confissão das nossas preferências secretas, desfilarão neste caderno os poetas que, pelo consentimento geral da nossa crítica e da acolhida pública, mais parecem caracterizar o voto contemporâneo. Entenda-se porem: serão sistematicamente excluidos desta Antologia os poetas que nada representam da tragedia estética do nosso tempo, os que metrificam não porque voltaram á metrica, ou rimam não porque voltaram á rima, mas porque jamais se preocupam do problema da expressão, isolados filhos-famílias a gastar uma herança sem trabalho.

Manuel Bandeira

(Recife, 1886)

Manuel Bandeira estreou tardiamente, aos 31 anos, com *A Cinza das Horas*, pequena coleção de poemas onde se revela ainda a dupla influência parnasiana e simbolista. Dois anos depois, em 1919, publica nova brochura *Carnaval*, em que, a par de alguns sonetos de caráter parnasiano, anteriores ou contemporâneos da *Cinza das Horas*, manifesta em outras poesias o cansaço das formas gastas, por êle satirizadas no poema "Os Sapos". Sente-se no poeta um desejo de novos ritmos, mais livres, mais fluidos ("Debussy", "Hiato", "Toante", "Sonho de uma terça-feira gorda", "Epilogo"). Em 1924 editou Bandeira as *Poesias*, em que reuniu a *A Cinza das Horas*, aumentada de muitos poemas da mesma época ("Carinho triste" é de 1912) e a *Carnaval* alguns poemas novos sob o título de *O Ritmo Dissoluto*. Nestes o poeta já aparece na feição mais ou menos definitiva que lhe é própria e que se confirma em duas publicações posteriores — *Libertinagem* (1930) e *Estrêla da Manhã* (1936). Sente-se nos seus últimos versos uma certa predileção pelos metros curtos ("Vou-me embora p'ra Passárgada", "Marinheiro triste", "Canção das Duas Índias", "Trucidaram o rio", etc.). Em 1937 fez o poeta uma seleção de seus versos — *Poesias Escolhidas, Civilização Brasileira*.

Além desses volumes de poesias, publicou Manuel Bandeira um livro de crônicas (*Crônicas da Província do Brasil, Civilização Brasileira, 1937*), a *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*, a *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*, ambas editadas pelo Ministério da Educação, e o *Guia de Ouro Preto*, com desenhos de Luís Jardim, editado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O S S I N O S

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão.

Sino do Bonfim!..
Sino do Bonfim!..



Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por quem chora assim?..



Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, — pela minha mãe!
Sino da Paixão, — pela minha irmã!

Sino do Bonfim, que vai ser de mim?..



Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão.. Por meu pai? — Não! Não!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, baterás por mim?



Sino de Belém,
Sino da Paixão.
Sino da Paixão, pelo meu irmão!

Sino da Paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!...



Sino de Belém, que graça ele tem!

B E R I M B A U

Os aquapés dos aquaçais
 Nos igapós dos Japurás
 Bolem, bolem, bolem.
 Chama o sací: — si si si si!
 Ui ui ui ui ui! uiva a iara
 Nos aquaçais dos igapós
 Dos Japurás e dos Purús.

A mameluca é uma maluca.
 Saiu sozinha da maloca —
 O bôto bate — bite bite. —
 Quem ofendeu a mameluca?
 — Foi o bôto!
 O Cussaruim bota quebrantos..
 Nos aquaçais os aquapés
 — Cruz, canhoto! —
 Bolem.. Peraus dos Japurás
 De assombramentos e de espantos!.

EVOCAÇÃO DO RECIFE

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
 Não o Recife dos Mascates
 Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —
 Recife das revoluções libertárias
 Mas o Recife sem história nem literatura
 Recife sem mais nada
 Recife da minha infância

A rua da União onde eu brincava de chicote queimado
 e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
 Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
 na ponta do nariz
 Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com
 cadeiras mexericos namoros risadas
 A gente brincava no meio da rua
 Os meninos gritavam:
 Coelho sai!
 Não sai!

A' distância as vozes macias das meninas politonavam
 Roseira dá-me uma rosa
 Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
 Terá morrido em botão...)

De repente
 nos longes da noite
 um sino.

Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir
 ver o fogo!

Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho mêdo que hoje se chame do dr. Fulano de Tal!)
Atrás de casa ficava a rua da Saudade...
 ...onde se ia fumar escondido...
Do lado de lá era o cais da rua da Aurora...
 ..onde se ia pescar escondido...

Capiberibe
— Capibaribe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
 Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços
 redemoinho sumiu †
E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos
 destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas
 Cavalhadas
Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar
 a mão nos meus cabelos

Capiberibe
— Capibaribe

Rua da União onde tôdas as tardes passava a preta
 das bananas
 Com o chale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
 que se chamava midubim e não era torrado
 era cozido

Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
E' macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia
bem
Terras que não sabia onde ficavam

Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô..

Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife..
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a
a casa de meu avô.

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.

Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo

Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Meu avô
Minha avó
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos êles?

— Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

VOU-ME EMBORA PR'A PASÁRGADA

Vou-me embora pr'a Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pr'a Pasárgada

Vou-me embora pr'a Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como eu farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau de sebo
Tomarei banho de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe d'água
Pr'a me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pr'a Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
E' outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar:
— Lá sou amigo do rei
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pr'a Pasárgada.

ESTRELA DA MANHÃ

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por tôda a parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais

Pecai de tôdas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei
terra e direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás

Procurem por tôda a parte

Para ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrêla da manhã.

MARINHEIRO TRISTE

Marinheiro triste
Que voltas para bordo
Que pensamentos são
Êsses que te ocupam?
Alguma mulher
Amante de passagem
Que deixaste longe
Num pôrto de escala?
Ou tua amargura
Tem outras raízes
Largas fraternais
Mais nobres mais fundas?
Marinheiro triste
De um país distante
Passaste por mim
Tão alheio a tudo
Que nem pressentiste
Marinheiro triste
A onda viril
De fraterno afeto
Em que te envolví.
Ias triste e lucido:
Antes melhor fôra
Que voltasses bêbedo
Marinheiro triste!

E eu que para casa
Vou como tu vais
Para o teu navio,
Feroz casco sujo
Amarrado ao cais,
Tambem como tu
Marinheiro triste
Vou lúcido e triste.
Amanhã terás
Quando tu partires
O vento do largo
O horizonte imerso
O sal do mar alto!
Mas eu, marinheiro?

— Antes melhor fôra
Que voltasse bêbedo

MOMENTO NUM CAFE'

Quando o entêro passou
 Os homens que se achavam no café
 Tiraram o chapéu maquinalmente
 Saudavam o morto distraídos
 Estavam todos voltados para a vida
 Absortos na vida
 Confiantes na vida

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
 Olhando o esquite longamente
 Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
 Que a vida é traição
 E sacudava a matéria que passava
 Liberta para sempre da alma extinta.

O M A R T E L O

As rodas rangem na curva dos trilhos
 Inexoravelmente
 Mas eu salvei do meu naufrágio
 Os elementos mais cotidianos.
 O meu quarto resume o passado de tôdas as casas que
 [habitei.

No meio da noite
 No cerne duro da cidade
 Me sinto protegido.
 Do jardim do convento
 Vem o pio da coruja.
 Doce como um arrulho de pomba.
 Sei que amanhã quando acordar
 Ouvirei o martelo do ferreiro
 Bater corajoso o seu cântico de certezas.

M A Ç Ã

Por um lado te vejo como um seio murcho;
 Pelo outro, como um ventre de cujo umbigo pende ainda
 [o cordão placentário.

E's tôda vermelha, como o amor divino.

Dentro de ti, em pequenas pevides,
 Palpita a vida prodigiosa,
 Infinitamente.

E quedas tão simples
 Ao lado de um talher
 Num prato pobre de hotel.

Mario de Andrade

(S. Paulo, 1893)

O movimento de renovação das artes brasileiras, que estourou com a Semana de Arte Moderna (S. Paulo, 1922) teve em "Paulicéa Desvairada", um dos seus principais gritos de combate. Desde então Mario de Andrade veio se manifestando como pesquisador infatigável. Na prosa de ficção, na poesia, no ensaio, no livro de técnica, sua maior preocupação é abrir caminhos ou demonstrar doutrinas. Os problemas da lingua nacional, os da estética, do folclore, da musica, da psicanalise, da historia, das artes plasticas, são, por ele, postos em campo, com ardor e a confiança que lhe são característicos. No Departamento de Cultura, de S. Paulo, esses problemas tiveram realização objetiva sob a direção de Mario de Andrade. A fundação da Discoteca Publica com a gravação de discos e filmes de cantos e bailados populares nacionais, cursos como o de Etnografia e Folclore; a fundação da Soc. de Etnografia e Folclore, concursos de teatro social, o Congresso da Lingua Nacional Cantada, a criação de Casas de Cultura Popular, do ante-projeto do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, são outras tantas iniciativas ou realizações de Mario de Andrade, no dominio pratico.

OBRAS PUBLICADAS

- Ha uma gota de sangue em cada poema. — Poesia esg. — S. Paulo — Pocaí e C. — 1917
- Paulicéa Desvairada — Poesia esg. — S. Paulo — Casa Mayença — 1922.
- A Escrava que não é Isaura — Poetica. esg. — S. Paulo — 1925.
- Losango Caqui — Lirismo esg. — S. Paulo — A. Tisi — 1926.
- Primeiro Andar — Contos — S. Paulo — A. Tisi — 1928.
- Primeiro Andar — Contos — 2.^a edição — S. Paulo — Ed. Piratininga — 1932.
- Amar, verbo intransitivo — Idílio. esg. — S. Paulo — Ed. Piratininga — 1927.
- Clan do Jabotí — Poesia esg. — S. Paulo — Tip. Cupolo — 1927.
- Macunaíma — Rapsodia — S. Paulo — 1928.
- Macunaíma — Rapsodia — 2.^a edição — Rio — José Olympio — 1937.
- Ensaio sobre Música Brasileira — S. Paulo — I. Chiarato & Cia. — 1928.
- Compendio de História da Música — S. Paulo — I. Chiarato & Cia. — 1929.

- Compendio de História da Música — 2.^a edição — S. Paulo. — 1933.
- Compendio de História da Música — 3.^a edição — S. Paulo I. Chiarato & Cia. — 1936.
- Modinhas Imperiais. — S. Paulo — L. C. Miranda — 1930.
- Remate de Males — Poesia esq. — S. Paulo — Tip. Cupolo — 1930.
- Fraulein. ("Amar, verbo intransitivo" adaptado pra americano, por Margaret Richardson Hollingsworth) esq. — New York — Macaulay — 1933.
- Belazarte — Contos. esq. — S. Paulo — Ed. Piratininga — 1934.
- Música, doce música — Estudos musicais — S. Paulo — L. G. Miranda — 1934.
- O Samba Rural Paulista — Folclôre. — S. Paulo — Sep. Rev. Arquivo n.º 41. — 1937.
- Os compositôres e a lingua nacional — S. Paulo — Sep. Anais do 1.º Congr. Lingua Nac. Cantada — 1937.
- O Alejadinho e Alvarez de Azevedo — Crítica — esq. — Rio — R. A. Editora — 1935.
- Luciano Gallet (Introdução aos "Estudos de Folclôre" de L. Gallet) — Rio — Carlos Wehrs & Cia — 1935.
- Cultura Musical — Oração de paraninfo. — S. Paulo — Sep. Rev. Arq., n.º 26 — 1936.
- Namoros com a Medicina — Porto Alegre — Livraria do Globo — 1939.

C A M A F E U

Já de púrpura e zarcão
 Tonalizando-se vão
 Môitas, bosquetes e grama,
 Uma driada outras chama

E passam em tropelias
 As nudezas alvadiás
 De nedias ninfas em bando
 Galopando.

Pela relva de veludo,
 De mão dadas, em polpudo
 Cordão, hilares, ovantes,
 Elas bailam palpitantes

Os calínicos sensuais.
 Animam-se mais e mais,
 Helenicamente incautas.
 Ao ziar das flautas.

Inédito (Anterior a 1917)

O POETA COME AMENDOIM

A Carlos Drummond de Andrade

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o Sol que por todo o sitio imenso do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.
Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...
A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos
[mulatos...]

Silencio! O Imperador medita os seus versinhos.
Os Caramurús conspiram na sombra das mangueiras ovais,
Só o murmurejo dos cr'em-deus-padre irmanava os homens
[de meu país...]

Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha mais
[escravos,
Por causa disso muita virgem-do-rosario se perdeu...]

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta República
[temporã.

A gente inda não sabia se governar...
Progredir, progredimos um tiquinho
Que o progresso tambem é uma fatalidade..
Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com desejos de desastres..
Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas
Se encostando na cangerana dos batentes...
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido
Tenho desejos de gemer e de morrer.

Brasil...
Mastigado na gostosura quente do amendoim..
Falado numa lingua curumim
De palavras incertas nun remeleixo melado melancolico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons..
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malicia as rezas bem nascidas...

Brasil amado não porquê seja minha patria,
Patria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventu-
[roso,

O gôsto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e dansas.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito en-
[graçada,

Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de
[dormir.

"Clan do Jabotí (1924)"

ACALANTO DA PENSÃO AZUL

(Campos do Jordão)

Oh héticas maravilhosas
 Dos tempos quentes do Romantismo
 Maças coradas olhos de abísimo,
 Donas perversas e perigosas,
 Oh héticas maravilhosas!
 Não vos compreendo, sois de outras eras,
 Fazei depressa o pneumotórax,
 Mulheres de Antó e de Dumas Filho!
 E então seremos bem mais felizes,
 Eu sem receio do vosso brilho,
 Vós sem bacilos nem hemoptises,
 Oh héticas maravilhosas!

"Clan do Jabotí (1924)

ACALANTO DO SERINGUEIRO

Seringueiro brasileiro,
 Na escuridão da floresta
 Seringueiro, dorme.
 Ponteando o amor eu forcejo
 Pra cantar uma cantiga
 Que faça você dormir.
 Que dificuldade enorme!
 Quero cantar e não posso,
 Quero sentir e não sinto
 A palavra brasileira
 Que faça você dormir...
 Seringueiro, dorme...

Como será a escuridão
 Dêsse mato-virgem do Acre?
 Como serão os aromas
 A maciez ou a aspereza
 Dêsse chão que é também meu?
 Que miserável! Eu não escuto
 A nota do uirapurú!...
 Tenho de ver por tabela,
 Sentir pelo que me contam,
 Você, seringueiro do Acre,
 Brasileiro que nem eu.
 Na escuridão da floresta
 Seringueiro, dorme.

Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei..
Troncudo você não é.
Baixinho, desmerecido,
Palido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
Macambúcio, pouco fala,
Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas
Que dão conforto e alegria.

Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botamos
Pra fóra Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as perolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porém nunca nos olhamos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jamais..
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,
Estes mumbavas que vivem.
Chupitando vagarentos
O meu dinheiro o meu sangue
E não dão gosto de amor...

Me sinto bem solitario
No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado
Por tantos livros geniais,
"sagrados", como se diz...
E não sinto os meus patricios!
E não sinto os meus grúchos!
Seringueiro dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz...

Nem você pode pensar
Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme
O bem da felicidade...
Essas coisas pra você
Devem ser indiferentes,
Duma indiferença enorme...
Porém eu sou amigo
E quero ver si consigo
Não passar na sua vida
Numa indiferença enorme.
Meu desejo e pensamento
 (...numa indiferença enorme...)
Ronda sob as seringueiras
 (...numa indiferença enorme...)
Numa amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme
Brasileiro, dorme.
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,
Brasileiro... dorme...

Brasileiro.. dorme.

IMPROVISO DO RAPAZ MORTO

Morto, suavemente ele repousa sobre as flores do caixão.

Tem momentos assim em que a gente vivendo
Esta vida de interesses e de lutas tão bravas,
Se cansa de colher desejos e preocupações.
Então pára um instante, larga o murmúrio do corpo,
A cabeça perdida cessa de imaginar,
E o esquecimento suavemente vem.
Quem que então gose as rosas que o circundam?
A vista bonita que o automovel corta?
O pensamento que o heroiza?...
O corpo é que nem véo largado sobre um movel,
Um gesto que parou no meio do caminho,
Gesto que a gente esqueceu.
Morto, suavemente ele se esquece sobre as flores do caixão.

Não parece que dorme, nem digo que sonhe feliz, está morto.
Num momento da vida o espirito se esqueceu e parou.
De repente éle assustou com a bulha do chôro em redor,
Sentiu talvez um desaponto muito grande
De ter largado a vida sendo forte e sendo moço,
Teve despeito e não se moveu mais.
E agora éle não se moverá mais.

Vai-te embora! vai-te embora, rapaz morto!
Ôh, vai-te embóra que não te conheço mais!
Não volta de-noite circular no meu destino
A luz da tua presença e o teu desejo de pensar!
Não volta oferecer-me a tua esperança corajosa,
Nem me pedir para os teus sonhos a conformação da Terra!

O universo muge de dor aos clarões dos incendios,
As inquietudes cruzam-se no ar alarmadas,
E é enorme, insuportavel minha paz!
Minhas lagrimas caem sobre ti e és como um Sol quebrado!
Que liberdade em teu esquecimento!
Que independencia firme na tua morte!
Ôh, vai-te embora que não te conheço mais!

"Remate de Males", (1925)

N.º V dos "POEMAS DA NEGRA"

Lá longe no sul,
Lá nos pés da Argentina,
Marulham temiveis os mares gelados,
Não posso fazer mesmo um gesto!

Tu me adivinhas meu amor,
Porém não queres ser escrava!

Flores!
 Apaixonadamente meus braços desgalham-se,
 Flores!
 Flores amarelas do pau-darco secular!
 Eu me desgalho sobre teu corpo manso,
 As flores estão caindo sobre teu corpo manso,
 Te cobrirei de flores amarelas!

Apaixonadamente
 Eu me defenderei!

"Remate de Males" (1929)

M O M E N T O

Deve haver aqui perto uma roseira florindo,
 Não sei.. sinto por mim uma harmonia,
 Um pouco da imparcialidade que a fadiga traz consigo.
 Olho pra minhas mãos. E uma ternura perigosa
 Me faz passar a bôca sobre elas, roçando,
 (De certo é alguma rosa...)
 Numa ternura que não é mais ternura não, é piedade pa-
 [ciente,

As rosas... Os milhões de rosas paulistanas...
 Já tanto que enxerguei minhas mãos trabalhando,
 E tapearem por brinquedo umas costas de amigo.
 Se entregarem pra inimigo, erguerem dinheiro do chão...
 Uma feita meus dedos pousaram nuns lábios,
 Nesse momento eu quis ser cego!
 Ela não quiz beijar a ponta dos meus dedos,
 Beijou as mãos, apaixonadamente, em submissão..
 Ela beijou o pó das minhas mãos...
 O mesmo pó que já desce na rosa nem bem ela se abre.
 Deve haver aqui perto uma roseira florindo...
 Que harmonia por mim. Que parecença com jardim...
 O meu corpo está só. Minha alma foi-se embóra.
 E me deixou.

"Remate de Males" (1928)

N.º 1 dos "POEMAS DA AMIGA"

A tarde se deitava nos meus olhos
 E a fuga da hora me entregava abril.
 Um sabor familiar de até-logo criava
 Um ar, e, não sei porque, te percebi.

Voltei-me em flor. Mas era apenas tua lembrança.
 Estavas longe, doce amiga; e só vi no perfil da cidade
 O arcanjo forte do arranha-céu cor-de-rosa
 Movendo azas azues dentro da tarde.

(1929 - 1930) "Remate de Males"

N.º X dos "POEMAS DA AMIGA"

Os rios, oh doce amiga, estes rios
Cheios de vistas, povoados de ingazeiras e morretes,
Pelo Capibaribe irás ter ao Recife,
Pelo Tietê a S. Paulo, no Potengi a Natal.
Pelo Tejo a Lisbôa, pelo Sena a Paris...

Os rios, oh minha doce amiga, na beira dos rios
E' a terra de povoação em que as cidades se agacham
E de-noite, que nem feras de pêlo brilhante, vão beber..

Pensa um bocado comigo na vasta briga da Terra,
E nas cidades que nem feras bebendo na praia dos rios!
Maiste ao pé de mim neste meu pensamento!
E os nossos corações, livres do orgulho,
Mais humilhados em cidadania,
Irão beber também junto das feras.

N.º 3 do "RITO DO IRMÃO PEQUENO"

Vamos caçar cotia, irmão pequeno,
Que teremos boas horas sem razão,
Já o vento soluçou na arapuca do mato
E o arco-da-velha já enguliu as virgens.

Não falarei uma palavra e você estará mudo
Enxergando na ceva a Europa trabalhar;
E o silêncio que traz a malícia do mato,
Completará o folhiço, erguendo as abusões.

E quando a fadiga enfim nos livrar da aventura,
Irmão pequeno, estaremos tão simples, tão primários,
Que os nossos pensamentos serão vastos,
Graves e naturais, feito o rolar das águas.

(1931, Publicado na "Homenagem a Manuel Bandeira")

N.º I do "GIRASIL DA MADRIGADA"

De uma cantante alegria onde riem-se as alvas sereias
Te olho, como se deve olhar, contemplação;
E a lâmina que a luz taurixa de indolencias
E' toda um esplendor de ti, riso escolhido no céu.

Assim. Que jamais um pudor te humanize. E' feliz
Deixar que o meu olhar te conceda o que é teu.
Carne que é flor de girasol! Sombra de anil!
Eu encontro em mim mesmo uma espécie de abril,
Em que se espilha o teu sinal, suave, perpetuamente..

Inédito.

Raul Bopp

Tupacêretan, R. G. do Sul, 1899

Raul Bopp nasceu em Tupacêretan, no Estado do Rio Grande do Sul. Formou-se em advocacia fazendo um ano em quasi todas as Faculdades de Direito do Brasil. Esse Brasil que ele conhece todo, pois o furou de lado a lado, com os jagadeiros do Ceará, pintor de taboetas em Mato Grosso, macumbeiro ao lado de Edison Carneiro na Bahia, companheiro de república de José Lins do Rego em Pernambuco, chefe do modernismo com Oswald de Andrade em São Paulo; tendo polemicas literarias no Pará, atravessando todos os igarapés do Amazonas.

Tornou-se lendaro no Nordeste e ainda hoje contam por lá anedotas das quais Raul Bopp é o heroi, assim como de outras os herois são Camões e Bocagê. O poeta passou a ser folk-lore. Depois enfiou pelo vasto Universo em varias viagens; empregou todos os meios de condução, visitou a totalidade de paizes que formam esse mundo de Deus. Para muita gente o poeta ficou sendo Pedro Malazarte reincarnado.

A importancia do poeta Raul Bopp no movimento modernista é indiscutivel. Foi ao lado de Oswald de Andrade o mais avançado dos modernistas, dos poucos que chegaram ao movimento antropofagico. Uma revista de então querendo publicar o retrato do poeta publicou o cliché de um automovel em disparada. Foi talvez o maior animador de todo o movimento e a sua "Cobra Norato" é uma das poucas coisas definitivas que restaram da confusão modernista. "Co-

bra Norato" forma ao lado de "João Miramar" e "Macunaima" como a trilogia mais expressiva da revolução literária da qual o poeta foi um dos chefes. Escrevendo admiravelmente em prosa, Bopp é, no entanto, essencialmente um poeta. Um poeta que não tem se contentado em escrever poesia. Tem vivido e realizado poesia.

"Cobra Norato", escrita em meio ao movimento modernista, ao voltar o poeta de uma viagem ao Amazonas, só foi publicada em 1931 por um grupo de amigos. Em 1937 foi tirada uma edição de luxo com ilustrações em madeira e Goeldi. Desde logo o poema ficou sendo uma das coisas mais serias da nossa poesia em qualquer tempo. Sobre esse poema, Raul Bopp escreveu em 1932 na carta prefácio de "Urucungo": "... para mim ela vale como a tragedia da maleita, cocaina amazonica. Com toda a indiferença que teve (salvo um grupo num perimetro pessoal) ela é o meu Don Quixote de la Mancha. Eu quero é a filha da rainha Luzia. Obsessão sexual. Druidica. Esoterica. Ela tem um ar de livro de creança. Quente e colorido. Mas no fundo representa a minha tragedia das febres. A maior volta do mundo que eu dei foi na Amazonia. Canoa de vela. Pé no chão ouvindo aquelas 1000 e uma noites tapuias. Febre e cachaça. O mato e as estrelas conversando em voz baixa"

"Cobra Norato" é, sem duvida, a mais seria realização da literatura brasileira sobre o tema da Amazonia.

Em 1932 Raul Bopp ingressa no Ministerio do Exterior partindo para o Japão como consul geral do Brasil. Da Africa, em meio da viagem, escreve a Jorge Amado, ao mandar os originais de "Urucungo", seu livro de poemas negros: "... "verso agora não adianta. Em todo caso tenho vontade de acabar com o meu ovario lirico. Pra escrever uns troços que ando ruminando. Coisa um pouco mais seria. Gostaria dessa publicação, pra obedecer uma sequencia lirica, pra cair noutra fase. Eu mesmo não levo muito a sério esse troço. Aliás quero encerrar a temporada com essa sangria lirica. Tratar de outros assuntos. "Publicado "Urucungo" em 1933 pela Ariel, Editora, só se sabe de um poema de Bopp posterior a este livro: "Diabolus" publicado pela "Revista Academica" em 1935.

O poeta se dedicou inteiramente a "viver" poesia e hoje a vive escrevendo sobre minerais, exportação e estatística no Conselho de Comercio Exterior do Brasil. Tem sido um dos funcionarios mais eficientes do seu Ministerio e as Associações Comerciais duvidam que o consul tão ativo seja o mesmo poeta da "Cobra Norato", tão estranho para eles. Os amigos de Raul Bopp afirmam que ele é autor das mais deliciosas cartas do mundo e até já pensaram em reunir em volume a correspondencia que, de viagens diversas, lhes tem enviado Raul Bopp.

De Raul Bopp escreveu Oswald de Andrade que ele "traz o Brasil nos dentes".

T A P U Y A

As florestas ergueram braços peludos para esconder-te,
com ciumes do sol,
e a tua carne triste se desabotôa nos seios,
recem-chegados do fundo morno das selvas.

Alongam-se no teu olhar as noites do Amazonas.
E no langor tropical do teu corpo
ficou dormindo a sombra das cinco estrelas do Cruzeiro !

De noite o mato acorda no teu sangue
sonhos de tribus desaparecidas,
— Filha de raças anónimas que se misturaram em grandes
[adulterios.

E erras assim, num passo nupcial, até as margens do rio
que os teus antepassados te deixaram de herança.

E na solidão te entregas, flexuosa e langue, á agua elastica,
nua como uma flor selvagem,
ante a curiosidade das estrelas.

DE "COBRA NORATO"

Tamos na ponta do Pau-Cavalo
Juntinho do igarapé
— Arre que eu estou com sede
E eu com fome...
Calma cumpadre
Daqui um pouco vamos lá pô putirum
rôubar farinha.

Mas primeiro eu quero me estirar nesta areia gostosa
Amolecer o sangue
Chupar o luar que está se derretendo devagarzinho
Escuita Cumpadre :
Putirum fica longe ?

Pouquinho só chega lá

Então vamos agora dar uma espiada ?
Quem sabe se a farinha farinhou nhôu nhôu.

Uê ! Então vamos :

Vamos lá pô putirúm
Putirúm Putirúm
Vamos lá comer tapioca.
Putirúm Putirúm

Casão das farinhadas grandes
Mulheres trabalham nos ralos
mastigando cachimbo
Chia a caroeira nos tachos
Mandioca puba pelos tipitís

Joaninha Vintem : Conte um causo...
Causo de que ? — Quadquerum
Vou contar causo do Boto :
Putirúm Putirúm

Amor choviá
Choveriscou
Tá lavando roupa maninha
quando o Boto me pegou

O' Joaninha Vintêm
Boto era feio ou não ?
Ai era um moço loiro maninha
tocador de violão
Me pegou pela cintura...
Depois o que aconteceu ?
Gentes !
Olha a tapioca embolando no tacho
Mas que Boto safado
Putirúm Putirúm

DE "COBRA NORATO"

Entro agora na cidade das cobras
depois de atravessar sete areias engulideiras
Atraz de paredes espessas
ouve-se mal e mal o rumor de estalos e vozes abafadas
Queixas de aguas surradas pros rios aprenderem a ser
[obedientes.

A sombra vai comendo devagarzinho os horizontes inchados
Este rio está com febre

As aguas resignadas vão marchando e se atolando em pan-
[tanos moles

Na beira do charco
arvoresinhas sujas levantam os vestidos
como cachos de lama pingando

As cobras estão esperando a hora do respeito :

Voces lá em cima só teem que cuidar das moças e da lua
Teem que guardar as lagoas quando a lua fôr tomar banho

Teem que esconder as hervas de cheiro
Teem que arranjar nas noites de lua cheia
uma noiva pra Cobra Grande

Quando as moças tiverem dormindo
voces se enrosquem pelo corpo mole

Chupem os seios mansinhos devagarzinho
pra ficarem redondos

O'i que no princípio de cada lua
a boiuna aparece transformada num navio de prata
Vem buscar a moça pro casamento...

Agora o relógio do mato
está marcando a hora do respeito :

Tiúg.. Tiúg... Tiúg...

O silencio atravessa lentamente as florestas magras
Movem-se as cobras
como longos musculos moles
na agua elastica dos igapés

As cobras vão lá pra cima
espionar as moças que dormem espichadas nas rédes
com todo o nuinho gostoso de fora

Ah então eu vou tambem
que estou com um xodó de me enroscar no corpinho da filha
da rainha Luzia.

FAVELA N.º 3

(QUINTAL)

As janelas dos fundos se reuniram
para ver o trem que vem de São Paulo. Olé !

Ouviu uns tiros esta noite, vizinha ?
Pois até mataram um sordado. (Féche essa torneira, péste !
Depois tá sempre faltando agua !)

Sópra um ventinho levanta-a-saia. Enjoado.
Favela está de madorra.
Lá em baixo
as chaminés fazem exclamações na paisagem.

Os mamoeiros estão de papo inchado.
Negra se acocorou num canto do terreiro
Poz as galinhas em escandalo.

AFRICA

(pro Jorge Amado)

A floresta era um utero.

Quando a noite chegou
As arvores incharam.

Aratabá-becúm.

O homem com medo espiava no escuro
E viu que a selva carregada de vozes ia crescendo dentro
do seu sangue

Depois vieram as estrelas
E o carvão-animal filtrou a luz das estrelas.

N E G R O

Péza em teu sangue a voz de ignoradas origens.
As florestas guardaram na sombra o segredo da tua historia
A tua primeira inscrição em baixo relevo foi uma chicotada
[no lombo

Um dia atiraram-te no bojo de um navio negreiro.
E durante noites longas e longas vieste ouvindo o barulho
[do mar
Como um soluço dentro do porão soturno.

O mar era um irmão da tua raça.

Um dia de madrugada uma nesga de praia e um porto.
Armazens com depositos de escravos
e o gemido dos teus irmãos amarrados numa coleira de ferro.

Principiou aí a sua historia.
O resto, o Congo longinquo, as palmeiras e o mar
ficou se queixando no bojo do urucungo.

DE "COBRA NORATO"

Acórdo

A lua nasceu com olheiras
e o silencio doe dentro do mato

As aguas grandes amoleceram com sono

As estrelas de plantão espiam a noite do lado de fora.

Aí cumpadre
Tinha vontade de ouvir uma musica mole
que se estirasse por dentro do sangue

Musica com gosto de lua
e do corpo da filha da rainha Luzia

Que me fizesse ouvir de novo
aquelas vozes escondidas surradas de aí aí aí
e a queixa daquelas raizes sem nome condenadas a traba-
lhar sempre

Atravessei o Trême-Trême
Passei perto da casa do Minhocão
Tive que dar minha sombra pro bicho do fundo comer

só por causa da filha da rainha Luzia

Levei pussanga de cheiro
e casca de tinhorão

Debalde arranjei uma flor que ensina caminho :
flor de tajá de lagôa que nasce de um rasto de moça enluado

Nada ajudou Cumpadre

Ando com uma jurumenha
que faz um dóezinho gostoso de quem tá longe
e morde o sangue da gente devagarzinho.

D I A B O L U S

Dolores, la hija do mestre da banda
foi levar figos maduros para o padre
Y entonces el padre começou a dar unos conselhos cristianos:
--- Hijita, tienes que preparar-te para la primera comunión
y seres pura como Santa Epifania.

No outro dia, hora da séssta, a filha do mestre da banda
bateu com dedos tímidos na porta da sacristia
O padre começou então a explicar o que era pecado
E viu que a filha do mestre tenia unos diabolus malos meti-
[dos por el cuerpo.

— Ai Tatíca — Diós, senhor cura !

No corpinho nervoso da filha do mestre
o padre apalpou noventa y nueve diabolus
— Con uno más, caes en pecado mortal, hijita !
— Ai, Tatíca Diós, salve-me del pecado, señor cura !

O padre fechou bem a porta para matar todos los diabolus
E foi desabotoando o vestidinho facil
Dolores tremia
porque tenia diabolus escondidos por todo el cuerpo
— Ai Tatíca...

Pero el padre decia que ainda havia muchos más diabolus
fujindo por las piernas e por el pescueço
Dolores tapava el rosto con las manos
— Ai senhor cura..
Pero el cura queria chupar todos los diabolus.

Dolores, a filha do mestre da banda
perdió todos los diabolus
Tatíca Diós que fué se quedando
palida e pura como Santa Epifania.

VACA CRISTINA

A vaca Cristina, de madrugada,
vem de belêngue no longo da rua
U-ei,
Olha o leite da vaca Cristina !

No Bango lambido de luzes escassas,
estira-se a larga madrugada mole.
Amontôa-se a garôa miuda. Lá adeante,
roda a carroça do lixo da noite
U-ei,
Quem quer leite da vaca Cristina ?

E a vaca boemia, de pata pitoca,
se lambe, faceira, enfeitada de fita.
Sacode o chocalho. Bôa noite, cumadres !
U-ei,
Viva as tetas da vaca Cristina !

Murilo Mendes

Juiz de F6ra (Minas Gerais), 1902

Foram os seguintes os dados fornecidos pelo poeta para esta not6cia:

"Nascido em Juiz de F6ra (Minas Gerais) em 1902.

Estudos na Academia do Verbo Divino daquela cidade.

Desde cedo, inicia66o liter6ria e artistica.

Paix6o pela m6sica.

Passagem do cometa de Halley em 1910.

Assiste a 2 espet6culos da Cia. de Bailados Russos (c) Nijinski) em 1916.

Foge do Col6gio Sta. Rosa em Niter6i.

Conhece Ismael Nery em 1921.

Publica o 1.6 livro "Poemas" em 1930.

Em 1934: ades6o ao catolicismo.

Encara a poesia como fenomeno diario, constante, permanente, eterno, e universal. Considera seus poemas como "estudos" que outros poder6o desenvolver. Entende que o germen da poesia existe em todos os homens, competindo ao artista, desenvolve-lo nos outros. Crê na miss6o alt6ssima do poeta"

Como disse Mario de Andrade, a obra de Murilo Mendes, sempre foi uma pesquisa "no sentido de encontrar uma essencia" Essencia, *essencialismo*. Hoje, mesmo, a sua poesia procura ser o essencial. A um amigo que lhe esmiu6ava um poema, descobrindo detalhes, soltando versos, acentuou: "Dou indica66es. Outros poder6o aproveit6-las".

A influencia do autor da "Poesia em Panico" foi imensa. Os seus companheiros de gera66o, se n6o a sofreram,

tiveram nele um precursor. A tendencia do modernismo era toda do quotidiano. Foi ele quem sustentou os grandes temas eternos a que hoje quasi todos estão ligados. Murilo Mendes, na poesia brasileira, foi e continua sendo sobretudo a profundidade.

Jámais ninguem pensou que ele chegasse um dia ao catolicismo. Quando isso se deu foi "um acontecimento" Parecia uma traição, o poeta se renegava. Mas, na Igreja, Murilo soube fazer o seu lugar, continuando ele mesmo. E, na literatura brasileira, foi, o primeiro católico militante a não brigar com a humanidade, sendo ao contrario — uma das suas mais vivas particulas.

A poesia encontra nesta extraordinaria figura uma das suas mais legitimas e puras expressões. A sua grande obra está ainda inédita em bôa parte. Publicou no ano passado "A Poesia em Panico" que foi considerado, com a "Marilia de Dirceu", o maior momento do nosso lirismo.

No instante em que organizamos esta "Antologia", o poeta está no periodo das obras-primas, o esplendor.

BIBLIOGRAFIA:

- POEMAS (1925 - 1929) — editado em 1930.
 POEMAS (2.^a série) — 1930 - 33 — inédito.
 TEMPO E ETRNIDADE (1934) — editado em 1935.
 OS QUATRO ELEMENTOS (1935) — inédito.
 O SINAL DE DEUS (1936). (inédito).
 L'ENFANT TERRIBLE (1931 1936) (inédito).
 A POESIA EM PANICO (1936 - 37) editado em 1938,
 Cooperativa Cultural Guanabara.
 PARABOLA (1938 - 39) no prélo, Club do Livro.

CANTO DO NOIVO

Eu verei tuas fôrmas crescerem pouco a pouco,
 Verei tuas fôrmas mudarem a côr, o peso, o ritmo,
 Teus seios se dilataram nas noites quentes,
 Os olhos se transformarem quando brotar a ideia do pri-
 [meiro filho...

Assistirei o desenrolar das tuas idades,
 Guardando todos os teus movimentos.
 Já está na minha memoria a menina mãe de bonecas,
 Depois a que ficava de tarde na janela,
 E a que se alterou tanto quando me conheceu,
 E a que está perto da união das almas e dos corpos.
 As outras virão. Tuas ancas hão de se alargar,
 E os seios caídos, os olhos apagados, os cabelos sem brilho
 Hão de te arrastar para mais perto do sentido do amor,
 O' minha martir, fôrma que eu destruí, integrada em mim.

("Poemas" 1.^a serie)

HISTORIA FUTURA DO CRAVO E DA ROSA

Puseram sinais semaforicos
Puseram guardas aduaneiros
Na stratosfera.

O Cravo de letra grande
E a Rosa de letra grande
Brigaram uma bela tarde
No aparelho de televisão.

Então uma tempestade
Que desde o instante do FIAT
Se concentrara, esperando,
Lá nas gavetas do céu,
Levou as sementes do Crávo e da Rosa
Para os jardins do cáos
Onde êles cresceram
Brincaram de roda
— Papai e Mamãe —
Vestidos de rendas,
Sonhando p'ra sempre.

"Poemas" (2.^a serie)

P E N T E C O S T E S

Um vento impetuoso que ninguem sabe de onde vem
Penetra na sala rústica onde estão os apóstolos.
Sopra sobre todos, entra nêles de alto a baixo;
Imediatamente todos se comunicam e se entendem,
Ha uma transfusão de almas inesperada.
O vento sopra mais, divide-se em linguas de fogo,
O espírito dos homens, se abre e a terra se renova.
O vento continúa, formidavel, a soprar,
Sae da sala, percorre os montes, as planícies, as cidades,
Derruba os idolos, despedaça o Imperio Romano,
Levanta igrejas, conventos, laboratorios, bibliotécas, hos-
[pitais,,
Cura leprosos, resuscita agonisantes e mortos,
Inspira aos homens um desejo universal de amor,
Atravessa os tempos, continúa, circular, soprando,
Move minha alma que move meu corpo que move minha
[pena,,
Desnor-teia os construtores do mundo material,
Impele de novo os homens ao seu Fim supremo,
E continuará amanhã e até á consumação das épocas
Levando a todos o Espírito consolador e verdadeiro.

(Tempo e Eternidade)

CARTA MARITIMA

A gaivota - correio chega pontualmente
 "Corre tudo em ordem no meu corpo
 Os peixes passam o pente fino nas ondas
 Espera-se uma grande tempestade
 O monumento de areia foi inaugurado
 Com grande afluencia de siris e conchas
 As crianças soltaram um barco - papagaio
 O farol rodou uma nova côr
 Achei uma fotografia linda
 Do veleiro em que papai viajava"

(*"Os Quatro Elementos"*)

SOMOS TODOS POETAS

Assisto em mim um desdobrar de arco-iris.
 As mãos veem, os olhos ouvem, o cerebro se move.
 A luz desce das origens, através dos tempos
 E caminha desde já na frente de meus sucessores, dos ne-
 [tos de meus sucessores
 Inumeraveis como as areias do mar, as estrelas do céu, os
 [pecados do homem.
 Companheiro,
 Eu sou tu, sou membro do teu corpo e adubo da tua alma.
 Sou todos e sou um,
 Sou responsavel pela lepra do leproso e pela orbita vazia
 [do cêgo,
 Pelos gritos desolados que não se transformaram em sin-
 [fonias,
 Sou responsavel pelas alvoradas que não se levantam
 E pelas trevas que se avolumam dia a dia!

(*"A Poesia em Panico"*)

O E S T R A N J E I R O

Em toda a parte vejo esta mulher, até nas nuvens.
 O céu é um grande corpo azul e branco de mulher.
 Esta mulher não me vê, e o céu não me ouve,
 Quem recolherá meu clamor, quem justificará minha exis-
 [tencia?
 Os que esperam por mim nos degraus das igrejas,
 Nos bordeis, nas prisões, nos desertos, nos hospitais,
 Morrerão sem me vê. . . Como espalharei o consolo
 Se entrovaram meu andar, se puseram algemas nos meus
 [pulsos
 E meu olfato febril já presente as angelicas. . .
 Se a ideia de semear para outra vida
 Pesa mais sobre mim que uma cortina de chumbo!

(*"A Poesia em Panico"*)

VIVER MORRENDO

Eu preciso da paciência dos prisioneiros
Que ha vinte anos olham o azul através das grades.
Preciso da esperança de Maria
Sentinão no seio a germinação do Salvador do mundo.
Preciso me revestir da estabilidade da pedra
Para ver o movimento imovel, o deserto sem cardo..

(“A Poesia em Panico”)

O E M I G R A N T E

A nuvem em flor acolhe o passaro
Que saiu da estatua de pedra.
Sou aquela nuvem em flor,
O passaro e a estatua de pedra.
Recapitulei os fantasmas,
Corri de deserto em deserto,
Me expulsam da sombra do avião.
Tenho a sêde insaciavel,
Nenhuma fonte me basta
Amigo! Irmão! Vou te levar
O trigo das terras do Egito,
Todo o trigo que não tenho.
Egito! Egito! Amontoei
Para dar um dia aos outros.
Eis-me nú, vasio e pobre.
A sombra ardente de Deus
Não me larga um só instante.
Tirai-me o colar da febre!
Eu vos deixo minha sêde,
Nada mais tenho de meu.

(Parabola)

E S T U D O

Na tarde preguiçosa um pensamento de morte
E' doce como um pensamento de amor
Quando as sereias adejam nas ondas,
Quando as pombas brancas arrulham no telhado
E os navios chegam, não convidam á viagem,
Trazem viveres para os orfãos do terremoto.
O ar é transfigurado por sinais funestos.
Ficaremos aqui, obscura amiga,
A' espera que Deus nos abale a vontade
Com a erosão dos sentimentos, a translação da ideia
Que gira de um mundo a outro... angustiada!

(Parabola)

Felippe d'Oliveira

Santa Maria, R. G. do Sul (1891 - 1932)

Considerando a morte em relação ás possibilidades frustradas e não apenas em relação ao tempo, Felippe d'Oliveira morreu muito cedo, justamente no momento em que iria realizar o que de melhor seria licito esperar dele.

Deixou "Vida Extinta" (1911) e "Lanterna Verde" (1926).

Do grande poeta que era Felippe diz o "Epitafio que não foi gravado"

Anotou Ribeiro Conto: "Sua sensibilidade, aos vinte anos, conspirava com os meios tons, as fórmãs esbatidas, os sons reticentes, tudo que a natureza oferece de intermediario e discreto em confidencia, para os sentidos dos "ap-py few". Sob o signo de Cesario Verde e de Antonio Nobre, os poemas da "Vida Extinta" têm vagos presentimentos de morte, um gosto exquisito de cinza, uma atração sobre-natural de vultos doentios e covas abertas, como se a natureza vigorosa do poeta sentisse a ronda das certezas fatais, os amanhãs de destruição suspensos sobre as mais puras e saudáveis anatomias"

"Em "Lanterna Verde" diz Manuel Bandeira, surge outro poeta completamente despojado da sentimentalidade do primeiro livro, esforçando-se como um atleta na economia de movimentos, na precisão e nitidez dos gestos, querendo cuspir a exemplo daquela boca de chaminé na locomotiva do primeiro poema "todas as estrelas inuteis á propulsão"

A morte prematura de Felippe d'Oliveira acentuou a

desproporção entre o homem e a obra porque tornou-a definitiva. E essa desproporção, tão natural nos artistas é aqui de todo lamentável porque as possibilidades do autor do "Epitáfio que não foi gravado" — "coração de sua obra", para usar esta feliz expressão de Augusto Frederico Schmidt, — não se realizaram senão em parte.

HISTORIA LEAL DE MEUS AMORES

Eu tive a iniciação para a alegria
num templo primitivo de paisagem,
em que, num fundo aberto de bahia,
da argila das montanhas, emergia
a forma azul de um idolo selvagem.

Entreí na imensidade dessas águas,
de alma feliz, cantando em tons de tróva...
E ao batismo de um sol chispando fraguas
eu jurei esquecer antigas máguas
numa esperança ideal de vida nova..

A vida, então, logo me deu meu fado,
— meus máus designios e meus bons mistéres —
e, no decurso desse tempo andado,
os homens quasi todos tenho odiado
e tenho amado todas as mulheres.

Foste a primeira que amei, perdida..
O desse amor de inanias e segredos,
conservo ainda na bôca resequida
a saciedade farta e humedecida
dos teus beijos acidulos e azedos.

Depois, glorifiquei, como um profano,
a luxuria pagã do meu instincto,
ritmando, num delirio parnasiano,
os meus beijos lascivos de Romano
numa bôca de Venus de Corinto.

...Meu alabastro engrinaldado de ouro,
não peço mais que tu não me abandones...
Foste, no meu destino, um máo agouro:
endoudeceu me o teu cabelo louro,
nessa linda cabeça á Burne Jones...

E ao fim de tanto anseio, ao fim de tanto
intenso desvairar, de intensa febre,
tu me mandaste esse teu vulto santo,
que eu não celebro em versos neste canto,
por não haver um ritmo que o celebre.

A curva não modela, a linha, esquiva,
não esbóça, e não canta o plectro raro
teu nervoso perfil de sensitiva,
como apanhar não póde uma objetiva
o infinito de um céu lúcido e claro...

(*"Vida Extinta"*)

DESAFINAMENTOS

Eu hoje estou com as crises de Cesário...
Abafo ímpetos bruscos, esquisitos...
O meu temperamento tumultuario
é um desconchavo doido de ais e gritos.

Vou para o sol, e os seus reflexos ruivos,
da flavescencia acesa dos trigais,
tangem meus nervos desandando, aos uivos,
em desafinamentos sensoriais.

Quero coisas alegres, e a alegria
me embriaga como as eterisações...
Tento os tregeitos da bufoneria
e em vês de gestos tenho crispações.

Da minha cara de caricatura,
foi-se a ironia acidula, vermelha...
E o espelho, a refleti-la, parda, escura,
a uma tela de Góia se assemelha.

De roe-las, trago as unhas em serrilhas.
E, por andar vestido de palhaço,
quando arranho os setins e as escumilhas,
sinto a carne rasgada a pontas de aço.

Por isso, desde que tu vieste, e insistes
numas caricias que me fazem mal,
rógo que percas os teus ares tristes
e que desculpes o meu tom brutal.

Deixa que, tonta, esta cabeça louca
em infrene histeria se conflagre:
os beijos acres, que me dás, a bôca
sorve-os como se fossem de vinagre...

(*"Vida Extinta"*)

O EPITAFIO QUE NÃO FOI GRAVADO

Todos sentiram quando a morte entrou
com um fremito apressado de retardataria.

A que tinha de morrer, —a que a esperava, —
 fechou os olhos
 fatigados de assistirem ao mal-entendido da vida.

Os que a choravam sabiam-na sem pecado,
 consoladora dos aflitos,
 boca de perdão e de indulgencia,
 corpo sem desejo,
 voz sem amargor.

A que tinha de morrer fechou os olhos fatigados,
 mas tranquilos. .
 Porque os que a choravam nunca saberiam
 o rancor sem perdão de sua boca,
 o desejo saciado de seu corpo,
 o amargor de sua voz,
 a sua angustia de arrastar até o fim a alma postiça que lhe
 [fizeram,
 o seu cansaço imenso de abafar, secretos, na carne ansiosa,
 a perfeição e o orgulho de pecar.

A que tinha de morrer fechou os olhos para sempre
 e os que a choravam
 nunca souberam de alguém que foi de todos junto ao leito
 [á hora do exausto coração parar
 o mais distante,
 o mais imóvel,
 o que não soluçou,
 o que não pôde erguer as palpebras pesadas,
 o que sentiu clamar no sangue o desespero de sobreviver,
 o que estrangulou na garganta o grito dilacerado do soli-
 [tario,
 o que depoz, sobre a serenidade da morte purificadora,
 a redenção do silencio,
 como uma pedra votiva do sepulcro.

(“Lanterna Verde”)

PRESTIDIGITAÇÃO

Não houve noite mais alta. . .
 porque o céu, com todos os astros pregados,
 está suspenso entre o mar e a noite
 e a noite continua ascendente.

Pousado no circulo das aguas,
 o volume cilíndrico do luar sóbe
 e equilibra no ápice truncado
 a bola de prata da lua, lua de São João, fagulhando uma
 [chuva metálica de estrelas.

Na pauta dos tres silencios
— a noite clara, o mar, a solidão —
multiplica-se a nota liquida, redonda
do gorgulho das pás dos remos.

O canóe avança e, á cadencia, da remada,
a camiseta azul-turqueza que me veste o tronco
— á prôa, á ré.. um... dois... —
descreve o vae-vem da bolha de ar num aparelho de nivel.

O nivel do mar, no entanto, é chato e certo,
é o velho romantico para a projeção perpendicular das con-
[stelações
(que não maravilham menos por não mais guiarem os des-
[tinos).

O gorgulho dos remos gera ilhas sonoras
que acordam canções maritimas dentro de mim...

O' mar sem sereias,
ó mar deserto,
a vida das tuas areias,
o ouro das tuas areias
não valem o teu deserto...

Mas a música não sóbe,
a voz rítmada, comovida,
róla na esteira angular de meu sulco
e se estilhaça em pedaços de esféras rutilas.

Ah! mas não é! E' a noite,
a noite candida, incoerente, do inverno tropical,
a noite que desdobra nas aguas tremulas, fendidas,
o disco friavel da lua,
— é a noite, magico de Music-Hall, sob a incidencia de pro-
[jetores verticais,
fazendo saír de um chapéo vazio
um bando branco de pombas tontas.

("Lanterna Verde")

Adalgisa Nery

Rio de Janeiro, 1905

Nasceu em 29 de outubro de 1905. Estudou em colegios de religiosas na cidade de Vassouras e no Rio. Casou-se no ano de 1922 com o pintor Ismael Nery, falecido em abril de 1934. Tem dois filhos deste casamento: Ivan e Emmanuel.

De Adalgisa Nery, disse José Lins do Rego: "O caso desta jovem ilustra um drama de personalidade. O drama de quem viveu 13 anos ao lado de um homem que foi um dos temperamentos de artista dos mais absorventes que temos tido. Em Ismael Nery, o seu marido, já descobriram mais alguma coisa do que um artista, quasi que presentiram um profeta. "A resistencia á tamanha influencia, a grande afirmação da sua personalidade, que se encobria na dedicação da esposa, está nos seus poemas que são "a prova de que ela tinha e tem muita coisa de seu, de particular, de grande para dizer"

Assim é que, logo em 1935, Adalgisa Nery começou a fazer poesia, aparecendo ao público pela primeira vez em 1937 na "Revista Academica", estréia que foi um sucesso com "Eu em ti". No fim desse mesmo ano, saiu o seu primeiro livro "Poemas" (Livraria José Olímpio, distribuidora), estando já no prelo o segundo "A Mulher Ausente" (Livraria José Olímpio).

A poesia de Adalgisa Nery acusa um extraordinario poder de convicção e é sempre um largo gesto de solidariedade humana. Mesmo quando se está procurando a si mesma, Adalgisa Nery tem o pensamento na humanidade, palavra que exprime tambem (e principalmente) algo que é seu, que faz parte de seu ser.

A arte de Adalgisa Nery, se bem que cheia de feminilidade e doçura, se impõe pela força da sua angustia, verdadeiramente apocalíptica em certos momentos.

Em Adalgisa Nery não importa tanto a forma, a adequação artistica dos seus grandes temas, mas a propria substancia da sua poesia, os seus temas mesmos. Não estamos assim relegando a sua técnica tão equilibrada, apenas valorizamos o sentido da sua obra tão carregada de sofrimento.

Depois de ter viajado a Europa e o Brasil, a America do Sul e recentemente a America do Norte, Adalgisa Nery continúa viajante de si mesma para melhor se encontrar.

E Ú E M T I

Desejaria estar contigo quando eras no pensamento de Deus
Quando tua mãe te concebeu e te alimentou com sua vida.
Desejaria estar contigo na primeira vez que distinguiste as
[formas, as cores e os sons,
Na tua primeira lágrima eu quisera estar contigo e assim
[na tua primeira alegria,
Desejaria estar contigo na tua infância e na tua adolescen-
[cia acompanhando as transformações do teu físico...
Ao teu lado desejaria estar quando, do teu corpo, constatas-
[te as primeiras células reprodutoras...
No teu primeiro pudor e no teu primeiro carinho eu quisera
[estar a teu lado,
Desejaria estar contigo na noite das tuas nupcias e no mo-
[mento em que te uniste a outra mulher
Com o pensamento no teu primeiro filho...
Desejaria estar contigo no primeiro vestígio da tua velhice
E ainda desejaria estar contigo no momento da separação
[de tua alma,
Na decomposição de tuas carnes, do teu cérebro, da tua
[boca, do teu sexo,
Para poder continuar contigo no Mundo sem Espaço e sem
[Tempo!...

1937

SOU O PARTICULAR DE CADA UM

A minha fragmentação está debruçada na borda do meu ser,
Contemplando a minha extrema miséria interior
Sabendo que a solução sobre toda esta ruína que sou
Está na vontade do espírito increado e superior.
Se houve lucro nas perdas das minhas ilusões,
No descrédito de mim mesma, no erro das minhas acções,
Foram estas as únicas construções.
Desde o meu primeiro instante de vida, tenho sido
Inimiga do meu eu, me agredindo,
Me desfalcando, gradativamente me pulverizando
E me matando.
Eu sou o universal que se move,
Que tropeça, que levanta
No particular de cada um
Sem participar na responsabilidade da criação
E sem depender da vontade de ser algum.

1939

F R A G M E N T O

Se a escuridão do ventre materno
Não tivesse fecundado nos meus olhos
A angústia eterna,
As minhas carnes seriam inundadas pelo espírito resplan-
[descende

Da primeira estrela que brotou
E eu poderia correr de um lado para outro do firmamento
Com a mesma brandura dos ventos repescantes e suaves.
Eu poderia cantar bem alto sem temor
E esperar que o éco enroscasse em meus ouvidos os sons
[da minha garganta livre

Porque os meus pecados não estariam guardados em se-
[greto.

Eu seria como o orvalho que chega antes do sol
E brotaria do meu corpo o acre perfume da açucena plan-
[tada em terra negra e húmida.

A minha alegria seria como a raiz que rompe o sólo para
[receber a luz

E a minha sabedoria instruiria as mulheres por sonho
E os homens por visões!
Se a escuridão do ventre materno não me tivesse acom-
[panhado,

As minhas mãos poderiam rasgar em dois pedaços os co-
[rações

E lava-los em regatos de terras não imaginadas
Para que perdessem a memória do seu lado esquerdo.
As nascentes que mitigassem as bocas impiedosas
Seriam sacadas em seu veio apenas com o toque do meu
[dedo.

Eu teria braços como fogo, devorando com as chamas as
[árvores que abrigassem

Os que não compreendem e os que não perdoam.
Eu desceria como as nuvens das madrugadas sobre as ca-
[beças em desespero

E atrás das minhas palpebras estariam escondidas todas as
[consolações.

Não haveria ventres estereis e seios secos
Errando entre as nações.
Eu me transformaria em ar, atravessaria as grades das
[prisões

E penetraria nas narinas ofegantes dos condenados.
Eu estaria esquecida dos profetas
Que me representam em multiplas figuras.
Se a escuridão do ventre materno
Não houvesse fecundado nos meus olhos a angustia eterna
E esperado o meu Princípio me reduzindo a um momento
Eu seria então a GRANDEZA ABSOLUTA
E não um FRAGMENTO!

A AMADA E' COMO A TERRA

Agachado, com a boca bem colada ao sólo
 Fala para que a tua voz penetre na terra
 E abasteça de harmonia e de vigor o grão que vae nascer.
 Mergulha a tua voz no sólo para que os ramos dos arbustos
 Tocados pelos ventos das manhãs
 Seja um mixto de amargor e de alegría
 Acompanhando os desolados com essa melodia.
 Fala bem dentro da terra e dize palavras de consólo
 Que assim as flores terão quando brotarem
 A beleza eterna em seus perfumes e em suas cores.
 Cola a tua boca ao sólo
 E envia com os sons da tua garganta
 Os teus insuperaveis pensamentos de Unidade
 Para que eles caminhem subterraneamente
 E rebentem no meio de outros povos
 Cantando a gloria da Verdade e da Fraternidade.
 Abre com tuas mãos uma fenda na terra
 Encosta a tua boca aflita e diz bem no fundo a razão dos
 [teus tormentos
 Para que a agua e o fogo central, dissolvam os teus la-
 [mentos.
 Cola a boca no ventre da Amada
 E fala a seu corpo
 Para que os seus filhos transportem a tua harmonia pelos
 [tempos infindaveis
 E possas ouvi-la em cada homem, em cada flor,
 Na intensidade de todos os perfumes
 E nos milesimos reflexos de cada côr!...

1938

CANTICO DE MULHER

Quando eu te beijo
 E' na tua boca que eu encontro o cheiro do meu filho
 E olhando as tuas carnes
 Eu penso no misterio da fecundação.
 Quando passo minha mão em tua cabeça
 E faço escorrer os teus cabelos como agua entre os meus
 [dedos
 E' pensando no filho do meu filho
 E no misterio da continuação.
 Quando te aperto nos meus braços,
 Que encho o meu peito dos teus hombros
 Eu sinto a grandeza de dois corpos,
 E no misterioso das almas
 Eu me assombro.
 Quando falas coisas de amor
 E a tua voz se torna impetuosa, vibrante,

Eu penso na gloria das marchas,
E pensa então amado meu
Que o teu olhar se ilumina
E a tua pele humedece,
E' pensando na eternidade do mar
E nas faturas das messes.
Quando o éco dos teus passos
Corta o silencio no espaço
Eu penso na gloria das marchas,
Nos clarins de batalha e nos peitos com medalhas.
Quando te olho deitado
Livre dos teus sentidos
Abandonado á vontade
Eu fico pensando na Morte
E no misterio da Unidade!...

Rio, 1938

A U M H O M E M

Quando numa rocha porosa
Cansado te encostares
E dela vires surgir a humidade e depois a gota,
Pensa amado meu, com carinho,
Que aí está 'à minha boca.
Se teus olhos ficarem nas praias
E vires o mar ensalivando a areia
Com alegria pensa amado' meu
Num corpo feliz
Porque é só teu.
Se descansares sob uma arvore frondosa
E alem da sombra ela te envolver de ar resinoso
Lembra-te com entorpecencia amado meu,
Da delicia do meu ventre amoroso.
Quando olhares o céu
E vires a andorinha tonta na amplidão
Pensa amado meu que assim sou eu
Perdida na infindavel solidão.
A' noite quando as trevas chegarem
E vires do firmamento
Uma estrela cair e se afundar
E' sinal amado meu
Que o teu amor vae me abandonar.
Na morte, quando perderes o último sentido
E a tua propria voz

Em fôrma de pensamento
Te subir ao ouvido
Deixa escorrer a derradeira lagrima pelo teu rosto
Nascida do extremo alento do coração
E pensa então amado meu
Que ainda é um suave carinho da minha mão!

Rio, 1939

Carlos Drummond de Andrade

Itabira (Minas Gerais), 1902

Convidado a escrever minha autobiografia, relutei a principio, por me parecer que esse trabalho seria antes de tudo manifestação de impudor. Refleti logo, porém, que, sendo inevitável a biografia, era preferível que eu proprio a fizesse, e não outro. Primeiro, pela autoridade natural que me adveza de ter vivido a minha vida. Segundo, porque, praticando aparentemente um ato de vaidade, no fundo castigo o meu orgulho, contando sem ênfase os pobres e miudos acontecimentos que assinalam a minha passagem pelo mundo, e evitando assim qualquer adjetivo ou palavra generosa com que o redator da revista quisesse, sincero ou não, gratificar-me.

Isto posto, declaro que nasci em Itabira, Minas Gerais, no ano de 1902, filho de pais burgueses que me criaram no temor de Deus. Ao sair do grupo escolar, tomei parte na guerra europeia (pesa-me dizê-lo) ao lado dos alemães. Quando o primeiro navio mercante brasileiro foi torpedeado, tive que retificar a minha posição. A esse tempo já conhecia os padres alemães do Verbo Divino (rápida passagem pelo Colegio Arnaldo, em Belo Horizonte). Dois anos em Friburgo, com os jesuitas. Primeiro aluno da classe, comportava-me como um anjo, tinha saudades da família, e todos os outros bons sentimentos, mas expulsaram-me por "insubordinação mental". O bom reitor que me fulminou com essa sentença condenatoria morreu, alguns anos depois, num desastre de bonde na rua S. Clemente. A saída brusca do colegio teve influencia enorme no desenvolvimento dos meus estudos e de toda a minha vida. Perdi a Fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça dos que me julgavam. Mas ganhei vida e fiz alguns amigos

inesquecíveis. Casado, fui lecionar geografia no interior. Voltei a Belo Horizonte, como redator de jornais oficiais e oficiosos. Mario Casasanta levou-me para a burocracia, de que tenho tirado o meu sustento. De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros. Eu liquidava esses outros, mas apareciam novos. Meu primeiro livro, "Alguma poesia" (1930), traduz uma grande experiência do sofrimento e uma deleitação ingenua com o próprio individuo. Já em "Brejo das Almas" (1934), alguma coisa se compôs, se organizou; o individualismo será mais exacerbado, mas ha tambem uma consciencia crescente da sua precariedade e uma desaprovação tácita da conduta (ou falta de conduta) espiritual do autor. Penso ter resolvido as contradições elementares da minha poesia num terceiro volume, a sair em breve, e que se chamará "Sentimento do mundo" Só as elementares: meu progresso é lentissimo, componho muito pouco, não me julgo substancialmente e permanentemente poeta. Entendo que poesia é negocio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor de cotovelo, falta de pobreza, ou momentanea tomada de contáto com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, docil às modas e compromissos. Infelizmente, exige-se pouco do nosso poeta; menos do que se reclama ao pintor, ao músico, ao romancista... Mas iriamos longe nesta conversa. Entro para a antologia. — C. D. A.

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho havia uma pedra.
 Havia uma pedra no meio do caminho.
 Havia uma pedra.
 No meio do caminho havia uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 havia uma pedra.
 Havia uma pedra no meio do caminho.
 No meio do caminho havia uma pedra.

"Alguma poesia", 1930

I N F A N C I A

A Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada, cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sosinho menino entre mangueiras
lia a historia de Robinson Crusóé,
comprida historia que não acaba mais.

No meio dia branco de luz, uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu —
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha,
café gostoso,
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo,
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe, meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha historia
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

"Alguma poesia", 1930

CABARE' MINEIRO

A dançarina espanhola de Montes Claros
dança e redança na sala mestiça.
Cem olhos morenos estão despindo
seu corpo gordo picado de mosquitos.
Ela tem um sinal de bala na coxa direita,
tem o riso postiço de um dente de ouro,
mas é linda, linda, gorda e satisfeita.
Como rebola as nádegas amarelas!
Cem olhos brasileiros estão seguindo
o balanço doce e mole de suas têtas.

"Alguma poesia", 1930

POEMA PATÉTICO

Que barulho é esse na escada?
 E' o amor que está acabando,
 é o homem que fechou a porta
 e se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?
 E' Guiomar que tapou os olhos
 e se assoou com estrondo.
 E' a lua imóvel sôbre os pratos
 e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?
 E' uma torneira pingando água,
 é o lamento imperceptível
 de alguém que perdeu no jogo
 enquanto a banda de música
 vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?
 E' uma virgem com um trombone,
 uma criança com um tambor,
 um bispo com uma campainha
 e alguém abafando o rumor
 que salta do meu coração.

"Brejo das Almas"; 1934

C A S T I D A D E

O perdido caminho, a perdida estrêla
 que ficou lá longe, que ficou no alto,
 surgiu novamente, brilhou novamente,
 como o caminho único, a solitária estrêla.

Não me arrependo do pecado triste
 que sujou minha carne, como toda carne.
 O caminho é tão claro, a estrêla é tão larga,
 os dois brilham tanto que eu me apago neles.

Mas certamente pecarei de novo
 (a estrêla se cala, o caminho se perde),
 pecarei com humildade, serei vil e pobre,
 terei pena de mim e me perdoarei.

De novo a estrêla brilhará, mostrando
 o perdido caminho da perdida inocência.
 E eu irei pequenino, irei luminoso
 conversando anjos que ninguém conversa.

"Brejo das Almas" 1934

OS MORTOS DE SOBRECASACA

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intole-
[ráveis,
alto de muitos metros e velhos de infinitos minutos,
em que todos se debruçavam
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos
[retratos.

Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava
que rebentava daquelas páginas.

1935

ROMARIA

A MILTON CAMPOS

Os romeiros sobem a ladeira
cheia de espinhos, cheia de pedras,
sobem a ladeira que leva a Deus
e vão deixando as culpas no caminho.

Os sinos tocam, chamam os romeiros:
Vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.
Um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam com o vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira maguado.
Faz tanto calor, ha tanta algazarra.
Nos olhos do santo ha sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja ha pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambusa de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu bom Jesus que tudo podeis,
humildemente te peço uma graça.
Sarai-me, Senhor, não dessa lepra
mas do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor meu amo, dai-me dinheiro
muito dinheiro para eu comprar
aquilo que é caro mas é gostoso
e na minha terra ninguém não possui.

Jesus meu Deus pregado na cruz,
me dá coragem pra eu matar
um que me amola de dia e de noite
e diz gracinhas pra minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.
Porque me perseguem não posso dizer.
Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

Os romeiros pedem com os olhos
pedem com a boca, pedem com as mãos.
Jesus, já cansado de tanto pedido,
dorme sonhando com outra humanidade.

"Alguma poesia", 1930

LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azues, roseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
uma menina atravessou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo
[em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu. Não era proibido!
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo!

Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde de 11 horas.
Ela esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no
[jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs, naquele tempo!!!

1939

BOLERO DE RAVEL

A alma cativa e obcecada
enrola-se indefinidamente numa espiral de desejo
e melancolia.
Indefinida, indefinidamente..
As mãos não tocam jamais o aéreo objeto,
esquiva coisa, ondulante, evanescente, frágil.
Os olhos, magnetizados, escutam,
e no círculo ardente nossa vida para sempre está presa,
está presa...

Os tambores abafam a morte do Imperador.

Inédito, 1939

Jorge de Lima

União (Alagoas), 1895

JORGE DE LIMA nasceu em Alagoas a 23 de Abril de 1895. Aos dezeseite anos publicou os primeiros versos de feição lírica considerados erradamente por muitos como parnasianos. Datam desta época o "Acendedor de Lâmpêões" e outras poesias metrificadas e rimadas. Aos vinte anos época de sua formatura em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro publica o seu primeiro livro conjuntamente com uma tese científica. O título do livro de poesia era "XIV Alexandrinos" Apenas publicado este primeiro livro de metro regular, reconhece que a poesia nacional caía num impasse difícil de superar; e procurando resolver tal impasse, só em 1925 reaparece com o seu primeiro livro de poemas modernistas rompendo definitivamente com as suas antigas normas literárias. A sua nova poesia tem sido uma constante renovação, uma contínua inquietação em que vem cultivando a poesia regional nordestina, brasileira, a poesia de feição proletária, a poesia puramente lírica, a poesia negra ("Negra Fulô", "Pae João", "Madorna de Yayá", "Comidas" "Olá Negro", "Serra da Barriga", etc.), a poesia de fundo religioso que recentemente, em prefácio de sua última obra — Georges Bernanos acha que não é cristã, ou melhor que "elle l'est comme elle doit l'être, librement". Conta deste geito em sua obra literária — oito tomos de poesia: "XIV Alexandrinos", (1920), "Poemas" (poemas nordestinos), "Novos Poemas", "Banguê e "Nêgra Fulô", (1930), "Tempo e Eternidade" (1935), "A Túnica Inconsútil" (1938), "Poemas" (com produções de fases

anteriores e inéditos, vertidos para o espanhol, com prefácio de Georges Bernanos).

Jorge de Lima tem cultivado os mais variados ramos literários; romance: "O Anjo" e "Calunga"; ensaio: "A Comédia dos Erros", "Dois ensaios" (1929); "Anchieta" (1937); "Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien" (Leipzig) 1934; história: "História da Terra e da Humanidade" (1937), "História de São Francisco de Assis", para crianças (inédito); traduziu os Judeus de Jacques Maritain, Claudel e outros, e "Mort, où est ta victoire" de Daniel Rops. O editor José Olímpio anuncia ainda para este ano o seu último romance: "A Mulher Obscura" Foi durante muitos anos professor de literatura luso-brasileira no Ginásio de seu Estado natal e na Universidade do Distrito Federal; é atualmente professor da mesma disciplina na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

Obras escritas sobre a sua poesia: "Esse Jorge de Lima" de Benjamin Lima e "A Poesia de Jorge de Lima" do crítico português Manuel Anselmo.

Ha estudos de Mario de Andrade, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, Marcel Brion, Gaston Figueiras, Agripino Grieco, João Ribeiro, Andrade Murici, Nestor Vitor, Humberto de Campos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Otavio Tarquinio, etc. Em principios de 1940 Jorge de Lima lançará um novo livro de poemas com uma direção totalmente diferente das precedentes.

CONVITE DE SALOMÃO

Apressa-te amiga minha, querida minha e vem olhar
[a manhã.

A manhã mais do que nunca está de uma vastidão imensa.
E nem sei se o limite dela serão aqueles passaros lá longe.
Vês, querida minha?

Subiremos ao monte da mirra e ao outeiro do incenso;
as sombras não declinarão, a manhã banhará teus peitos
[de suavidade.

A manhã está tão vasta que o sol recuou e os montes fica-
[ram baixos.

Só tú és grande ante a grandeza de Deus.

Que airosos são teus passos amada minha, parecem aque-
[las aves

voando longe nos limites da manhã.

Amada minha, querida minha não procuremos saber o que
[ha atraz da manhã
porque o tempo de depois é escuro como um poço e não
[tem horas para o amor.

E's amiga minha, alta como essa manhã, clara como esse
[momento

sem horas, suave como esse outeiro de flôres.

A manhã mais do que nunca está de uma vastidão imensa

porque as chuvas desertaram do tempo e o sol recuou para
[traz do monte de nuvens.
O' perfectissima entre as mulheres, a tua perfeição não
[passa.
Nós não sabemos onde é a morada do tempo e o inverno
[não existe nessa manhã imensa.
Essa manhã não conhece a morte, amada minha, e os pas-
[saros vão subindo para o sol, para alargar a claridade.
Amada minha, querida minha, só tú és grande ante a gran-
[deza de Deus.

(Tempo e Eternidade)

A ESTRELA E O POETA

Duas de suas irmãs são inteiramente loucas,
outras tres ainda não nasceram neste parque do céu.
Na longinqua e misteriosa luz vejo apenas os seios
e nas noites serenas os olhos desta extraordinaria estrela.
Uma das minhas solidões repousa no lateo mar de seu
[ventre;
e só depois é que os olhos dos pastores e dos nautas
se alimentaram dela.
Bem sei que Ptolomeu e os Persas a quizeram prostituir:
preferiu entregar-se ás serpentes sagradas
a ser uma constelação inutil.
Ela aspira a vida eterna, meu Deus!
Em certos ocasos de inverno eis que se muda em navio,
em cabeleira ou em Ofelia:
penso que vae me trair ou enlouquecer
ou que está representando neste vasto teatro.
Na verdade é apenas uma constelação cristã
formada nos primeiros dias,
com a apparencia de cisne, de chama ou de duna
em que repousa um de meus horizontes.
Ela aspira a vida eterna, meu Deus!
Se a tiveres de transformar,
transforma-a em Agua ou em perola de teu manto
ou em poeira de prata para os teus pés!
Se a queres extinguir, adormece-a primeiro,
para que o reflexo de seu cadaver sempre ilumine a terra.
Se a queres mudar de posição,
aproxima-a de meus labios.
Se a queres possuir nada te posso negar.
Porem ela aspira a vida eterna, meu Deus!
Sei que não compreendo tuas experiencias
e se a quizeres apagar,
podes muito bem apagar os meus olhos,
decepar minha cabeça
ou me transformar simplesmente num corvo.

Mas nunca no teu esquecimento! mas sempre na tua me-
[moria!
na tua visão, no teu pensamento!

(Inédito)

A L I N E

O avô tinha sido um ancião convencional
que se enterrou de redingote e polainas;
e a avó — uma menina palida que morreu ao pari-la;
o pai fez algumas baladas,
e contam que tinha uma luneta para olhar ao longe.
Daí, — a mão dobra a pagina do livro,
e a historia da tataraneta fecha com uma estocada no
[ventre:
ha destinos travados, lenços quentes de lagrimas,
algum incesto, uma violação sobre um sofá antigo...
Quando a mão dobra a pagina, ha rastros de sangue no
[soalho.

Esta é a mais nova das cinco.

Veja que os seios são como a neve que nós nunca vimos
e ninguém nunca viu o pai que lhe fez um filho;
e o filho desta menina é este moço de luto.
Agora vire a pagina e veja o anjo que ele possuiu,
veja esta mantilha sobre este ombro puro,
veja estes olhos que parecem contemplar as nuvens
atravez da luneta avoenga. Veja que sem o fotografia querer
as cortinas dão a impressão de caras impressionantes
por detrás da gravura: um estudante de cavanhaque e ou-
[tro de capa.

E olhe bem o braço que ninguém sabe de onde
circumda o busto da moça e a quer levar para um lugar
[esconso.

Fixe bem o olhar com o ouvido á escuta
para perceber a respiração grossa,
os gritos, os juramentos..

A saia negra parece um sino de luto,
e o decote é a náu que a levou para sempre.
E este fundo de agua pode ser o mar muito bem,
mas pode ser as lagrimas do fotografia.

(Inédito)

O D O C E V A L E

Os grandes poemas ainda permanecem intactos,
e as grandes palavras musicais dormem nas linguas gagas.
Foram ouvidas apenas algumas lamentações
mas precisamos de blasfemias que estremeçam o Senhor
ou de delírios da mais incruenta febre

ou então de gestos humildes que arranquem uma palavra
[d'Ele.
Entretanto disponho de uma constelação de braços para
[trazer-vos aqui,
peitos de todas as côres e de todas as tatuagens.
E' aqui neste vale que se conjura a raiva
e onde o amigo vai e volta sempre na orbita da amiga,
e quem dorme, dorme socegado, sexo com sexo oposto,
sem pavor de adulterio, de incesto
ou de outros ambiguos climas.
E' aqui que se efetiva esta urgencia divina
que me une aos que morreram, e aos que se lavam em cha-
[mas.
E' aqui onde desaguam os rios,
e onde os rios se surpreendem de haver terminado.
E as azas empreendem seus vôos,
e a maternidade nunca é mutilada,
e as vozes mais tenras resoam pelo interior do vale!
Aqui todos os seres têm as orbitas profundas donde as es-
[trellas nascem,
e aos labios de qualquer virgem se oferecem jovens labios,
e dos ventres brota humus — gloria da Mesopotamia
que o Senhor fez irrigar com sua saliva sacra.
A' noite as flôres são visceras
e pulsam como sanguineos vasos;
muitas descem da encosta para fecundar os peixes que pela
[manhã são aves.
Se sois virgens nascerão de vossos flancos
constelações de gemeos
que imediatamente se transformam em constelações de
[amigos
e se conjugam num sistema solar
que só ha nas cartas deste fecundo vale!
Se tendes um filho ou dois,
eles se desdobrarão de lado
porque o sopro divino ainda se infunde no barro
e repousa sobre as primeiras aguas.
Mas quando chegar o setimo dia
descancemos para olhar abraçados,
pupila contra pupila, dentro dos nossos seres,
a historia da Creação começar outra vez.

(Inédito)

M I R A C E L I

Em Dezembro, de subito ela se tornará visivel.
Estai alerta portanto desde o amanhecer do dia.
E' Mira-Celi que vem para viver convosco!
Navegantes pensarão que é um navio fantasma.
Pensarão as donzelas em seus gemeos futuros.

Os pastores pensarão que é o cordeiro sumido.
 Mas é apenas Mira-Celi se tornando visível.
 Se tendes as mãos azinhavradas
 não a vereis jamais.
 Se vossa mente possui alguma sinistra idéa
 não a vereis jamais.
 Se vosso dorso se curvou a um tirano qualquer
 ficareis cegos de nascença.
 Porque Mira-Celi nunca se mostrará
 enquanto ela avistar manchas em nossa terra.
 Quando ouvirdes então um rumor vindo do fim do mundo
 sabereis que os falsos deuses começaram a tremer.
 Mira-Celi vem vindo sobre as águas, no ar.
 Os lábios de Mira-Celi tocarão vossos lábios.
 Ficareis em eclipse entre Mira-Celi e o mar!

(Inédito)

DIABO BRASILEIRO

Enxofre, botija, galinha preta!
 Credo em cruz, capeta pé de pato!
 Diabo brasileiro, dente de ouro, botija, onde está?
 Credo, capeta, pé de pato!
 Diabo brasileiro quero saber quando dá
 a dezena do carneiro?
 Enxofre, botija, galinha preta!
 Credo em cruz capeta, pé de pato!
 Capeta, dente de ouro, tome galinha preta,
 que eu quero dormir com a Zefa!
 Capeta, bode preto, quero dormir com a Zefa!
 Capeta, diabo brasileiro, só lhe dou galinha preta!
 Capeta, quero casar com Zefa, quero que São Vigário
 me case logo com a Zefa!
 Capeta tome galinha preta!
 Capeta, diabo brasileiro, quando dá
 a centena do macaco?
 Quero quebrar banqueiro, capeta danado, pé de pato,
 dente de ouro, cheiro de enxofre, tome galinha preta!
 Capeta, pé de pato, quero acertar com o bicho,
 quero comprar gravata, botira de bico fino,
 terno de casemira pra quando a Zefa me vê!
 Capeta, pé de pato, tome galinha preta!
 Capeta, pé de pato, dente de ouro, quero dente de ouro,
 quero capa de borracha, punho engomado, camisa,
 bengala castão de ouro, capeta, pé de pato,
 tome galinha preta!
 Quero saber suas partes, suas sabedorias,
 quero saber mandingas,
 capeta, pé de pato, tome galinha preta,
 que eu quero quebrar banqueiro, que eu quero tirar botija,

que eu não quero trabalhar, que eu também sou brasileiro!
Capeta, tome galinha preta,
que eu quero saber cantigas,
quero saber martelo, quero ser um cantador,
capeta, quero dizer á Zefa essa quentura de amôr!
Capeta, tome galinha preta, que eu quero casar com a Zefa!
Por Deus, que eu quero, capeta, pé de pato!
Tome galinha preta!

(*Poemas Escolhidos*)

A NOITE DESABOU SOBRE O CAES

A noite desabou sobre o caes
pesada, cor de carvão.
Rangem quindastes na escuridão.
Para onde vão essas náus?
Talvez para as Indias.
Para onde vão?

Capitão-mor, capitão-mor,
quereis me dizer onde é que fica
a ilha de S. Brandão?

A noite desabou sobre o caes
pesada, cor de carvão.
Rangem quindastes na escuridão.
Donde é que veem essas náus?
Donde é que veem?

Serão caravelas? Serão negreiros?
São caravelas e são negreiros.
Ha sujos marujos nas caravelas.
Ha estrangeiros que ficaram negros
de trabalharem no carvão.

Saltam emigrantes embuçados,
mulheres, crianças na escuridão.
De onde vem essa gente?
Não ha mais terras de Santa-Cruz gente valente!

O' indesejaveis qual o país,
qual o país que desejais?
Como é o nome dessas náus
que não se lê na escuridão?
Vão descobrir o Preste João?

Na minha geografia existe apenas
perdido no mar o cabo Não.

A noite desabou sobre o caes
pesada, côr de carvão.

Essas náus vão para o Congo?
 Castelo de Sagres ficou aonde?
 Capitão-mor perdi-me no mar.
 Onde é que fica a minha ilha?

Para onde vão os degredados,
 os que vão trabalhar dentro da noite,
 ouvindo ranger esses guindastes?
 Capitão-mor que noite escura
 desabou sobre o cáes,
 desabou nesse cáos!

(*"Tempo e Eternidade"*)

NA CARREIRA DO VENTO

Lá vem o vento correndo
 montado no seu cavalo.
 Nas azas do seu cavalo
 vem um mundo de vassalos,
 vem a desgraça gemendo,
 vem a bonança sorrindo,
 vem um grito reboando,
 reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
 montado no seu cavalo.
 Nas azas do seu cavalo
 vem a tristeza do mundo,
 vem a camisa molhada
 de suor dos desgraçados,
 vem um grito reboando,
 reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
 montado no seu cavalo.
 Nas azas do seu cavalo
 vem um mundo amanhecendo
 vem outro mundo morrendo.
 Ligando um mundo a outro mundo
 vem um grito reboando,
 reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
 os seculos correndo atraz.
 Lá vem um grito de Deus
 e um grito de Satanaz.
 Ligando um grito a outro grito
 vem a vida, vem a morte
 vem o vento reboando,
 reboando, reboando.

Lá vem o vento reboando
com seus cavalos motores
voando nos aviões.
Lá vem progresso, poeira,
carreira, velocidade,
Lá vem nas azas do vento,
o lamento da saudade
reboando, reboando.

Lá vem o vento correndo
montado no seu cavalo.
Quem vem agora é um menino
montado no seu carneiro.
Parai ó vento, deixai
repousar o cavaleiro.
Mas o vento vem danado
reboando, reboando.

(*“Tempo e Eternidade”*)

LÂMPADA MARINA

As noites ficarão imensas.
A tristeza das coisas será cada vez mais profunda.
Agora passeias nos jardins intemporais.
E aqui, as noites serão imensas
e a solidão do mundo terá uma estatura infinita.
Vejo-te desaparecendo, como arrastada por linhas
[divergentes.
desfazendo-te misteriosamente como uma sombra, na
[tarde.

Bruxoleias muito longe, lampada marina,
sob a última ventania que te varreu da terra,
As noites ficarão imensas, ah, ficarão imensas!
Imovel, jazes entretanto, recostada e serena
e tudo ainda está em ti : a mesma boca amarga,
os mesmos olhos imprecisos, os mesmos cabelos
de teus inúmeros retratos.

E através desta inimaginável quietude serena
desdobra-se a tua meninice e ainda guardas as mãos
[translucidas
da primeira comunhão, os lábios tímidos de noiva
[quase impubere
e a sequência fotográfica de quando ampliaste os
[teus seios
e teu ventre e tua alma para conter um filho
Ah! as noites serão imensas,
e a tristeza das coisas encherá o mundo!
Agora frequentas os tempos inextensos e ilimitados
[de Deus,
mas ainda repousa teu corpo na última noite que te
[arrastou da vida.
São os mesmos seios, a mesma fronte, a mesma boca
[desmaiada,
a mesma sequência de retratos que se interrompeu
[emfim.
Mas não há um só pedaço de carne nem um membro
[sequer que te pertença mais.
Deus te raptou em tua totalidade.
E enquanto tudo em ti parou para nós,
tú és a dansarina que Ele arrebatou dos homens e
[absorveu em Si.

E as noites ficarão imensas e mais tristes.

(“A *Túnica Inconsutil*”)

O NOME DA MUSA

Não te chamo Eva,
não te dou nenhum nome de mulher nascida,
nem de fada, nem de deusa, nem de musa, nem de
[sibila, nem de terras,
nem de astros, nem de flores.
Mas te chamo a que desceu do luar para causar as
[marés
e influir nas coisas oscilantes.

Quando vejo os enormes campos de verbena agi-
[tando as corolas,
sei que não é o vento que bóle mas tu que passas com
[os cabelos soltos.
Amo contemplar-te nos cardumes das medusas que
[vão para os mares boreaes.
ou no bando das gaivotas e dos pássaros dos polos
[revoando
sobre as terras geladas.
Não te chamo Eva,
não te dou nenhum nome de mulher nascida.
O teu nome deve estar nos labios dos meninos que
[nasceram mudos,
nas areias movediças e silenciosas que já foram o
[fundo do mar,
no ar lavado que sucede as grandes borrascas,
na palavra dos anacoretas que te viram sonhando
e morreram quando despertaram,
no traço que os raios descrevem e que ninguem nun-
[ca leu.
Em todos esses movimentos ha apenas silabas do
[teu nome secular
que coisas primitivas escutaram e não transmitiram
[às gerações.
Esperemos, amigo, que searas gratuitas nasçam de
[novo
e os animais da criação se reconciliem sob o mesmo
[arco-iris :
então ouvireis o nome
da que eu não chamo Eva
nem lhe dou nenhum nome de mulher nascida.

(“A Túnica Inconsutil”)

Oneida Alvarenga

Varginha (Minas Gerais)

Oneida Alvarenga é mineira, de Varginha. Ainda menina foi para São Paulo estudar música. Coursou com destaque o Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo, sendo seu professor Mário de Andrade. Talvez deste companheiro mais velho que a guiava, tomou a poetisa o gosto pelos estudos de musicologia em que se especializou. Na sombra dos seus descansos, Oneida Alvarenga fazia versos que não mostrava a ninguém. Uma feliz indiscreção materna é que levou ao conhecimento de alguns poetas os seus primeiros versos.

Pouco depois, já diplomada pelo Conservatório de S. Paulo, Oneida Alvarenga voltava à sua cidade natal levando consigo a intenção de lecionar piano, estudar o folclore musical de sua terra e conviver de longe com os seus amigos poetas. Já então preparava o volume de poemas da "Menina Bôba" Chamada a S. Paulo para montar a Discoteca Pública do recém-formado Departamento Municipal de Cultura, trouxe consigo excelente documentação folclórica e os seus versos. Logo estes eram revelados ao público pela primeira vez por Manuel Bandeira. Ao mesmo tempo que dava à Discoteca uma organização modelar, publicava o seu estudo folclórico sobre os "Cateretês Mineiros" obra exemplar da nossa musicologia pelo seu alto cunho científico. Hoje Oneida Alvarenga quase que se dedica exclusivamente aos seus trabalhos musicais que a desviam muito da poesia. Mas não será possível à sensibilidade lírica de Oneida Alvarenga emudecer seus cantos, em que a excepcional perfeição da forma guarda tons de uma delicadeza admirável.

Para terminar, uma curiosidade: a “Menina Bôba” jamais deu um título a qualquer dos seus poemas. Recorre sempre a amigos para batizá-los. E realmente há um sentido profundo nesta incapacidade. Os poemas de Oneida Alvarenga se distinguem por uma espécie de falta de assunto definido — momentos rápidos de sensibilidade que ela focaliza em pleno vôo. E esta é a característica mais deliciosa da sua poesia.

Carrego o último raio de sol dentro de mim.
Me embebedo de paz.
A tarde me enrola em frescura,
Me alargo no perdão de tudo,
Me desfolho de leve sobre o mundo.

Fico solta no ar, perdida no espaço,
Dissolvida num perfume de magnólias,
E o vento me atira pra todos os cantos.

Há em mim ternura pra todos os seres,
Me desdobro por tudo o que existe.
Estendo os braços para vós, aves de S. Francisco,
E vos guardo na minha mansidão.

(N.º XVI *da Menina Boba*)

* * *

Eu queria cair na tua vida
Fresca, leve, translúcida
Como um pingo de chuva
Que fica numa flor.
Ser um vago perfume de rosas
Que entra por uma janela escancarada.

Porque quiseste aspirar o meu perfume ?
Porque te embriagaste ?
Antes fechasses a janela
E esquecesses o rosal em florescência.

(N.º I *de Asa Ferida*)

* * *

Teus ombros atraem minha cabeça
Com o apelo manso do repouso.
Teus braços são agasalhantes como um beiral
Que recolhe andorinhas à tarde.

Eu queria ficar. Mas porque o céu
Vos chama assim, andorinhas doidas?

(N.º II de *Asa Ferida*)

* * *

Eu te esperei na hora silenciosa.
Mas veio só a monotonia da solidão interminável.

E havia rosas na luz morna do fim do dia,
E minha boca era mais leve do que a luz.

(N.º I de *A Menina Exhausta*)

* * *

O vento levanta de leve a cortina.
Entram vozes de crianças brincando,
Entra a noite, um pedaço de céu.

A tua lembrança é como a harmonia leve
Dos gestos brancos da cortina.

(N.º VI de *A Menina Exhausta*)

* * *

Se eu fosse um froco de paina
Agora o vento me embalaria
No meio da noite,
Depois me punha pra dormir
Nalguma rama generosa.

(N.º VII de *A Menina Exhausta*)

* * *

És como um sossego de fim de tarde.
É por isso que junto de ti eu sou tão boa,
Tenho a leveza de um sino que cantasse no ar.

És como um sossego de fim de tarde.
E eu me acolho na paz que vem de ti.

(N.º IX dA *Menina Exhausta*)

Gosto das coisas mansas,
Das coisas tristes que sabem sorrir.
Dos gestos irremediáveis
Que têm a serenidade de folhas mortas que caem.
Das vozes que perderam a memória dos soluços
E são como água de fonte
Que ninguém saberá se chora ou ri...

(N.º IX dA *Menina Exhausta*)

O U T O N O

Volte a hora do amor, a hora humilde,
A hora criadora, a hora fecunda,
Voltem as brisas mornas de outros tempos,
E o cheiro dos jasmims, que os vendavais
Arrancaram da terra.

Volte o silêncio azul das tardes longas,
Voltem os sons puríssimos dos sinos,
Volte o desvairamento harmonioso
Das asas leves se agitando rápidas
Por um céu de abril.

Volte o grito agudo com que o corpo moço
Chamava loucamente o amor sonhado.
Volte a ternura extasiada e mansa
Caindo sobre as coisas.

E volte o coração que não provara
A deshumanidade amarga do ódio.

(*Inédito*).

O A N I V E R S Á R I O

O traje novo que eu desejei
Seria claro, leve, inconsutil,
Teria raios de sol perdidos,
Teria cheiro de campo agreste.

Com essa amavel túnica branda
 Eu dansaria pelos caminhos,
 Aérea, fluida, fantasmagórica
 Casada às aves e à ventania.

Meus gestos suaves se moveriam
 Seguindo o embalo verde dos ramos
 Meu corpo eurítmico encerraria
 A ingenuidade profunda e lírica
 Da água mansa e humilde das fontes.

.....

Foram-se as horas, foram-se os dias,
 Foram-se os sonhos. Naquela estrada
 Por onde andei na inquieta procura
 Do traje claro, leve, inconsutil,
 O sol morrera. Na noite eterna
 Havia corpos despedaçados,
 Vozes gemiam gemidos roucos,
 Lobos uivavam gelando a treva.

E a noite enorme vestiu-me inteira
 De uivos de lobos, corpos ragentes,
 Roucos gemidos, roucos gemidos,
 Roucos gemidos.

(Inédito).

Onestaldo de Pennafort

Distrito Federal, 1902

Natural do Distrito Federal, onde nasceu em 1902. Com o curso de humanidades, fez o de Direito, não chegando, porém, a bacharelar-se. Tendo militado desde muito moço na imprensa, colaborou em diversos jornais e revistas, da capital e dos Estados.

Estreiou aos dezenove anos, com os **Escombros Floridos** (1921). Publicou em seguida: **Perfumes e Outros Poemas** (1924); **Interior e Outros Poemas** (1927); **A Mulher do Destino** (1928); **Espelho d'Água-Jogos da Noite** (1931), **Festas Galantes**, tradução em versos das **Fetes Galantes** de Paul Verlaine, (Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1934), além de artigos, ensaios; poesias e versões esparsas em periódicos do Rio e dos Estados.

Tem no prelo a tradução integral, em prosa e verso, da tragédia de Shakespeare **Romeu e Julieta**, obra de edição do Ministério da Educação.

Tem a publicar: **Poesias; O Mysterio Poetico** (prosa); **A Cidade Morta** (tradução da tragédia **La Città Morta**, de Gabriel D'Annunzio); **Grinalda Verlaineana** (poesias escolhidas e traduzidas de Paul Verlaine).

Ex-funcionário dos ministérios da Agricultura, da Justiça e da Fazenda, é hoje funcionário do Banco do Brasil.

A CANÇÃO DA FELICIDADE

Não foste feita para mim, felicidade!
 O sorriso que levas a outras bocas
 e que as enche das ilusões mais loucas,
 veem a mim sob a forma de saudade.

Saudade do que nunca tive, da ventura
 que todos conseguiram, menos eu.
 Saudade de uma estranha criatura
 que devia ser minha e já morreu.

Nunca pensei que a vida fosse assim
 tão vazia, tão áspera e tão triste!
 Será verdade que o prazer existe?
 Felicidade, não tens nada para mim?

Será possível que na tua taça
 nem ao menos me reste um pouco desse vinho
 que dás aos outros a beber, pelo caminho
 onde minha alma, quase morta, passa?

Ai, vinho que embriagas mais que tudo,
 ai, lábios de mulher que eu não beijei!
 Mãos amorosas, mãos macias de veludo
 que me espancaram, quando desejei!

Felicidade! sonho azul da mocidade!
 Ânfora cheia do perfume de mil bocas,
 perfume chelo de carícias loucas,
 eu só conheço a tua irmã saudade!

Não fostes feita para mim, felicidade!

(*Escombros Floridos*, Tip. Bernard

Freres, Rio, 1921, pág. 13-14)

S U A M Ã O

A mão do meu suave amor é leve
 como uma asa de pássaro a voar.
 Tem todas essas curvas que descreve,
 pelas areias úmidas, o mar...

De longe, às vezes, num adejo breve,
a alma me afaga, me afagando o olhar.
Mão que se cobre de um palor de neve
Se acaso tento os dedos seus beijar.

Ninguém diria que essa mão serena,
que tanta força tem, sendo pequena,
pode, num gesto de emoções febrís,

mudar o curso das eternidades,
desmoronar impérios e cidades,
erguer montanhas... me fazer feliz!

(Ibidem, pág. 21-22)

S I L Ê N C I O

4

Ao crepúsculo, misteriosamente...

Volúpia de dizer teu nome
vagamente... surdamente...
como se o não dissesse...
como se o ouvisse...

Volúpia de ver-te ante meus olhos,
ó longínqua!
tal como não és...
tal como és, quando não vens...

Volúpia de beijar tua boca
num êxtase imaterial...
como se a não beijasse...
como se osculasse um beijo...

Tristeza de saber tua beleza
em mim, eternamente,
como num vazio...

(Perfume & Outros Poemas, Ed.

Pimenta de Melo & Cia., Rio.
1924, pág. 25-26)

I N T E R I O R

Je t'apporte l'enfant d'une nuit d'Idumée.

Stéphane Mallarmé.

**J'arrive tout couvert encore de rosée
Que le vent du matin vient glacer à
mon front.**

Paul Verlaine.

Eu te trago, ainda frescas e orvalhadas
da noite e do silencio das estradas
êrmas, por onde vim com o pensamento
cheic de ti e de arrependimento,
estas flores silvestres que trescalam
perfumes fortes como as bocças falam.
Colhidas, como sonhos, no caminho
em que voltava para o teu carinho,
que ellas te digam a ternura ansiosa
que houve na grande noite harmoniosa
que fez o esquecimento e fez as flores
do silencio das horas interiores..
E, de aspiral-as, sentirás no ouvido
um barulho de folhas, um zumbido
de asas e uma frescura de agua bôa
como um olhar suave que perdôa...

(Ibidem, pág. 28-29)

A R T E P O E T I C A

Da janella de onde olha a paisagem lá fóra,
a ouvir o borbulhar da agua que canta e chora
por sob as pontes, num eterno diapasão,
como si o rio fosse a musica do chão,
o poeta sonha.

Desce a noite nas calçadas.

Alguem passa a assobiar umas notas trinadas.
O ar amortece.. A briza é terna como um beijo,
nos olhos... E, ao sabor da briza, sem desejo,
sem anstas e sem dor, erra o seu pensamento,
vadiante, como um passaro ao relento...

Pouco a pouco, porém, a doçura da tarde
que os contornos suavisa e que as folhas encarde,
e esse esparso languor da hora crepuscular,
em que tudo parece extático a sonhar,
acordam na sua alma ignota melodia:
memória.. evocação.. delícia... nostalgia...

Silêncio, Arfa na sombra a voz das cousas, lassa:
tremulos de asas, sons, ruidos, onde passa
a eterna inquietação do crepusculo... E quando,
no céu amplo e disperso,
nasce a primeira estrella scintillando,
nasce o primeiro verso...

(Espelho d'Água-Jogos da Noite,

Ed. Terra de Sol, Rio, 1931, pag. 75-76)

ROMANCE DA FONTE E DA LUA
OU
O ARTISTA

**E chorava e estava cantando
e eu muy passo fuy-m'achegando
pol-a oyr..**

No jardim, si a hora o vestia
do sol quente que queimava,
no jardim cantarolava
uma fonte que vertia
prata mais que agua jorrava.

E no canto que fazia,
com tal tristeza cantava,
que quem o canto escutava,
que não cantava dizia,
antes que a fonte chorava.

E no choro que fazia,
chora alguém que não voltava,
que enquanto o dia durava,
sua ausencia duraria...
Pelo que a fonte chorava.

E o jardim, si a hora o vestia
do sol quente que queimava,
com a noite se mantelava,
logo do sol se despia,
como que o não desejava.

E com a noite que o envolvia,
 como a um rei veste uma escrava,
 logo a lua despontava,
 logo na fonte se via,
 na fonte que tanto a amava.

E o corpo de prata fria
 na prata d'água lavava,
 o torso, os seios mirava,
 como Narciso fazia,
 que a si proprio namorava.

E, enquanto não vinha o dia,
 a fonte que a retratava,
 que nunca mais a deixava,
 á fonte a lua dizia. .
 Pelo que a fonte cantava.

E no canto que fazia,
 com tal tristeza cantava,
 que quem o canto escutava,
 que não cantava dizia,
 antes que a fonte chorava.

E no choro que fazia,
 como já se lamentava,
 que si o dia despertava
 a lua não mais veria. .
 Pelo que a fonte chorava.

E o jardim, si a hora o vestia
 do luar que prateava,
 o ouro do dia buscava,
 logo do luar, se despia,
 como que o já fatigava.

E com o dia que surgia
 ardendo qual uma lava,
 logo a lua se occultava,
 logo o sol apparecia. . .
 Pelo que a fonte chorava.

Fonte de melancolia,
 que com tanto amor amava,
 que nunca feliz estava:
 chorava quando era dia
 e si era noite chorava.

Mas no choro que fazia,
 com tal belleza chorava,
 que quem o choro escutava,
 que não chorava dizia,
 antes que a fonte cantava.

Vinicius de Moraes

Distrito Federal, 1913

Vinicius de Moraes estreou nas nossas letras publicando na revista "A Ordem" em 1932, um longo poema "A Transfiguração da Montanha", sem despertar a atenção dos críticos. Um ano mais tarde, porém, o seu primeiro volume de versos, "O Caminho para a Distancia" (Schmidt, editor 1933) merecia de uma grande parte da nossa crítica os mais altos elogios.

Analisado, discutido, "O Caminho para a Distancia" revelava no jovem poeta as maiores possibilidades. Foi o que, aliás, o seu livro seguinte, "Forma e Exegese" (Irmãos Pongetti, 1935) veio confirmar decisivamente, mostrando em Vinicius de Moraes um poeta em plena posse de seus dons, seguramente um dos maiores entre seus contemporâneos.

Premiada pela sociedade Felipe d'Oliveira com o seu premio anual, aplaudida por quasi todos, **Forma e Exegese** valeu ao seu autor uma verdadeira consagração no nosso meio literario. A publicação de uma pequena **plaquette**, "Ariana, a Mulher" (Irmãos Pongetti, 1936), deixou a nossa crítica mais ou menos indiferente, não obstante terem sido muitos os que viram, desde logo, nesse admiravel poema de Vinicius de Moraes, a sua melhor obra, aquela em que a sua forma poetica parece ter sido mais feliz, mais rica e mais completa. O ultimo livro de Vinicius de Moraes, "Novos Poemas" (José Olímpio ed., 1938) ainda que desorientando um pouco os que esperavam ve-lo prosseguir

pelo caminho indicado em suas obras anteriores, veio dissolver os últimos focos de resistência á aceitação do poeta, conquistando a adesão de muitos a quem desagradava um certo tom excessivamente grave ou a falta de quotidiano de suas poesias. No Magdalen College, em Oxford, onde fez o curso de Literatura que lhe foi oferecido pelo British Council da America do Sul, Vinicius de Moraes aprontou um novo livro, "Cinco Elegias", de que já se conhecem alguns fragmentos, de qualidade tão elevada quanto a dos seus melhores poemas publicados.

O. de F.

VIGILIA

Eu ás vezes acordo e olho a noite estrelada
E soffro doidamente.
A lagrima que brilha nos meus olhos
Possue por um segundo a estrela que brilha no ceu.

Eu soffro no silencio
Olhando a noite que dorme iluminada
Pavorosamente acordado á dor e ao silencio
Pavorosamente acordado!..

Tudo em mim sofre,
Ao peito opresso não basta o ar embalsamado da noite...
Ao coração esmagado não basta a lagrima triste que
[desce...]

E ao espirito aturdido não basta a consolação do ~~soffri~~
[mento.]

Ha qualquer coisa fóra de mim, não sei, no vago
Como que uma presença indefinida
Que eu sinto mas não tenho.

Meu sofrimento é o maior de todos os sofrimentos
Porque ele não precisou a visão que flutua
E não a precisará jámais.
A dor estará em mim e eu estarei na dor
Em todas as minhas vigílias... .

Eu soffrerei até o ultimo dia
Porque será meu ultimo dia o ultimo dia da minha moci-
[dade.]

("O Caminho para a Distancia")

A L B A

Alba, no canteiro dos lírios estão caídas as pétalas de
[uma rosa cor de sangue

Que tristeza esta vida, minha amiga. .

Lembras-te, quando vínhamos na tarde rôxa e eles ja-
[ziam puros

E houve um grande amor no nosso coração pela morte
distante?..

Ontem, Alba, eu sofri porque vi subitamente a nodoa
[rubra entre a carne palida ferida

Eu vinha passando tão calmo, Alba, tão longe, da angus-
[tia, tão suavizado

Quando a visão daquela flor gloriosa matando a sereni-
[dade dos lírios entrou em mim

E eu senti correr em meu corpo palpitações desordenadas
[de luxuria.

Eu sofri, minha amiga, porque aquela rosa me trouxe a
[lembrança do teu sexo que eu não via

Sob a livida pureza da tua pele aveludada e calma

Eu sofri porque de repente eu senti o vento e vi que esta-
[va nú e ardente

E porque era teu corpo dormindo que existia diante de
[meus olhos

Como poderias me perdoar, minha amiga, se soubesse
[que eu me aproximei da flor como um perdido

E a tive desfolhada entre as minhas mãos nervosas e senti
[escorrer de mim o semem da minha volupia?

Ela está, Alba, sobre o canteiro dos lírios, desfeita e cor
[de sangue

Que destino nas coisas, minha amiga!

Lembras-te quando eram só os lírios, altos e puros?..

Hoje, eles continuam misteriosamente vivendo, altos e
[tremulos

Mas a pureza fugiu dos lírios como o ultimo suspiro dos
[moribundos

Ficaram apenas as pétalas da rosa, vivas e rubra como a
[atual lembrança

Ficou o vento que soprou nas minhas faces e a terra que
[eu segurei nas minhas mãos.

("Forma e Exegese")

A LEGIAO DOS URIAS

Quando a meia-noite surge nas estradas vertiginosas das
[montanhas
Uns após outros, beirando os grotões enlaurados sobre
[cavalos lívidos
Passam olhos brilhantes de rostos invisíveis na noite
Que fixam o vento gelado sem estremecimento.

São os prisioneiros da Lua. A's vezes, se a tempestade
Apaga no ceu a languidez imovel da grande princesa
Dizem os camponeses ouvir os uivos tetricos e distantes
Dos Cavaleiros Urias que pingam sangue das partes
[amaldiçoadas.

São os escravos da Lua. Vieram também de ventres
[brancos e puros
Tiveram também olhos azuis e cachos louros sôbre a
[fronte...
Mas um dia a grande princesa os fez enlouquecidos, e eles
[foram escurecendo
Em muitos ventres que eram também brancos mas que
[eram impuros.

E desde então nas noites claras êles aparecem
Sobre cavalos lívidos que conhecem todos os caminhos
E vão pelas fazendas arrancando o sexo das meninas e das
[mães sozinhas
E das eguas e das vacas que dormem afastadas dos
[machos fortes.

Aos olhos das velhas parálíticas murchadas que esperam
[morte noturna
Eles descobrem solenemente as netas e as filhas deliques-
[centes
E com garras fortes arrancam do ultimo pano os nervos
[flacidos e abertos
Que em suas unhas agudas vivem ainda longas palpita-
[ções de sangue

Depois amontoam a presa sangrenta sob a luz palida da
[deusa
E acendem fogueiras brancas de onde se erguem chamas
[desconhecidas e fumos

Que vão ferir as narinas tremulas dos adolescentes ador-
[mucidos
Que acordam inquietos nas cidades sentindo náuseas e
[convulsões mornas.

E então, após colherem as vibrações de leitos fremindo
[distantes
E os rinchos de animais seminando no solo endurecido
Eles erguem cantos á grande princesa no alto
E voltam silenciosos para as regiões selvagens onde
[vagam.

Volta a egião dos Urias pelos caminhos enluarados
Uns após outros, sómente os olhos, negros sobre cavalos
[lividos
Deles fogem o abutre que conhece todas as carniças
E a hiena que já provou de todos os cadáveres.

São eles que deixam dentro do espaço emocionado
O extranho fluído todo feito de placidas lembranças
Que traz ás donzelas imagens suaves de outras donzelas
E traz aos meninos figuras formosas de outros meninos.

São eles que fazem penetrar nos lares adormecidos
Ode o novilunio tomba como um olhar desatinado
O incenso perturbador das rubras visceras queimadas
Que traz á irmã o, corpo mais forte da outra irmã.

São eles que abrem os olhos inexperientes e inquietos
Das crianças apenas lançadas no regaço do mundo
Para o sangue misterioso esquecido em panos amon-
[toados
Onde ainda brilha o rubro olhar implacavel da grande
[princesa

Não ha anatema para a Legião dos Cavaleiros Urias
Passa o inevitavel onde passam os Cavaleiros Urias
Porque a fatalidade dos Cavaleiros Urias?
Porque, porque os Cavaleiros Urias?

O' si a tempestade boiasse eternamente no ceu tragico
O' si fossem apagados todos os raios da louca esteril
O' si o sangue pingado do desespero dos Cavaleiros
[Urias
Afogasse toda a região amaldiçoada!..

Seria talvez belo — seria apenas o sofrimento do amor
[puro

Seria o pranto correndo dos olhos de todos os jovens
Mas a Legião dos Urias está espiando a altura imóvel
Feçhai as portas, feçhai as janelas, feçhai-vos meninas!

Eles virão, uns após outros, os olhos brilhando no escuro
Fixando a lua gelada sem estremecimento.

Chegarão, os Urias, beirando os grötões enluarados sobre
[cavalos lívidos

Quando a meia-noite surgir nas estradas vertiginosas das
[montanhas.

("Forma e Exegese")

S O N E T O D E I N T I M I D A D E

Nas tarefas da fazenda ha muito azul de mais.
Eu saio ás vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nú de fóra
No pijama irreal de ha tres anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a agua fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspendo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciume
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

("Novos Poemas")

A M A S C A R A D A N O I T E

Mario de Andrade

Sim, essa tarde conhece todos os meus pensamentos
Todos os meus segredos e todos os meus pateticos anseios
Sob esse ceu como uma visão azul de incenso
As estrelas são perfumes passados que me chegam...

Sim! essa tarde que eu não conheço é uma mulher que
[me chama
E eis que é uma cidade apenas, uma cidade dourada de
[astros
Aves, folhas silenciosas, sons perdidos em cores
Nuvens como velas abertas para o tempo. .

Não sei, toda essa evocação perdida, toda essa musica
[perdida
E' como um pressentimento de inocência, como um apelo...
Mas para que buscar se a forma ficou no gesto esvanecida
E se a poesia ficou dormindo nos braços de outrora?

Como saber se é tarde, se haverá manhã para o cre-
[pusculo
Neste entorpecimento, neste filtro magico de lagrimas?...
Orvalho, orvalho! desce sobre os meus olhos, sôbre
[o meu sexo
Faz-me surgir diamante dentro do sol.

Lembro-me! . . . como se fosse a hora da memoria
Outras tardes, outras janelas, outras creaturas na alma
O olhar abandonado de um lago e o fremito de um vento
Seios crescendo para o poente como psalmos. .

Oh, a doce tardel sobre mares de gelo ardentes de re-
[verbero
Vagam placidamente navios fantasticos de prata
E em grandes castelos côr de ouro, anjos azuis serenos
Tangem sinos de cristal que vibram na imensa transpa-
[rencia!

Eu sinto que essa tarde está me vendo, que essa sereni-
[dade está me vendo
Que o momento da criação está me vendo nesse instante
[doloroso de socego em mim mesmo
O' criação que estás me vendo, surge mulher e beija-me
[os olhos
Afaga-me os cabelos, canta uma canção para eu dormir!

E's bem tu, mascara da noite, com tua carne rosea
Com teus longos chales campestres e com teus canticos
E's bem tú ouço os teus faunos pontilhando as aguas de
[sons de flautas

Em longas escalas cromáticas fragrantas...

Ah, meu verso tem palpitações dulcíssimas! — prima-
[veras!

Sonhos bucólicos nunca sonhados pelo desespero
Visões de rios placidos e matas adormecidas
Sobre o panorama crucificado e monstruoso dos telhados!

Porque vens tu, noite? porque não adormeces o teu crepe
Porque não te esvais — espectro — nesse perfume tenro
([de rosas?

Deixa que a tarde envolva eternamente a face dos deuses
Noite, dolorosa noite, misteriosa noite!

O' tarde, mascara da noite, tu és a presciencia
Só tu conheces e acolhes todos os meus pensamentos
O teu ceu, a tua luz, a tua calma
São a palavra da morte e do sonho em mim!

("Novos Poemas")

O SONETO DE KATHERINE MANSFIELD

O teu perfume, amada! — em tuas cartas
Renasce, azul... — são tuas mãos sentidas!
Relembro-as brancas, leves, fenecidas
Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... — nas terras percorridas
Torno a aspira-o, aqui e ali desperto
Paro — e tão perto sinto-te, tão perto
Como si numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dor! tanto quizera
Tanto rever-te, tantol... e a a primavera
Vem já tão proximal... (Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!...)
E no perfume preso em tuas cartas
A' primavera surges e esvaneces.

("Novos Poemas")

O FALSO MENDIGO

Minha mãe, manda comprar um kilo de papel almasso
[na venda

Quero fazer uma poesia
Diz a Amelia para preparar um refresco bem gelado
E me trazer muito devagarinho.
Não corram, não falem, fechem todas as portas á chave
Quero fazer uma poesia.
Se me telefonarem, só recebo amanhã
Se for o Ministro, só recebo amanhã
Se for um trote, me chama depressa
Tenho um tédio enorme da vida.
Diz a Amelia para procurar á Patetica no radio
Se houver algum grande desastre vem logo contar.
Se o aneurisma de dona Angela arrebentar, me avisa
Tenho um tédio enorme da vida.
Liga para vóvó Nenem, pede a ela uma ideia bem inocente
Quero fazer uma grande poesia.
Quando meu pai chegar tragam-me logo os jornais da
[tarde

Se eu dormir, pelo amor de Deus me acordem
Não quero perder nada da vida.
Fizeram bicos de rouxinol para o meu jantar?
Puzeram no lugar meu cachimbo e meus poetas?
Tenho um tédio enorme da vida.
Minha mãe, estou com vontade de chorar.
Estou com taquicardia, me dá um remedio
Não, antes me deixa morrer, quero morrer, a vida
Já não me diz nada.
Tenho horror da vida, quero fazer a maior poesia do mundo
Quero morrer imediatamente.
Fala com o Presidente para fecharem todos os cinemas
Não aguento mais ser Censor.
Ah, pensa uma coisa, minha mãe, para distrair teu filho
Teu falso, teu miserável, teu sórdido filho
Que estala em força, sacrifício, violencia, devotamento
Que podia britar pedra alegremente
Ser negociante cantando
Fazer advocacia com o sorriso exato:
Se com isso não perdesse o que por fatalidade de amor
Sabe ser o melhor, o mais doce e o mais eterno da tua
[puríssima caricia.

(“Novos Poemas”)

TRECHO

Quem foi, perguntou o Celo
Que me desobedeceu
Quem foi que entrou no meu reino
E em meu ouro remexeu
Quem foi que pulou meu muro
E as minhas rosas colheu
Quem foi, perguntou o Celo?
E a flauta falou: Fui eu.

Mas quem foi, a Flauta disse
Que no meu quarto surgiu
Quem foi que me deu um beijo
E em minha cama dormiu
Quem foi que me fez perdida
E que me desiludiu.
Quem foi perguntou a flauta?
E o velho Celo sorriu.

(Inédito)

Tasso da Silveira

Curitiba -- 1895

Preparatorios em Curitiba, capital do Paraná, e no Rio (Pedro II). Bacharel em Direito pela Universidade do Brasil. Lecionou Historia de Filosofia no Pedro II, Historia da Literatura Brasileira e Portuguesa no Colegio Sacré-Coeur, Português e Literatura na Escola Wenceslau Braz. E' catedratico de Literatura Luso Brasileira do Instituto Santa Ursula. Fundou e dirigiu, com outros, o "Diario da Manhã" (Curitiba) e as revistas **Famal**, **Atenéia**, em Curitiba, **America Latina** (aparecida em 1919, e na qual repontam os primeiros traços da polêmica modernista), **Terra do Sol**, **Arvore Nova**, e **Festa**, no Rio. Nesta ultima, em artigos de doutrinação estética, depois reunidos no volume: "Definição do Modernismo Brasileiro" bateu-se por um modernismo equilibrado, expresso aliás pela sua propria arte. Tem exercido constantemente a critica literaria nacional e estrangeira, e participado do ainda ténue movimento de pensamento filosófico no Brasil.

OBRAS PUBLICADAS

Poesia:

Fio d'agua — 1918 — Rio.
A alma heroica dos homens — 1924.
Canto do Cristo do Corcovado — 1931 e 1933.
Alegorias do homem novo — 1926.
Discurso ao povo infiel — 1933.
Descobrimento da vida — 1936.

Prosa:

Jackson de Figueiredo — 1918.
Romain Rolland — 1919.
A Igreja silenciosa — 1922.

Alegria criadora — 1928.
Definição do modernismo brasileiro — 1931.
Tendências do Pensamento contemporâneo — 1936.
O Sagrado esforço do homem — 1936.
Os caminhos do Espírito — 1937.
Estado Corporativo — 1937.
30 Espiritos-fontes — 1937.
O Canto Absoluto — 1940.

GENESE

O pedreiro preparou a argamassa
e foi juntando pedra a pedra
e erguendo o muro.
Foi lentamente criando
a realidade concreta do muro alto.

Foi lentamente criando
em gestos essenciaes
e em silencio,
perdido no infinito de si mesmo

como um Deus!

HUMILDADE

Fiz os meus cantos simples e espontaneos,
para que fossem como a harmonia anonyma
das ruas,
para que fossem como a cantiga anonyma
dos campos,
para que fossem como a ballada anonyma
dos sertões.

E tivessem a mesma profunda humildade humana
que é como a alma ajoelhada
diante de Deus,
e tivessem a mesma linmorredoura frescura
de todas as coisas simples e humildes da vida,
e se confundissem, como notas perdidas,
no cantico universal de adoração
que a Terra,
pelo murmurio das suas fontes e pelo gorgoio dos seus
passaros
e pela bocca dos anonymos cantores da rua, dos cam-
pos e dos sertões,

ergue em louvôr do Criador dos mundos vertiginosos
e Criador do musgo obscuro que brotou nas paredes
humidas do poço do meu quintal...

O POTE D'AGUA

Sobre a áspera pedreira
dardeja o sol.

Coalhou-se o chão de lascas duras
e pendeu murcha a folhagem
que a poeira quente crestou.

Só uma arvore ficou com a sua sombra piedosa.
E, sob ella, na sombra,
húmido e porejante,
um bojudo pote de barro
condensa, para os olhos sedentos dos trabalhadores
cansados,
a infinita frescura
de todas as paisagens felizes do mundo...

BALLADA DE EMILY BRONTE

No morro do Vento Uivante
o vento passa uivando, uivando...

No morro do Vento Uivante
ha um velho casarão sombrio
cheio de salas vazias
e corredores vazios...
À noite toda uma porta
geme agonizadamente.
Pelas vidraças partidas
silvam longos assovios,
no ar de abandono e de medo
passam bruscos arrepios..

No morro do Vento Uivante
o vento passa...

Emily Bronte
não pares a historia... Conta!
conta, conta, conta, conta!

Dá-me outra vez aquelle mêdo
que encheu minha infancia morta
de sonhos e de arrepios...

No Morro do Vento Uivante...

Depois que os annos passaram
como ficaram meus dias
vasios... vasios...

CANÇÃO

Na alcova fresca,
sobre o linho alvo,
teu corpo é um monte de rosas desfolhadas.

Tens uma presença alvorescente
de primavera.

Por isso, em torno da nossa vivenda humilde
andam em ronda
todos os passaros matinaes.

O MOMENTO DIVINO

Quando o crepusculo caiu,
foi que notaste como as coisas todas são infinitas...

Quando o silencio te envolveu,
foi que sentiste as pulsações mais profundas do teu
ser...

E então sonhaste
que o sangue te batia nas arterias
ainda sob o impulso primordial
do Instante da Criação...
E que o teu pecto offegava
ainda sob o cansaço
das migrações dos povos ancestraes...

E te pareceu que chegavas do fundo dos tempos
como um esclareço das gerações innumeraveis,
que viesse explorando a estrada indefinida,

e ao fim da caminhada
trouxe, ainda, nos olhos,
a mesma interrogação ansiada
da partida...

E te pareceu que respiravas
ao rythmo das marés montantes e vascentes,
ao rythmo do arfar da Terra toda,
quando mais pesa sobre ella, pela noite,
a mudez do infinito ardendo de astros!...

AS MULTIDÕES

As multidões, allucinadas,
fremem na angustia enorme... O poente é de ouro...
Braços que se contorcem... Mãos crispadas,
cavando a terra, allucinadas,
em busca desse occulto e intangível thesouro...

As multidões desesperadas,
na cidade phantástica, em tumulto,
rolam como ondas, de roldão...
Os palacios da Dôr erguem o estranho vulto!
E as ruas são caudaes humanas, agitadas,
aos ventos doidos do desejo e da ambição...

As multidões — tão desgraçadas! —
gemem pelo orbe todo... E que amargura!
Que tremendas rajadas
serão, um dia, desencadeadas,
para vingarem a enorme angustia obscura?

Mas, vem a noite, o suave e doce instante...
Oh o suspiro de allivio
das multidões resignadas!...

Oh, o suspiro de allivio,
immenso, immenso!
Sinto-o que invade a noite palpitante,
vae subindo na noite, a soluçar...
E a mim, que, solitario, sonho e penso,
vem chegando, sereno, soluçante,
vem do fundo da noite palpitante,
...
e enche meu coração como um luar!..

A RENUNCIA DE DANTE

A' porta humilde do convento franciscano
Dante, cansado e succumbido, vae bater...

Vinha de longe, sim: — do amargo desengano...
Vinha da estrada lônca e poeirenta... Deixára
na ultima curva, além, o orgulho a esfallecer..
Que trazia da vida? O amor, frustrado desejo,
o amor fôra-lhe como uma lampada clara
que o destino apagou. Da existencia ao sol-pôr,
tinha aos labios, ainda, esse primeiro beijo
que guardára, a sonhar, para uma boca em flôr..

A gloria? que irrizão para os que vão sózinhos...
Miragem de ouro e luz, que a areia sepultou.
Coroaram-no, pois não!... de rosas e de espinhos.
As rosas se despetalaram nos caminhos,
mas dos espinhos quanta coisa lhe ficou!..

A' porta humilde bate. O silencio é profundo.
Vagam sombras do entardecer no céu lilaz.
Range o gonzo, quebrando o silencio profundo.
Alguem pergunta:

— Irmão, que queres?

— Dae-me paz!

Dante era, nesse instante, o cansaço do Mundo...

CREPUSCULO

Os arranhacéus balouçam ao vento.
São árvores que entrelaçam lá no alto
a fronde exausta.
As estátuas humanaram-se.
Não são mais vultos de heróis e mártires,
de poetas e condutores:
são sombras anônimas,
cheias de doloroso destino,
mas esquecidas, esquecidas,
como as outras perdidas sombras
que, á soleira das portas,
sob os lampeões do cais,
nos bancos dos jardins,
se immobilizaram em êxtase
ou numa dôr mais profunda.
Os arranhacéus balouçam ao vento.
As estátuas humanaram-se.
Não se sabe mais o que é dos Homens
e o que é de Deus puramente.

(inédito) 26|5|39.

MURILO ARAUJO

Serro (Minas Gerais), 1894

Em 1908 veio menino para o Rio e internou-se no Collegio Pedro II, onde publicou os primeiros versos numa revista que fundou e fez imprimir.

Em 1914 inicia, em S. Paulo, o jornalismo na "Gazeta", e, depois, no Rio, o magisterio primario.

Em 1921 bacharelou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro; e, em 1926, foi nomeado, por concurso, livre docente de Desenho do Collegio Pedro II.

E' hoje funcionario do Ministerio da Viação.

Estamos diante de um poeta cujos titulos, ao contrario do que costuma acontecer, estão muito abaixo de seu merecimento, e que exprimem mesmo uma certa contradição. Membro da Academia Fluminense de Letras (1922), festejado como o "Poeta da Cidade" (1928), membro da Academia Carioca de Letras (1940)... E o piór é que, para justificar esses titulos, Murilo Araujo tem sacrificado a sua poesia a ponto de ser confundido e confundir-se com eles.

No entanto, a poesia do autor de "Iluminação da Vida", livro premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1929, traduz a alta inspiração de um dos mais finos e delicados espiritos com que conta o Brasil, nos momentos em que o poeta se realiza em sua propria natureza, momentos esses que, felizmente, não são raros. E a critica, favorecida pelo tempo, tem consagrado esses mesmos momentos em que o poeta é ele mesmo, tendo nessa condição o seu unico e verdadeiro titulo de gloria.

LIVROS PUBLICADOS

"A Galera" — 1917.

"Carrilhões" — idem.

“Arias de Muito Longe” — 1921.
“A Cidade de Ouro” — idem.
“A Iluminação da Vida” — 1927.
“As Sete Côres do Céu” — 1932.
“A Estrela Azul” — 1940.

Tem prontos o livro de poemas “A Escadaria Acesa” e varios volumes de prosa.

Fez representar tres pequenas peças infantís em verso, que formam um livro inédito — “O Palhacinho Quebrado”

LIBERTAÇÃO NOTURNA

As horas golpeiam a porta,
A porta abriu devagar.
A escadaria enorme cega, cheia de lampadas.

E subo de um salto:
leve
como um aroma ou uma oração.

Flutuo, flutuo
na teia da lua,
e salto sem medo de estrêla em estrêla.

Do alto, debruço-me sôbre o mundo;
corro a galope com as ventanias
sôbre as explosões do mar!

Ao longe as cratêras
se mudam agora
em papoulas fulgurantes.

Nas grimpas das serranias
ha cataratas de luar

Transponho no arrôjo as próprias cachoeiras,
imerso no vapor da agua
de onde vem um som de órgão do profundo até o céu.

Enfim nos vapores humidos
já se esboça um arco-iris...
Cuidado, que é a madrugada!
Vem encoberta de pérolas.
Vem com as aves molhadas
que se levantam do mar.

Passou-se a noite e assim não cheguei até Deus.
Ah! volto ao que era: um bronze sobre a argila do chão.

Como orvalha!
Ha sementes de luz a nevar.

No céu
resta uma estrêla...
uma estrêla atrazada
que ficou a chorar.

VOZES HUMILDES

Vozes humildes...
leves
como o rumor da queda de uma lágrima ou um adeus.

Vozes humilímas —
que mal se ouvem na terra..
e sobem, vôam, chegarão primeiro a Deus!

Leves, mais leves que um cicío
silenciando;
do que a aragem que cala;
do que a alma das águas
pelas fontes
rezando...
ah mais leves que os passos de uma ovelha a pascer;
que o pio doce de uma andorinha no ninho,
pio que os astros vêm ouvir sem entender..
mais leves que uma folha em murmurinho
ou do que o orvalho gotejando o seu cristal;
mais leve do que um som de sino, longe,
na pelucia de um vale vesperal.

Os suspiros da criança no começo do sono;
os sussurros da queixa no completo abandono;
os ais dos que, já fora do destino e de tudo,
adormecem a memoria afinal
num extertor.

E entre as vozes humildes
a do extase mudo
com que murmúro em gloria o teu nome — Senhor!

M A C U M B A

A macumba zabumba.

Noite velha, no matto, as estrellas acordam...

Que retumbo em rumor
tôa fundo, tão fundo, um ribombo de morte
nos grotões do Pavôr?!
E' a macumba, é a macumba!
E retumba o tambôr.

Rosca a pemba do samba os terreiros
oleosos
pelo philtro da lua.

Flammejam fogueiras, brandões resinosos..
e os corpos flammejam sabbáts, saltitando,
sambando, sambando
com o philtro da lua.

Nas taipas de ocaras tão claras
tão pasmas —
as sombras debruam legiões
de fantasmas.

As pretas, rodando os tundás, se arredondam
em cateretés..
Os pretos
são doidos Sacys Pererês...

A polvora em chispas corusca e chamusca...
(Mandinga,
bruxêdo...)
Coriscam as luzes por entre o arvoredô...

Um cõro plangente
entôa em um só tom:

— “Ya-mã-já!
A nossã Mãe 'tá no fundo do má...

Eh-nhor! Eh-nhá!
Eh-nhá! Eh-nhór!”

E' a macumba, é a macumba!
E retumba o tambôr!

E crepita na chamma
a alma chã do meu povo —
o verdôr de sua ansia,
toda a sua expressão de innocencia que canta
todo o seu coração ainda barbaro e novo
na alegria florida e selvagem da infancia!

A SUA VE ESPERANÇA

Uma noite virás dum céu distante
como uma noiva real em regias frotas.
No mar, illuminado, flammajante,
oscillarão, ornadas, galeotas...

E, do alto de um terraço rutilante,
bradarei avistando as tuas frotas:

— E' a hora em que virá até mim, gloriosa,
essa que espero... e morro de esperar.
Lança nas sendas da Maravilhosa
cem rosas mortas para o seu pizar!

Não vêm do iuar, que espalha bençãos de ouro,
tremulas poeiras de crystal pelo ar?!
Erguei na sombra, fulgurantes de ouro,
cem luzes de ouro para a illuminar!

Sou como um rei de immemorial memoria..
Vêde... E' um thesouro que me vem do mar.
Soltae nas nuvens em signal de gloria
Cem pombos brancos ao clarão lunar!

Sou como um rei de immemorial memoria..
Vêde a rainha que me fez chorar. —

E as trompas soarão... E, oh meu Desejo!
virás do mar, como a aua das bonanças,
radiosa entre os laureis de teu cortejo
todo de palmas e pendões e lanças.

A VIDA BRILHA

A vida brilha.
A vida maravilha
com a ardencia de um incendio num paiol

A vida brilha.

As poças d'agua humildes
são pedaços do céu prendendo o sol.

As ruas vestem claridade e pedraria
como princezas com *vestidos côr do dia*.

E' a hora da habitual pantomima solar.
O sol, clow estridente,

atirou aos milhões pedacinhos de espelho
no capote do mar.

Correm garotos como gansos bravos
uma poeira que em ouro se levanta.

Tinem as forjas. Zôam os trens. Trepidam homens.
Sangue humano.

Este mundo é um coração sonoro.

A vida canta.

ESTAMPA DA MANHÃ INGENUA

A manhã nasce aos gritos, gritos de aves e sinos.
inocentinha
como uma criança nua.

Deus vaporiza rosas sobre o mar argentino.
A voz da agua vem pura.
A alma da terra é pura.

O ingenuo bilboquê de uma palmeira
fez pírqueta com a bola branca da lua.
Lá na base do céu
lavado
um transatlantico minuscuro cambota
graciosamente fragil
como um brinquedo.

Pairando
uma gaívota
acentuou circunflexa o longo i do farol.

Os “trinta réis” em vôo erguem diademas de asas
sobre as aguas, em gloria;
e ha em tudo e em meu canto, aquela graça alegre
de quem espera o sol.

A PROCISSÃO NOTURNA

Ha um rumorejo de ondas no grotão do silencio.
São os pobres soluços indistintos da noite:
chòros de criancinhas,
cantilenas de mães,
clarinadas chorosas de saudade dos galos,
uivos da dor humilde e infinita dos cães,
rezas de agua nas fontes,
silvos de trens fugindo

e ais perdidos de angustia entre os senfins dos hori-
[zontes.

A treva anula toda a aparencia das cousas
sob o céu tumular
para que se entremostre em misterio outro mundo...
para o espírito olhar.

E então, do fervedouro
das torrentes dos homens
que torvelinham em cáus pelos vales da sombra,
avança, aos turbilhões das garoadas,
num vago pezadêlo,
trágica,
a procissão das almas condenadas
em formações de penitentes negros
e com círios de lágrimas aos clarões das estrêlas.

A procissão das almas sem consolo e descanso,
das que olvidaram todos os caminhos do sono..
almas dos incuraveis,
dos perdidos nos erros,
dos que soluçam náufragos entre os gêlos do horror,
dos malditos,
dos sós,
dos suicidas,
dos que, no auto-da-fé que é o desespero,
querem encontrar a morte extraviados do amor.

A procissão dos males sem remédio,
das máguas pôdres, das misérias fundas
que não encontram voz para dizê-las.

E alongam as alas lúgubres, imundas,
deixando um rastro trémulo
ás estrêlas.

Para onde vai a romaria estranha
que não pára, não pára
por entre as garoadas do luar?!
Minha ância desvairada as acompanha,
minha ância segue o seu eterno desfilar.

E só quando se esvai, alucinante,
o cortejo de luto e de agonia,
á hora do sol nascer,
minha ância quasi morta, extenuada,
tomba exangue nas fontes da alvorada
e bebe aos gorgolões a água do dia
para viver...
Viver

P U R E Z A

Céu de ocaso tão limpo.
Inocencia. Doçura.

Céu divino
tão bom —
que entra em minha conciencia
e me torna — meu Deus — outra vez pequenino.
Meu espirito salta as silhuetas das arvores,
transpõe rindo montanhas,
rola, acrobata, os globos coloridos das nuvens...
vae num impeto colhê-las
doido de liberdade e alegria e perfumes...

E até o céu sobe e apanha aos punhados estrelas
para brincar
como se fossem vagalumes.

Depois nas velas que adormecem iluminadas
simples como os meninos de mãos dadas nas ródas
assim canto eu esta canção de rua.

E ainda é como um pequeno deslumbrado
de olhos pasmos e ingenuos
que olho a lanterna magica infinita do sonho
projetada no circulo alvejante da lua...

Ronald de Carvalho

Distrito Federal 12-5-1935

Nascido e criado no Rio, Ronald de Carvalho teve uma juventude feliz — uma juventude de pequeno príncipe letrado, quieta, harmoniosa, bem comportada, inteiramente devotada ao trabalho da cultura e do espírito. Moço tranquilo e lucido, cuja inteligência amadureceu precocemente para o estudo e a reflexão, só uma aventura lhe aconteceu na vida e esta muito cedo, mal saiu da Faculdade de Direito: foi a aventura da poesia. Bacharel aos 16 anos, quando voltou da Europa, em 1913 trazia na bagagem — em bela edição de luxo — a surpresa de um livro de poemas — “Luz gloriosa”, lira de indole simbolista, que a crítica saudou com simpatia, sem lhe atribuir em todo caso importância maior, apesar de evidente novidade do seu colorido e do seu ritmo. Após um largo hiato de silêncio, resurgiu Ronald de Carvalho em 1919 com os “Poemas e Sonetos”, de tonalidade parnasiana, que a opinião literaria do país festejou com elogios irrestritos e a Academia Brasileira corôou com justiça. Nesse mesmo ano, publicava Ronald a sua “Pequena Historia da Literatura Brasileira”, inesperada revelação de um prosador e critico de alta categoria, que mereceu tambem um premio da Academia de Letras. Recebia dest’arte o poeta, aos 25 anos de idade, de uma só vez dois premios literarios de larga repercussão no momento e conquistava uma autentica e definitiva consagração, enfileirando-se desde então tranquilamente entre os valores centrais da nossa cultura. Daí por diante, alto funcionario do Itamarati, colaborador dos nossos jornais mais importantes, frequentador assiduo dos nossos melhores circulos literarios, este dôce e envolvente Ariel, cercado de uma aura de admiração e estima unanimes, trilhou sempre um suave caminho, sem asperezas e sem declives, escalando em curto prazo uma das situações literarias e sociais mais brilhantes do

seu tempo. Em 1922, formando ao lado de Graça Aranha, Renato Almeida e Vila Lobos, ele tomou parte na Semana de Arte Moderna de S. Paulo, e rompeu sem hesitação solidos e cordeais compromissos academicos, que datavam de 1919. E' então que aparece o seu mais marcante livro de poesia: "Epigramas ironicos e sentimentais" E daí por diante a sua atuação literaria é constante, intensa e admiravel: "Espelho de Ariel" e primeira série de "Estudos Brasileiros" (1922); os belos, os eloquentes poemas de "Toda a America" e os "Jogos Pueris" (1925); as "Imagens de Mexico" (1929); a 2.^a série dos "Estudos brasileiros" (1931), e conferencias e artigos e ensaios em todos os jornais, em todas as revistas da época. Uma atividade brilhante, infatigavel, que só a sua partida para a Europa interrompe em 1932. O dôce exílio diplomatico de Paris, que durou tres anos, prejudicou sem duvida a sua obra literaria, e cortando-lhe os contactos com as novas gerações brasileiras, diluiu o prestigio do seu nome e apagou a projeção da sua personalidade. A geração post-modernista, cuja importancia na historia do nosso pensamento é consideravel, conheceu o autor dos "Epigramas" de um modo imperfeito e superficial e não teve por ele, em virtude disso, a estima intelectual que ele merecia. Só aqueles que não o conheceram não o estimaram: Ronald era um espirito contagioso, dotado de irradiante poder de sedução pessoal, a cujo amavel convivio ninguem sabia resistir. Depois, a sua obra, hoje tão esquecida, com ser numerosa e variada teve significação excepcional na formação da nossa cultura, e exerceu sem duvida uma longa e salutar influencia na literatura brasileira de seu tempo. Sobretudo, é preciso reconhecer a funda, a extensa influencia que dois dos seus livros mais importantes — "Epigramas" e "Toda a America" — tiveram na renovação do pensamento e da poesia no Brasil. Embora ao voltar de Paris tenha tentado reagir contra o silencio e esquecimento, publicando livros ("Itinerario" que já levava consigo quando daqui partia para a Europa, e "Caderno de Imagens da Europa", coletanea de artigos que nada acrescentava à sua gloria), Ronald não consegue reatar completamente as suas relações espirituais com a gente nova do pais, porque a morte, brutal e inesperada, veio surpreende-lo no instante exato em que se preparava para começar a parte mais serria da sua obra e o capitulo mais belo da sua vida. O Brasil perdeu, com a morte dele, um dos seus espiritos mais altos e mais claros de todos os tempos.

MANHÃ DE PEDRARIAS

O dia acorda, vem! Por todo o espaço
O sol scintila, em pontas de ouro e de aço;

Ha rumores sonoros entre as rosas,
E na copa das arvores frondosas,

As aguas correm, crespas, em cascata,
No tremor de esmeraldas e de prata;

Nas espigas douradas e vermelhas,
Em cachos vivos zumbem as abelhas;

Pelos troncos escorrem, purpurinas,
Como quentes granadas, as rezinas;

Que voluptia de côres, que doçura
Ha nos campos cobertos de verdura!

Nas colinas, nas relvas, no ar incerto,
Tudo fulgura, como um cofre aberto;

Nos rios dormem perolas dormentes,
E ha nas pedras carbunculos ardentes;

A poeira tem irisações estranhas
E é de safira o flanco das montanhas!

Vê como teu cabelo se mistura
A' morna irradiação que vem da altura;

Vê como tua boca se parece
A's polpudas romãs que o sol aquece!

Banha-te nesta luz! Bebe este vinho
Que ferve sobre a areia do caminho;

Que espumeja na taça das corolas,
E no louro fulgor das carambolas;

Que dardeja nas varzeas enfloradas,
E na tapeçaria das estradas;

Que vibra na palheta ds parreiras,
E no incendio aromal das laranjeiras.

Bebe este vinho nobre! Que vertigem,
De alegria encherá tua alma virgem!

Vê como esta alegria o sêr te irmana
A' beleza divina mais que á humana!

Vê como a vida é bôa, assim vivida,
Assim amada! Como é boa a vida! . . .

“Poemas e Sonetos”

DEANTE DA VIDA

Entre as ondas voluptuosas de verdura
A floresta levanta os braços fortes,
Braços que estão, vergados, rebentando
Em flores, vivas, em pulmagens fartas,
E em frutos saborosos, que são como
Os pensamentos amadurecidos
Que sobem da humildade das raizes
Para o esplendor das fronde consteladas!

Tudo se move num rumor confuso:
Folhas e caules, sebes, trepadeiras;
Rios que o sol escalda, e onde fulguram,
Entre rubros clarões de labaredas,
Jóias punhais de fogo e espadas de aço;
Campos, que o vento agita e a luz transforma
Em mares empolados, onde rolam
Vagalhões de esmeraldas e de safiras.

Tudo se move! até das penhas rudes
A rocha milenar estála, e tomba!
A Terra tem palpitações profundas,
E tanto o largo seio empina e abaixa,
E tanto se revolve, que parece
Não suportar o peso das motanhas,
Dos serros brutos, dos pedrouços duros,
Que lhe apertam de mais o agreste flanco.

Num brilho de metais em braza, fervem
Os atalhos de ardente areia acesa,
O curvo espaço, a cupola das arvores,
A agua das fontes, recamada de ouro:
E', como em copas, onde o vinho espuma,
Nas corolas abertas se embebedam
As lustrosas abéllhas, de veludo,
E os peludos besouros rumorosos,
Cada tronco de bronze é uma coluna,
E cada umbela um capital luxuoso;
E ha nas pedras estatuas modeladas

Por mãos desconhecidas, misteriosas;
Mãos, que arrancam da magua e da alegria,
Do terror, da tristeza e da amargura
Que a lagrima das coisas vai deixando,
As mascararas eternas da Beleza.

“Poemas e Sonetos”

INSCRIÇÃO

Nasci junto ao mar, Estrangeiro!
entre palmeiras e montanhas,
debaixo de um céu claro, puro, luminoso.
Viram meus olhos as coisas mais belas que ha no mundo:
as mulheres, as ondas e as arvores do meu paiz natal!
Põe na estela de um poeta amavel e melancolico
a coroa de louros que trazes na mão.

Guarda a tua oferenda!
A vida me sorriu..

“Epigramas ironicos e sentimentais”

INTERIOR

Poeta dos tropicos, tua sala de jantar
é simples e modesta como um tranquilo pomar;
no aquareo transparente, cheio de agua limosa,
nadam peixes vermelhos, dourados e côr de rosa;
entra pelas verdes venezianas uma poeira luminosa,
uma poeira de sol, tremula e silenciosa,

uma poeira de luz que aumenta a solidão.

Abre tua janela de par em par. Lá fóra, sob o céu do
[verão,
todas as arvores estão cantando! Cada folha
é um passaro, cada folha é uma cigarra, cada folha
é um som...

O ar das chacaras cheira a capim melado,
a hervas pisadas, a baunilha, a mato quente e abafado.

Poeta dos tropicos,
dá-me no teu copo de vidro colorido um gole d'agua.
(Como é linda a paizagem no cristal de um copo
[d'agua!)

B U C O L I C A

A manhã parece que nasceu do teu riso,
do teu riso de passaro ou de fonte.

Vibram na tua voz trilos de agua fresca,
dagua que escorre por entre avencas e samambaias.

E as tuas mãos são duas borboletas brancas
voando sobre papoulas e tinhorões,
voando na luz da manhã..

“Epigramas ironicos e sentimentais”

T E O R I A

Cria o teu ritmo a cada momento.

Ritmo grave ou limpido ou melancolico;
ritmo de flauta desenhando no ar imagens claras
de bosques, de aguas múrmuras, de pés ligeiros e de
[asas;

ritmo de harpas,
ritmo de bronzes,
ritmo de pedras,
ritmo de colunas severas ou risonhas,
ritmo de estatuas,
ritmo de montanhas,
ritmo de ondas
ritmo de dor ou ritmo de alegria!
Não esgotes jámais a fonte da tua poesia,
enche a bilha de barro ou o cantaro de granito
com o sangue da tua carne e as vozes do teu espirito!
Cria o teu ritmo livremente,
como a natureza cria as arvores e as raizes rasteiras.

Cria o teu ritmo e criarás o mundo!

“Epigramas ironicos e sentimentais”¹

CRISTAL MARINHO

Os navios de onde escorrem grossas correntes, estão
[parados no golfo.
Mastros de vergas altas, fios de luz no sol,
prôas de curvas baixas, pastas de sombra n'agua.

Toda a frescura do romance naval,
e o ar do crepusculo aromado de sal,

mistura os meninos louros do Chile
aos caboclinhos musculosos da Bolívia.

Serenidade que absorve tudo!

Como as plantas, o heroísmo do homem aqui tem
frouxas raizes

Arica,
Tacna,
Maipo,
hervas rasteiras de nomes,
inscrições á espera da onda..

Aqui o heroísmo é da terra,
da terra bruta, que se argamassa em blocos íngremes e
[ínuteis,
da terra que regeita o homem,
que envenena o mineiro com os vapores do salitre
e oxida a carne com os gases do cobre.

Mas ha nessa virgem solidão uma perturbadora poesia
[geométrica,

piramides,
cones,
cubos
cilindros,
esferas,
poesia do numero claro,
poesia dos planos e dos volumes, que vence a me-
[lancolia,
e funde a realidade na alegria da inteligencia.

“Toda a America”

B R O A D W A Y

(A MARIO DE ANDRADE)

Chato, pardo-cinzentos, o chão
flutua, lento, mole,
o chão escorre vagaroso,
contrae-se em blocos subitos,
estica-se em flechas longas, trepidantes,
dispara, de repente, em risos elasticos,
gira,
rodopia,
turbilhona e ferve num vapor sutil de linhas e movi-
[mentos.

Aquele chão carrega todas as imaginações do mundo!
Aquele chão carrega
isbas da Ukrania,
vinhas de Bordeus,
parques do Tamisa,
saveiros do Volga,
ambar, corais, madréporas das Antilhas,
guano de Mollendo,
canaviais de Cuba,
juncos de Shangai,
cafezais de Ribeirão Preto,
chifres do Pampa,
fornos de Essen, fornos de Newcastle,
oleos de Tampico,
salitres de Iquique,
barbatanas da Terra-Nova
mares coalhados de ferros e madeiras,
terras goradas,
ilhas com batuques, tan-tans e rêdes molinhasas,
montanhas verdes, montanhas de oxidos e cristais,
rios onde boiam troncos, plantas, cobras e tartarugas,
florestas de plumas, penas e folhagens,
praias, canais, mangues,
luzes do tropico, luzes do polo,
desertos,
civilizações...

Aquele chão é uma paizagem em marcha.
Chão que mistura as poeiras do Universo e onde se
[confundem todos os ritmos do passo humano!

Chão epico, chão lirico, chão idealista,
chão indiferente de Broadway,
largo, chato, pratico e simples como este
roof liso, suspenso no ar, este roof onde
um saxofone derrama um morno torpor
de senzala debaixo do sol.

“Toda a America”

MERCADO DE TRINIDAD

(A FELIPPE D'OLIVEIRA)

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!
Doirados tropicais de asas e frutas,
verdes maritimos franjados de alcatrazes,
mar de corais, fogos de madreperolas ao sol.

Das cestas de vime rolam ananazes de escainas oxí-
[dadas,
o amarelo e o vermelho dos papagaios riscam o ar,
as mangas queimam penumbras de folhas murchas,
a terra é uma vibração de coloridos.

Sobe das falúas o aroma grosso do breu e do alcatrão,
e ha deuses de bronze no azul da vaga,
no azul da vaga tremula e faiscante..

Mercado de Trinidad
na tepidez molhada da manhã!

Por trás dos mastros e cordames pardos
na cinta elastica das bananeiras e dos limoeiros,
espiam cottages e bungalows.
E, sobre as livres solidões selvagens,
entre araras, tucanos, goiabeiras e coqueirais,
passeia gravemente, de capacete branco,
a ruiva sentinela do Forte colonial...

“Toda a America”

A D V E R T E N C I A

Europeu!

Nos taboleiros de xadrez da tua aldeia,
na tua casa de madeira, pequenina, coberta de hera,
na tua casa de pinhões e beirais, vigiada por filas de
[cercas paralelas, com trepadeiras
moles balançando e florindo;
na tua sala de jantar, junto do fogão de azulejos, chei-
[rando a resma de pinheiro e faio
na tua sala de jantar, em que os teus avós leram a Bi-
[blia e discutiram casamentos co-
lheitas e enterros,
entre as tuas arcas bojudas e prctas, com lãs felpudas e
[linhos encardidos, colares, gravu-
ras, papéis graves e moedas rouba-
das ao inútil maravilhoso;
deante do teu riacho, mais antigo que as Cruzadas,
[desse teu riacho servçal, que en-
gorda trutas e carpas;

Europeu!

Em frente da tua paizagem, dessa tua paizagem com
[cstradas, quintalejos, campanarios
e burgos, que cabe todo na bola de
vidro do teu jardim;
deante dcssas tuas arvoras que conheces pelo nome —

[o carvalho do açude, o choupo do
ferreiro, a tília da ponte — que co-
nheces pelos nomes como os teus
cães, os teus jumentos e as tuas
vacas;

Europeu! filho da obediencia, da economia e do bom-
[senso,

tu não sabes o que é ser Americano!

Ah! os tumultos do nosso sangue temperado em saltos
[e disparadas sobre pampas, sava-
nas, planaltos, caatingas onde es-
touram boiadas tontas, onde estou-
ram batuques de cascos, tropel de
patas, torvelinho de chifres!

Alegria virgem das voltas que o laço dá na coxilha verde,
alegria virgem de rios-mares, enxurradas, planicies cos-
[micas, picos e grimpas, terras
livres, -ares livres, florestas sem lei!

Alegria de inventar, de descobrir, de correr!

Alegria de criar o caminho com a planta do pé!

Europeu!

Nessa maré de massas informes, onde as raças e as
[linguas se dissolvem,
o nosso espirito áspero e ingenuo flutua sobre as cousas
sobre todas as cousas divinamente rudes, onde boia a
[luz selvagem do dia americano!
"Toda a America"

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Mariana (M. Gerais), 1918

Nasceu em Mariana, em 3 de junho de 1918. Tendo seu pai falecido em 1921, mudou-se sua família para Belo Horizonte, onde Alphonsus de Guimaraens Filho fez os cursos primário, secundário e superior, tendo se bacharelado em 1940 pela Faculdade de Direito de Minas Gerais. Escreveu o seu primeiro poema aos 7 anos e era nada menos que isto:

“Pelas vastas campinas,
Cantando uns passarinhos,
Catando uns capinzinhos,
Para fazer os seus ninhos.
Estava pronto o seu ninho.
O macho saiu a passear.
Porque não volta cedo para o ninho
E fica só voando pelo ar?”

Escrita “essa coisa” — como lhe chama o poeta — outros e inumeráveis versos vieram. Continuou escrevendo pelo tempo afóra, o que lhe valeu a repreensão de alguns professores, pois misturava poemas com questões um tanto complicadas, no seu caderno de exercícios... Começou pelas velhas fórmulas poéticas, o que justifica o equilíbrio entre a poética antiga e a moderna existente nos seus versos. Publicou, em 1940, o livro de poemas “Lune de Estrêlas” em “Edições Mensagem”, edição de apenas 300 exemplares, tendo recebido o Prêmio Graça Aranha, entregue, no Rio, em 25 de abril deste ano.

Pretende reunir futuramente seus novos versos em um volume sob o título de “Santa Solidão”

JUNTO AO CORPO MORTO DO SENHOR

Eu só Te peço: Acorda! As minhas mãos se ferem pelas
[portas.
Eu só Te peço: Acorda, ó solitário! E embebo as mi-
[nhas mãos nas Tuas cinco chagas.
Lanças me ferem o peito e as ruas estão mortas
E o meu corpo é um madeiro onde me sangram chagas!

Venho ao Teu seio e no adro abandonado grito:
— Acorda! As mãos que apunhalaram em êxtase se
[quedam...]

Os bandidos caíram, em sangue, transportados.
Nos Teus templos abertos aos ventos e às estrélas
Há mulheres que rezam em lages milenárias,
Há homens rudes, sem lar, raivando na miséria.

O meu grito é a luz de um astro há muito morto.
Meu corpo sangra — acorda! — à luz desta jornada.
E que será de mim se venho achar-Te morto,
Morto, tão morto — sei! — como o luar na estrada.

E que será de mim se arrasto pelas tardes,
Pelas noites, a dôr das correntes, e em sangue
Ardes em mim, Senhor, como nos mares ardes.
E há águas mortas, Senhor, que Tu cobres de sangue...
E que será de mim, tão só neste deserto,
Vendo escorrer na duna o sangue dos meus pés...
Venho ao Teu seio e vejo o amplo templo aberto:
Os sinos, os vitrais, são vivos... Tu, não és!

Porque morreste? Acorda, ó solitário! As pombas
Esvoaçam na manhã como um bando de almas.
Nunca mais hei-de vir ao Teu templo em delírio
As ruas não me acolhem e tombo, como tombas,
Como caíste um dia, ó solitário, em pedras.
Quando pela manhã as inocentes pombas
Trazem mais luz ao mundo onde arrasto esta dôr...

Nunca mais hei-de amar com loucura estas chagas,
Estou só — tombarei, e meu corpo insepulto
Sombra será — nem sei! — dormindo pelas portas,
Descansando a sua dôr não frio das escadas.

Eu só Te peço: Acorda, ó solitário! Em tórris,
Sinos pedem por Ti... Porque Te adormeceste!
Ressuscita, Senhor, que as ruas são vazias
E a guerra ensanguentou os campos e os pascigos.
Ressuscita, Senhor, que as noites desesperam.
E eu, e os meus irmãos, e os máus e os bons, pedimos
De joelhos, Senhor, mais santos do que os astros,
De joelhos, Senhor, sangrando como os astros,
Te pedimos: Acorda! Acorda, meu Senhor!

Que há-de ser de nós se Tu dormires sempre,
Corpo inerte na paz do túmulo, Senhor!

Que há-de ser de nós se nunca mais voltares,
Que há-de ser de nós que já não temos luzes,
Que há-de ser de nós, nas ruas ou nas cruzes,
Vivos, mortos, talvez, que há-de ser nós!

Ressuscita, Senhor, e salva-Te das vestes
Que os meus loucos irmãos fizeram de mortalha.
Ressuscita, Senhor, ou deixa, por piedade,
Que durmamos contigo, aqui, no templo antigo,
Sem ver que há sangue em céus e desvario em mares,
Tão mortos como Tu nos astros e nas naves
Tão mortos como Tu, sangrando, meu Senhor!

(Do “Lume de Estrélas” pag. 213):

T A L V E Z

Talvez sejas o meu desejo. . Olho a tarde, sinto a tar-
[de, e beijo os teus lábios que me sabem a frutos.
Talvez sejas o meu desejo... E' o que penso e me digo
[ao ter nas minhas as tuas mãos geladas,
Ao ter nos meus os teus olhos onde ha noites sangrando
[estrélas sôbre os rios

E onde ha a paz que não se alcança, a prometida paz
[esquiva e fugidia...
Talvez sejas o meu desejo... E eu te digo: se te amo.
[é porque as estrélas são inúteis de-
mais ao meu desespêro,

E o teu afeto é como a voz que eu desejara ouvir e o
[corpo ambicionado,

A voz jamais ouvida e o corpo não possuído!
Se te amo é porque me sinto só no meu desamparo
[como se eu mesmo fôsse um abismo

Onde se agitasse o olhar de morte das estrélas,
Como se o meu coração fôsse um pouso abandonado
[no caminho

Onde sofressem, nas noites pálidas de estrélas, saltea-
[dores arrependidos...

Estou só e tão só que tenho medo de mim mesmo
E me olho como se fôsse eu próprio um desconhecido
Que se encontra numa hospedagem do caminho.
Tenho medo de minhas mãos que só sabem carícias e
[no entanto

Poderiam levantar o punhal sôbre a carne indefesa
Ou entre cruzes cavar a terra, lentamente,
Mãos frias de coveiro...

Porque riem estes homens? Que mãos se agitam no
[fundo do horizonte, aves marinhas,

Que mãos me dizem adeus se estou tão só e minha ca-
[beça está deserta de carinhos,

Se as mãos de minha Mãe não trazem agora o luar aos
[meus cabelos?

(Lume de Estrélas, pag. 39)

SONATA DA MINHA DOR

Esta dôr tem vincos, sulcos profundos.
Esta dôr nasceu devagar, fragilmente.
E' a dôr que veio de velhas civilizações, de antigos
[túmulos,
Que veio, inconsciente mas bravia, do troglodita na
[noite.

Esta dôr é ancestral, arraigada. A loucura
Guia meus passos incertos na poeira.
E' o grito do vento que no início era imperceptível
Mas que se enfureceu em fragor de catadupas.
Buscar a sombra de Eulália nas sombras da tarde.
Buscar o simples epitáfio que cobre a lousa simples.
Buscar alento na solidão e no perfume das igrejas.

Como olibano, cantos se desfazem no ar parado.
Cantos de sinos, de sinos negros, de sinos roucos...
Ai! esta dôr é tecida de milenárias dôres
E me guia os passos incertos na poeira!

Veio de amores que acabaram na renúncia,
Veio de ascetas que acabaram loucos,
Veio de suicidas e de mártires, de naufragos e de enfor-
[cados!

Esta dôr, afinal, é a dôr de tôdas as dôres,
Cava dentro de mim sepulcros sem nome,
Guia meus passos incertos na poeira!

(Do Lume de Estrélas, pag. 41)

DELÍRIO

Ha soalhas tiniudo. São pandeiros.
Dos céus, dos mares, dos estivadores,
Chegam canções. E contam que os amores
Morreram. Até os puros e os primeiros.

Serão canções carnavalescas? Cheiros
De éter, contorsões, risos e côres.
Mulheres mortas, préstitos, temores.
Ventos do norte, ventos companheiros..

Ha soalhas tinindo. Um entêrro passa.
Vão sepultar a leve incompreendida.
Chocalham risos. Vai cantar alguém.

Sufoca a treva. Mata. Amor? Chalaça...
Eulália é morta? Eulália está ferida?
Falem mais alto que eu não ouço bem.

(Inédito)

SILÊNCIO NOTURNO

E' uma tristeza de cidade velha, uma saudade de rúas
[obscuras,
O que me vem visitar na solidão da noite.

E ouço risos de loucura (são de cegos?) Ah! me diz,
[Irmão, porque motivo os risos

Me ferem o coração como os soluços!

E' do silêncio noturno que me chegam a tua dôr e o teu
[gesto de renúncia,

Um gesto que marcou o teu destino.
A tua santidade será capaz, talvez, de iluminar o
[mundo!

Dos olhos trágicos, dos corações que morrem aos ventos
[de outros dias,
Das almas destinadas à pureza ou à loucura

E' que me chegam estes soluços (são de sinos?) é que
[me chegam os gritos de pavor dos
sedentos de vida
E o sombrio estertor dos feridos de morte.

A noite espessa me fixa e me segue como o olhar es-
[franho de um suicida.

(Inédito)

VENTOS DA TARDE

Velas ao longe... Mãos que despedem... Tardes que
[chegam como andorinhas..
A vida é bela neste momento. Só, no meu quarto, olho
[as estradas.
Tenho desejos de me perder pelas estradas como ve-
[doras.
E enquanto a noite é apenas a sombra que o vento fere
[tôda de estrêlas.
Eu me debruço sôbre o meu leito, eu me debruço sôbre
[mim mesmo,

E aos meus lábios sobe esta reza que vem dos longes da
[minha infância

E canto um embalo que me alivia, canção serena de
navegantes.

E sofro as tardes! Que paz nos olhos! Só, no meu quar-
[to, beijo andorinhas:

As mãos da tarde... E lembro as tardes inaleauçadas.
[tardes desfeitas, rosas geladas...
E me curvando sôbre mim mesmo falo de anjos aos
[ventos leves.

Que me conduzem, ventos da tarde, para as estradas,
para as estrêlas...

(Lume de Estrêlas, pag. 121)

SERGIO MILLIET

S. Paulo (Capital), 1858

Fez o curso primário, até o 3º ano, em S. Paulo. O curso secundário e superior (Ciências Economicas e Sociais), na Suissa, em Genebra, onde permaneceu de 1912 a 1920, quando voltou ao Brasil. Aqui permaneceu dois anos (1921-22), tendo participado da Semana de Arte Moderna. Em 1923 seguiu novamente para a Europa, demorando cerca de tres anos em Paris. Em 1926, voltou definitivamente ao Brasil, de onde se ausentou em 1939, para uma breve viagem aos Estados Unidos. Na Europa, Sergio Milliet trabalhou para viver como caixeiro numa livraria, como arquivista da Sociedade das Nações e... como dansarino.

Apezar de ter tido uma vida tão movimentada, Sergio Milliet é um dos homens mais reservados que ha no mundo. Conta-se que, tendo vivido em Genebra na mesma época em que lá vivia o sr. Rubens Borba de Moraes, Sergio Milliet, que sabia da existencia do seu patricio na capital da Suissa, com o qual viajava diariamente no mesmo onibus, só veio a conhecê-lo mais tarde em São Paulo.

Como tantos dos seus companheiros do modernismo, Sergio Milliet vem se realizando em extensão e profundidade. Em extensão em relação aos generos cultivados; em profundidade, em relação ao dominio desses generos. Assim é que, como prosador, o escritor paulista já tem uma obra consideravel, obra essa que se torna dia a dia mais importante, quer na ficção, quer na critica literaria, ou na critica de artes plasticas, onde a sua influencia tem se destacado no movimento pitorico que se processa atualmente em S. Paulo, movimento que é o mais importante

que, no genero, já teve o Brasil. Como poeta, Sergio Milliet vem se tornando cada vez mais característico, mais pessoal, e as suas poesias publicadas na "Revista Academica" são das que melhor impressão têm causado em nossos meios literarios. Na Sociologia o autor do "Roteiro do Café" soube tambem conquistar o seu lugar.

Obras publicadas:

Par le sentier, poemas, Genebra, 1917

Le depart sous la pluie, poemas, Genebra, 1918

En singeant, pastiches de escritores suissos, Genebra, 1918.

Oeil de boeuf, edições Lumière, Antuerpia, 1923

Poemas Analogos, S. Paulo, 1927

Terminus seco, ensaios, S. Paulo, 1933.

Roberto, romance, S. Paulo, 1933.

Marcha á ré, ensaios, Livraria José Olimpio, Rio, 1935

Poemas, com ilustrações de Waldemar da Costa, S. Paulo, 1938.

Ensaio, S. Paulo, 1938.

Roteiro do Café, Departamento Municipal de Cultura, S. Paulo, 1939.

Pintores e Pinturas, Livraria Martins, S. Paulo, 1940

Sal da Heresia, Departamento de Cultura, S. Paulo, 1941.

EVASÃO

Ele dizia:

Fugir! Largar a vela da saudade!

Jogar sobre as pupilas cansadas das insônias

a paisagem das ilhas e dos mares. .

corrigir enquanto é tempo e o sangue corre célere nas
[veias

o erro da quietude conformista!

Ele dizia:

eu não quero essa felicidade corriqueira dos bons
[habitros.

Eu não quero morrer na minha cama!

Alma nomade

formada na solidão e no misterio

me repugna o comadrismo satisfeito

Eu quero o ar o mar as ilhas

a violencia das dedicações malucas e o estouro das aven-
[turas ofegantes.

Ele dizia:

Fugir! Abrir as portas pesadas dos preconceitos

e respirar. .

E rir meu riso de criança ingenua e sentimental.

Oh resto de honestidade herdada

tara que me legaram antepassados portugueses

és tu que ainda me amarras á madrasta vida

me dás paciência

e me sugeres a satisfação maltrapilha do trabalho!

Fugir! Destruir em mim esse estigma do 'passado.

Afogar nas ondas melodiosas a melancolia dos dias re-
[petidos!

Olho a janela

Ela se abre para a evasão.

Não a quero fechar sobre a existencia

covardemente

por ser mais comodo sentar-se á mesa patriarcal.

As arvores hão de mostrar-me a estrada

e os rios matar-me a sêde

e o mar embalar-me as maguas

e serei livre e louco como o vento.

SEQUESTROS

Oh valsa latejante.

O poema que eu hei de escrever

será nú e simplesmente rude

o poema que eu hei de escrever será um palavrão.

Dor recalcada

inveja mesquinha

perversidades impotentes

todo o fracasso e a sub angustia

O espesinhamento usa bñton

Mas tudo ha de jorrar com ele

numa amarga libertação...

O cactus com seus espinhos

apertado entre as palmas da mão

è menos doloroso

Oh valsa latejante...

ARS AMANDI

Revelou-me a primeira a alegria da carne
e o que ela pode oferecer-nos de divino.
Ensinou-me a unir ao gesto físico a carícia espiritual
e a preferir ao vulgar prazer da posse o gozo mais pro-
[fundo de dar prazer.

Ensinou-me a me entregar possuindo e a nunca possuir
[sem me entregar.

A última aprendeu comigo aos poucos isso tudo que ela
[me ensinou

e aprendera de seu primeiro amor
E um dia você transmitirá também
como o atleta passa o bastão no revezamento
e como na tribo o mago ensina ao eleito o ritual sagrado
o segredo do gesto de prazer.

Assim o amor em nossa vida forma um círculo completo:
nasce no encantamento da revelação e morre no seu ex-
[tase,
Vai da volúpia e percorre toda a escalada das sensações

Vai como o sol da aurora até o ocaso.
E dele só se retém como do sol o esplendor da aurora ou
[do ocaso,
o meio dia sufocante nada grava dentro da gente
a não ser às vezes a lembrança de uma insolação.

Porém nem todos sabem da aurora
nem todos percebem a beleza dos crepúsculos.
Ha os que se levantam tarde
e ainda os que
levantando-se ao meio dia se vão deitar antes do sol.

E ha os que não acordaram nunca
e os que têm medo da luz e a taxam de imoral.

Felizes porem minha amiga
os que como nós não hesitaram diante do chamado da vida
os que não cometeram o pecado
de abandonar a natureza aquilo que lhes deu a natureza
tambem para funções mais belas e gostosas.

Felizes os que se serviram da boca pra beijar
e do sexo para amar
das mãos também para apalpar
dos olhos pra mergulhar em outros olhos
e dos ouvidos pra querer a voz dos outros.

FRUTO PERMITIDO

Repousa o olhar no seu rosto distraído
acompanha devagar o seu perfil
e desce pelo colo até os seios
miudos
e sobe novamente até o reconvexo do braço
e descança teus lábios nessa relva
para depois seguir
até a ponta dos dedos magros
onde sangra o pudor das unhas.

Deixa a boca para o fim
humida corôa do desejo imperioso
e continúa.

O ventre passivo nasce aqui
e ondula suave
e vai morrer noutros lábios
anciosos por carícias mais perversas.
Mas não pares ainda.
Vai mais longe.
Escorrega pela doçura nervosa das coxas
pela retidão das pernas
até o declive dos pés que carregam a amada.

Vê como se deleitam a teu contacto
esquecidos que são o mais das vezes
na sua honradez de proletários.

E sobe de novo para descobrir atrás dos joelhos
um recanto escondido
onde se aninham sensações inéditas
e pára um pouco nos rins friorentos
cheios de tremores furtivos
e nas espaldas e no pescoço
ariscos e sensíveis.

E só então, afinadas as cordas todas do prazer
colhe no beijo que desmaia
o fruto permitido do amor

HAIKAI

Para que o céu não me tonteie
você põe a mão sobre os meus olhos.

Mas a estrela que me comove, Amazona,
eu a tenho dentro de mim
ao alcance dos olhos fechados.

ESTRELA VESPERTINA

Honras, glórias, amores
tudo obtive com estas mãos seguras
e este cérebro preciso e vivo
esta intuição rápida e certa.

Só a ti não conquistei, estrela vespertina
Só a ti...
por desejar-te talvez demasiado
com ansiedade e sofreguidão
e a timidez do verdadeiro amor.

EU SOU FAMILIA

Você está enganado

E' verdade que eu vou às vezes ao cabaré
que bebo bem e como melhor
que gosto de jogar
que a volúpia quente de certa bôca
me tras prazer e alegria.
E' verdade que eu dou demasiada importancia
a essa vida material
que você condena
Tenho automovel
Vou ao cinema
Leio livros imorais

Tenho gana de infringir todos os mandamentos...
Mas no fundo meu Deus
eu sou familia.

TEU RETRATO

Agora
si descanso os meus olhos em seu rosto
logo cresce e toma vulto essa saudade
que eu já tenho de você.

E' como si nos tivéssemos separado
e você vivesse longe
tão longe que nem sequer o seu sorriso
chegasse até perto de mim..

E nem é mesmo o seu retrato
o que contemplo no seu rosto
mas tão somente o retrato de alguém
que se parece com você.

OH BEM DA GENTE

Oh bem da gente
arisco bem da gente !

Eu tive a estrela vespertina
ao alcance da boca apressada
eu tive a estrela desmaiada
mais de uma vez...

Mas quem segura a estrela vespertina?

Fica a pele a carne o perfume
apertando dentro da gente..

Mas a estrela já brilha longe
para outros olhos dementes..

(inédito)

AUSENCIA

Terei ainda esse grito de vitória
Tão duramente conquistado
cu essa ausencia me fará tão tenue
na intimidade de teu corpo
que já não sobre de mim quando voltar
mais que a importuna recordação?

(inédito)

EMILIO MOURA

Dôres do Indaiá (Minas Gerais) 1902

Emilio Guimarães Moura quasi que realiza no Brasil o ideal do poeta conhecido apenas pelos seus versos. De sua pessoa física há poucas informações. Nasceu numa cidadezinha do oeste de Minas e tem vivido em bairros sossegados de Belo Horizonte. Duas ou tres viagens ao Rio, sempre rápidas — o tempo de vêr o mar, a Lapa, algumas livrarias —, e o poeta volta à sua casa mineira. Nessa casa há muitas crianças, muitos parentes, além de retratos de músicos, poetas e amigos na parede. Há também desenhos do proprio Emilio Moura, que só os íntimos desencavam e, ainda, ensaios de escultura, do mesmo autor, que só os íntimos dos íntimos conseguem espiar, não porque o seu pudor seja selvagem, mas porque é sincero e tem a doçura de todos os sentimentos emilianos.

Sobre o homem, há a notar ainda sua magreza e altura, seu ar de cegonha tímida, seu silêncio quasi completo, sua maneira de deslizar entre multidões, seu desinteresse, sua identificação total com a poesia. E' um manso, mas está longe de ser um conformista. Em voz baixa, grandes olhos acêsos, espalhando as largas pernas pelas ruas de Belo Horizonte, nas noites que dão vontade de andar sempre, êle nos fala da injustiça e do mal. Dirse-ia andar alheio a tudo, e nada lhe escapa no mundo e na cidade. Seu julgamento é frio e inflexível, o que não impede que depois de julgar e condenar, êle perdôe. Um bilhete de loteria saiu-lhe premiado; Emilio continuou pobre, como antes. Nenhuma concessão ao tempo ou ao poder macúla a sua vida. Entretanto, essa honestidade nada tem de feroz, tão límpida é ela, e Emilio consegue extrair de todos, os mais sêcos ou os mais indiferentes, um imenso amôr.

Do poeta, sabe-se que está entre os mais importantes da moderna lírica brasileira. Pertence à geração modernista mineira, que se afirmou aí por 1924, e nela guardou sempre a marca pessoal, fugindo aos exageros escolásticos por uma percepção sutil do que havia de ruim ou falso na

desordem renovadora. Sua poesia ilustra bem a tésé da variedade e riqueza do movimento modernista, onde se mesclaram poétas tão diferentes como Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Oswaldo de Andrade e o proprio Moura. Em uns, o objetivismo sensualista, voltado para o cheiro e o colorido das coisas; noutros, a auto-sátira cruel, doendo como canivete na carne; neste, o sentimentalismo cheio de entretons e confidencias ciciantes; naquêlé, o espírito epigramático e depois a tendencia ódica e americanista; em mais outro, a sombra de Deus... Todas as tendencias, todos os generos, inclusive o irconfessavel. Emilio Moura não se classifica em nenhum desses modelos. Poderiam rotulá-lo sumariamente como um poeta espiritualista, pois em sua obra é patente a presença do espírito, e êle mesmo exclama: "Eu sou um poeta quasi místico: — A vida é bela porque é um extase" Mas êsse místico em estado latente não vence em si as perplexidades e as dúvidas do ser intelectualizado, e vêmo-lo, numa hora de grande despojamento, assinalar que "nenhum milagre te espera, — nenhum". Sua mística não é a de Deus, mas a do mistério. "Que alegria sentir que a vida é uma dádiva maravilhosa!" Mas "esta paz em que me envolvi, de repente, só por engano é que poderia ter-se instalado dentro de minha alma" Alma sem paz, porém não alma desesperada: o equilibrio, a harmonia, o já citado pudor, a delicadeza infinita temperam e cristalizam essa dôr e previnem tanto a negação como a solução materialista. Emilio Moura propõe-nos assim uma poesia que não se satisfaz com a explicação materialista das coisas mas que não nos conduz seguramente a nenhuma teologia. Dir-se-ia que o poeta, cultivando os jardins do espírito, conserva o triste e severo privilegio de se não exaltar. Entre a contigência e a eternidade, sua voz nos fala simplesmente de poesia, da poesia como consolo e como interpretação lírica do mundo. E essa voz é, no consenso dos entendidos, a de um dos grandes poétas modernos do Brasil, querido e respeitado no seu natural isolamento.

C. D. A.

Bibliografia: "Ingenuidade", ed. "Os amigos do livro", Belo Horizonte, 1931. — "Canto da Hora Amarga", ed. "Os amigos do livro", Belo Horizonte, 1936. — Inéditos: "Ramo de Cerejeira", poesias. "Inteligencia e sentimento do mundo", ensaios. "Alphonsus de Guimaraens", ensaio.

PERPLEXIDADE

A's vezes todas as vozes acordam no meu silencio,
vozes que nascem para as revelações fragmentarias,
para as revelações rápidas.

A's vezes todos os instintos acórdam no meu desejo,
e eu atravesso os limites amargos de minha alma,
como seu eu fosse um outro,
como seu eu fosse bem diverso.

A's vezes meu labios amargam
e eu sinto que tudo,
que todas as cousas
rolam no fundo de meu sêr sob fórmias irremediaveis.

A's vezes todas as vozes acórdam no meu silencio,
e eu sinto minha alma tão fragil,
como se ela viesse de muito longe.

Senhor, por que caminhos,
invisiveis e longos,
andou errando a minha alma?

Eu fiquei só diante da vida
e todas as cousas me assustaram.

(“Ingenuidade”)

A SOMBRA DE MEU PAI

Hoje, pensando em tí, fiquei parado, o coração aberto.
Tua sombra veio e poisou levemente sobre o meu ômbro
[cansado
e as tuas mãos quasi tocaram de leve os meus olhos que
[não te verão mais.

Eu fiquei firme te olhando.

— O meu sêr todo vibrava na esperança de que o impos-
[sivel acontecesse.

No entanto, eu poderia dizer-te como num triumpho:
— “Que tal o teu filho, feliz como um rei?”
E o meu riso vitorioso havia de convencer-te, finalmente.

Mas os meus olhos se embaciaram
e a tua mão tremeu de leve sobre o meu ômbro cansado.

No entanto, quando appareceste,
tú estavas sereno,
sereno, infinitamente sereno,
meu pai.

(“Ingenuidade”)

MISTICISMO

O céu lindo da vila pobre!
E a igreja pequenina, que se espicha toda na torre,
com vontade de vêr o céu.

E o céu tão alto, e o céu tão alto:
("Ingenuidade")

TOADA SEM GEITO

Saí de casa sorrindo,
voltei magoado da rua.

Nos olhos dos homens todos
vi tanta cousa calada,
vi tanta cousa, vi tanta,
sangrando que nem ferida.

Oh! viagem curta, passeio
por entre caras e pernas
que a gente sabe sofrendo,
sofrendo tanto, sofrendo.

Eu bem que olhei para uns olhos
Eu bem que olhei para uns olhos
que olharam bem para mim.
A bôca que fez um beijo
(Foi só cá dentro de mim?)
sorriu, passou, foi-se embora..

Saí de casa sorrindo,
voltei magoado da rua.
("Ingenuidade")

IRMÃZINHA

Meus amigos, vocês não sabem
que eu penso tanto em vocês.

Passei a noite inteirinha
pensando: Se eu fosse Deus,
eu dava um Anjo da Guarda
fino, esperto, carinhoso
a cada um de meus amigos.

(Mas, o mais puro de todos
eu te mandava... mandava
para teu lado, Irmãzinha...)

("Ingenuidade")

O POÉTA E A MUSA

E' preciso que eu sinta, uma vez ainda, que nada disso me
[pertence.

(Esta paz em que me envolvi, de repente, só por engano é
[que poderia ter-se instalado dentro de minha alma.)

E' preciso, que, diante de todas as cousas, eu me sinta, ain-
[da agora, tal como me sentia antes de teu aparecimento.

(Este olhar que poisou de repente sôbre o meu olhar, este
[sentimento que mudou o sentido de meu olhar, e
[que é um sentimento vivo de plenitude,

nada disso deve ser meu).

E' preciso, pois, que eu siga.

(As estradas desertas já estão chamando pela minha pre-
[sença.

Já vejo as ladeiras que ainda terei de galgar e que, de
[uma em uma, penosamente, se acendem no
[fundo dos horizontes).

E' preciso que eu me convença de que tú não existes.

(Esta integração de meu ser, desintegrado desde sua ori-
[gem, por certo que se destruirá mal eu acredite
no advento de minha libertação).

Mas, tú existes, eu sei. Vieste para mim como a luz ou a
[vida.

Os poétas já sabem que tú existes: os eternos enfermos já
[sabem que tú existes.

E eu também, sei, perdôa.

E sei que tudo isso me pertence:

êste olhar, esta paz, e êste sentimento vivo de plenitude.

(“Canto da hora amarga”)

MATINAL

Sôbre as ondas mansas brincam os barcos
[diante de meus olhos matinaes,
as cousas se ordenam simples e perfeitas:
o céu, o mar, teu corpo.

Ah! o teu corpo!

Meus olhos brincam sôbre o teu corpo.

Nenhuma nuvem na minha alma.

(“Canto da hora amarga”)

TOADA DOS QUE NÃO PODEM AMAR

Os que não podem amar
estão cantando.

A luz é tão pouca, o ar é tão raro

que ninguém sabe como êles ainda vivem.
Os que não podem amar
estão cantando,
estão cantando
e morrendo.
Ninguém ouve o canto que soluça
por detrás das grades.

(“Canto da hora amarga”)

AQUI TERMINA O CAMINHO

Os sinos cantando ,as sombras todas se diluindo'
dentro da tarde. Dentro da tarde, o teu grave pensamento
[de exílio.

Porque ainda esperas? Aqui termina o caminho,
aquí morre a voz, e não há mais éco, nem nada.

Porque não esquecer, agora, as imagens que tanto nos per-
turbaram
e que inútilmente nos conduziram
para nos deixar de súbito na primeira esquina?

Essa voz que vem não sei de onde,
êsses olhos que olham não sei o quê,
êsses braços que se estendem não sei para onde...

Debalde esperarás que o éco de teus passos acórde os es-
[paços que já não têm voz.

As almas já desertaram daqui.
E nenhum milagre te espera,
nenhum.

(“Canto da hora amarga”)

POEMA PATÉTICO

Como a voz de um pequeno braço de mar perdido dentro
[dentro de uma caverna,
como um abafado soluço que irrompesse de súbito de um
[quarto fechado,

ouço-te, agora, a voz, ó meu desejo, e instintivamente
[recúo até às origens de minha angústia,

policiada e vencida, oh! a-final vencida por tantos e tan-
[tos séculos de resignação e humildade.

Em que hora remota, em que época já tão distanciada, foi
[que os ares vibraram pela última vez, diante de
[teu último grito de rebeldia?

Quantas vezes, ó meu desejo, tu me obrigaste a acender
[grandes fogueiras dentro da noite,
e esperar, cantando, pela madrugada?

Mas, e hoje? Hoje a tua voz ressôa dentro de mim, como
[um cântico de órgão,
como a voz de um pequeno braço de mar perdido dentro
[de uma caverna,
como um abafado soluço que irrompesse, de súbito, de
[um quarto fechado.

(Aquêlê raio de sol diz as palavras luminosas que têm asas)

— Que alegria sentir que a vida é uma dádiva maravilhosa!

(“Canto da hora amarga”)

DA HUMILDE ALEGRIA

Senhor, êles me disseram que a vida era um ritmo selvagem,
como de borés bárbaros:

— lábios retesos para a agonia ríspida,
— músculos retesos para a luta áspera.

E, falando das cousas,
êles distilavam um veneno perfido,
que anoitecia o mundo íntimo das creaturas
e punha uma voz trêmula
nos lábios murcho sdos homens graves.

Senhor, êles caluniaram todas as cousas:
A vida e a morte.

No entanto,
foi por amôr dêles que a alma do primeiro poeta se abriu
[em música:

foi por amôr dêles
que S. Francisco de Assis viveu as fórmãs mais puras do
[nosso espírito.

Senhor, êles caluniaram todas as cousas:

— as creaturas, as pedras, e os bichos inofensivos.

E dos lábios dêles não voaram nunca as palavras luminosas
[que têm asas.

(“Ingenuidade”)

ABGAR RENAULT

Barbacena, 1901

Abgar Renault figura nesta antologia de poesia moderna como poderia figurar em uma antologia dos últimos parnasianos. Não esquecer que começou modelando "sonetos antigos" num tempo em que Bilac se despedia com a "Tarde" e a poesia chamada modernista era apenas um poema de Manuel Bandeira no "Malho": "Quando perderes o gosto humilde da tristeza..." A guerra acabara provisoriamente no mundo, mas outra guerra, esta literária, ia começar no Brasil.

Os sonetos camoneanos de Abgar, entretanto, não indicavam no poeta uma disposição especial para defender os cânones da linguagem e do verso clássico. Eram mais uma experiência pessoal do autor, que se nutria de sólidas humanidades e sentia prazer em exercitar-se no idioma dos anos 500. A presença bilaqueana, por sua vez, estava bem próxima, e intervinha em certos fechos de sonetos que Abgar adolescente compunha mais para satisfação sua e de amigos do que por ambição literária. Esta, de resto, parece ausente da obra desse poeta, que chega à maturidade sem haver publicado um livro — um só —, exceção feita das traduções de poemas ingleses das guerras de 1914 e 1939, recentemente editados (à traição) por um grupo de conspiradores amigos.

Mas vem o modernismo, e Abgar Renault é situado nele sem perder sua característica fundamental, o culto às formas decorosas de expressão. Nessa imensa falta de respeito que foi o modernismo Abgar conservou o respeito próprio e o respeito aos outros. Quebrou os moldes acadêmicos, mas só raramente se permitia liberdades de linguagem "brasileira". Há uns versos em que se lastima: "Ah! se eu pudesse me embebedar — e cambalear — cambalear. . ." Mas não se embriaga nem cambaleia. É de seu habitual, sereno, sóbrio, policiado. Qualidades que não invalidam, antes projetam sob uma luz fria o seu incurável pessimismo. Essa constante pessimista já aparecia naquele soneto antigo em que o poeta manifesta o receio de que a morte, afinal, seja apenas, e "por nosso maior dano", "outra forma de ser da mesma vida". Em outro soneto, o "fantasma sombrio" isto é, Deus, está colocado "mais alto que a nossa humana desesperação" e "alheio ao nosso humano sobressalto" Com o tempo, o pessimismo se torna

menos crispado, e é antes ceticismo, dúvida filosófica, fruição poética, embora desconsolada, de uma existência inexplicável e noturna. Afinal, não se tem "nem mesmo a certeza consoladora de que a Vida não presta para jogar fora" "Não posso dormir para esquecer que estou vivo" — confessa o poeta — e se salva. O pessimismo, não há dúvida, é um grande gerador de poesia.

A poesia de Abgar Renault no nosso quadro literário? Não é difícil defini-la. Consumada a função destruidora do modernismo, e desmoralizadas, por sua vez, as convenções novas com que se procurava substituir as velhas convenções, ficou para o poeta brasileiro a possibilidade de uma expressão livre e arejada, permitindo a cada um manifestar-se espontânea e intensamente, no tom e com o sentido que melhor lhe convenha. É nesta atmosfera que se move sem dificuldade o sentimento poético de Abgar Renault, exprimindo não somente a sua reação pessoal diante dos temas clássicos do amor e da metafísica mas também as obscuras inquietações do indivíduo e, ultimamente, alguma coisa mais comovedora, porque ligada às duras preocupações do nosso tempo. É esta a fase em que Abgar vê largar do porto os imensos transportes de guerra, conduzindo homens para a luta; em que procura correspondência, na nossa língua, para os cantos que a guerra inspirou aos poetas ingleses. Como os poetas e escritores concientes da sua geração e do seu país, Abgar Renault sente que a sua poesia tem de sofrer a penetração da guerra e dos problemas espirituais e morais que a guerra suscita. Não é a subordinação ao tema de circunstância, mas o reconhecimento da verdade de que o poeta só se pode alimentar do tempo, e que o tempo de hoje não é inferior a qualquer outro nem deve ficar de conserva, até transformar-se em passado, para atrair a prospecção lírica. Não é licito prefigurar o que Abgar vai fazer, o rumo que vai tomar; mas sente-se que, como a vida, êle está em movimento.

C. D. A.

BIBLIOGRAFIA

"Poemas Ingleses de guerra" — (tradução do inglês) — Rio, 1942.

"A lua crescente" — de Robindranath Tagore (tradução do inglês) — Livraria José Olímpio — Rio, 1942.

"Sonetos antigos" — inédito.

"Elegia do tempo perdido" — inédito.

SONETO ANTIGUO

Pero ottingir huma. felicidade
Mestér fôra no Vida fugidia
Tonto o Bem estivesse na Verdade
Quanto por nos mentir mais aporfia.

Mas he tudo illusão. Que mocidade,
Bellezo, Engenho, Amor, Gloria, Alegria
Em nada tudo se consume e evade.
e osinha passa como a noite e o dío.

E se curomos contro a irosa Sorte
De na Morte matar da Vida o engono,
Esvoira-nos noss'almo 'indo illudido

A receanço de que aindo a Morte
Mais não seja; por nõsso moior danó,
Que outra forma de ser da mesmo Vido.

A D' TE CLAMAMUS

Em meio à noite má que nos circunda,
povoda de uivos, guais e maldições,
Causo dos causas!, boixo à terro imunda,
desce à miséria atroz que nos impões.

De um jôrrro de ostros nosso treva inunda,
e alorga os nossos tristes corações
por que contenham esta dôr profunda
de nunca vêr-te à olturo em que te pões.

Ó fantasma sombrio! Arcano odiento!
como há de o nosso raso pensamento
tocar-te no seu surto humono e vão,

se, alheio ao nosso amargo sobresalto,
sempre és maior, mais tragico e mais alto
que a nosso inútil desesperação?

A RONDA DAS HORAS E DOS DESEJOS

Ai! como o vida é um desengano lento
na olma, no coração, no pensamento.
Ah! como tudo vem, e voi, e passa,
— riso e pranto, odio e amor, graça e desgraça.
Nossa esperonça é chama incerta e voga,
que a um simples sopro, tremula, se apaga,
e o nosso fé, por mois profunda, é rasa
como o chão, fugitiva como umo asa.

Clamamos de pavor, mas emudece
a nossa voz, ao buscar na alma a prece.
Toda a existência se resume em nada,
e o mais veloz minuto é uma escalada
por sobre abismos, através da treva,
empós da própria angustia que nos leva.
Divididos em rumos infelizes
desde a profundidade das raízes,
a alma anseia no amor pela unidade,
e o corpo quer a multiplicidade.
E pelas almas sempre mais vazias
vôa a fuga das horas e dos dias,
e aos mesmas corpos miseros e ardentes
morde o desejo os seus agudos dentes.
E voltam sempre as horas e os desejos,
trazendo-nos a morte nos seus beijos,
sem nos matar, no coração aflito,
este sonho, esta fome, este infinito.

F E L I C I D A D E

Felicidade—o título tão comprido deste poema tão pequeno!
Felicidade—substantivo comum, feminino, singular, poli-
silábico.
Tão polisilábico. Tão singular. Tão feminino. E tão pouco
comum.

Substantivo complicado, metafísico,
que cabe todo
na graça simples de alguém que eu sei
e no sorriso sem dentes de meu filho.

S A U D A D E

(In memoriam de Alberto Campos)

Todas as vozes, de subito, se fundiram no silêncio.
Todas as luzes se apagaram inesperadamente.
A treva dissolveu todos os contornos, todas as côres, todas
as dimensões
na mesma indefinida massa imanente.
A treva é o avesso e o direito de todas as cousas e de todos
os sêres,
dentro desta noite que se arrasta longa, longa... lenta,
lenta...
(Virá da treva... virá do silêncio... virá desta noite ôca
e enorme
isto que está doendo no fundo de mim?
Por que te foste tão cedo assim?
Por que esta ansia imperiosa de partir

crites dos outros convivas, no meio do melancólico festim?
Por que esta pressa insofrida de seguir
por aquele extranhíssimo caminho,
antes mesmo das palavras carregadas e graves, que só se
dizem uma vez?

Partiste. Nós te seguimos até de todo desapareceres...
Depois, vazios, um por um, voltámos,
e tu ficaste lá, com a tua imóvel fadiga, entre flores, a
dormir.

Ninguém ficou a velar aquele sono impossível,
e ficaste lá embaixo, lá no fundo, com o teu sono e as tuas
flores. .)

Quantas horas serão?

Dentro desta noite arrastada
todos os ponteiros estão parados irremediavelmente.
o silencio é cada vez mais calado... a treva aumenta...
(Ah! por que todas as luzes se apagaram, inesperadamente?
E por que, de subito, todas as vozes se fundiram no silen-
cio? .)

o frio corta como nunca. pesada, grossa, palpavel, a
treva aumenta.

Apenas, através da noite longa e lenta,
noite que nunca mais e aclarará,
uma lâmpada insone arde, sofre e fulgura,
espindo o silêncio... rondando a treva.

SELVA OSCURA

Que pesada sombra pésa sobre as minhas palpebras?
Que pálpita inquietude sobressalta assim a minha alma e
o meu coração?

Eu quero dormir e esquecer que estou vivo:
os meus olhos estão cheios de prodigioso sono,
mas a minh'alma e o meu coração estão carregados de
destino.

A insônia accende implacaveis luzes no meu pensamento,
e véla, impiedosa e paciente,
estas horas que amargamente rolam cheias da certeza de
estou vivo.

Quem embêbeda assim os meus olhos na treva?
Quem expande a minha alma e dilata o meu coração
dentro deste inquieto silencio?
Que sinistro sortilegio arrasa o sono do meu pensamento,
e deita este torpor, esta sombra, esta noite no fundo dos
meus olhos?

(Asas aflitas de um passaro que não vejo
tatalam, circulares, trazendo a mim

a consciência de distancias sem fim
e o atropelado recúo de horizontes em vertigem. .)

Ah ! eu não posso dormir para esquecer que estou vivo :
a noite cresce dentro dos meus olhos pesados de sono,
e a minha alma e o meu coração vélam, carregados de
destino.

BALADA DA IRREMEDIÁVEL TRISTEZA

Eu estou hoje inhabitavel.
Não sei porque,
levantei com o pé esquerdo :
meu primeiro cigarro amargou na minha bôca
como uma colherada de fel;
a tristeza de varios corações bem tristes
veiu, sem que, nem porque,
encher meu coração vazio. vazio.
Eu estou hoje inhabitável.

A vida está doendo. doendo.
A vida está toda atrapalhada.
Estou sózinho numa estrada
fazendo a pé um "raid" impossível.

Ah ! si eu pudesse me embebedar
e cambalear . cambalear
cahir, e accordar desta tristeza
que ninguem, ninguem sabe.
Todo mundo vae rir destes meus versos,
mas eu juro por Deus, si fôr preciso,
que eu estou hoje inhabitavel.

NOTURNAMENTE.

Quando a subtil, a insone Companheira
vier noturnamente, no seu passo impiedoso e certo,
para a enorme, a essencial travessia da sombra, do silêncio
e do espanto,
todo o teu pobre sêr tremerá de pavor inutil,
e quererá fugir ao subito fulgor da revelação irremediavel.
Depois. não saberás, talvez, mais nada. não sentirás,
talvez, mais nada...
nem mesmo a certeza consoladora de que a Vida não
presta para jogar fóra,
e não vale siquer essa lágrima que anda cae-não-cae do
fundo dos teus olhos.

P A S T O R A L

Mal desapareceu o dia e ficou a praia deserta,
o luar desceu — cuidadoso pegureiro —
e foi reunindo num único rebanho,
que pastoreia leve e devagar,
o cheiro ardente de louras, negras, castanhas cabeleiras,
e de ventres, de nucas e de pernas,
recolhido das águas tontas do mar
cintilações de olhares a fulgir sobre a inquietude dessas
aguas.

restos de vozes e de risos, esparsos
no ar carregado de sal e de iodo,
e a saudade de corpos, dourados de sol,
que ficou cavada na areia.

N O I T E

O dia adormeceu na tristeza do vale fundo,
a noite vai abrindo as águas lentamente no ar,
e, unida ao silêncio, é um instante de criação.

Aquele pressentimento de luar
lá longe no horizonte grávido
estremeceu em ondas as águas de um velho coração,
— mar sem praia e sem fundo, mar convulso e pávido
em que o mundo vem todo desaguar.

O gado placido e pesado
que pastava pacificamente pelo prado,
desapareceu do tempo, à luz da lua cheia,
e gravemente ruma a silenciosa eternidade que o rodeia.

TRANSPORTE DE GUERRA

Eu vi os teus soldados, Inglaterra,
dentro do teu audaz navio escuro,
da côr das águas em que lançára ferros.
Eram serenos, fortes e joviais,
olhavam do convez, dos mastros, das vigias,
e suas mãos sorriam acenando
para as lanchas que passavam, ao largo, rumo à terra.

Sorriam. E enquanto sorriam, seus corações
talvez acariciassem coisas da distância.
(O porto sem nome de que em segredo partiram,
sem adeuses, numa hora mal-assombrada;
as velhas colinas de verdes condados;
campos ruidosos de golf, de cricket, de football;
contemplativos campos cheios do sonho de rebanhos;
os nevoeiros, mais densos sob a escuridão das luzes
apagadas;
talvez a esteira saudosa que a quilha aguda
foi abrindo nas águas e deixando para trás.)
Eram serenos e fortes, e esperavam, e sorriam.

Que invios mares irá sulcar ainda esse navio escuro,
erigido de canhões e de metralhadoras anti-aéreas,
carregado de armas, de munições, e de tanta vida?
Para onde largarão esses soldados do mundo?
Quando é que descerão desse navio escuro,
de que olham para as luzes da cidade, prisioneiros?
Que terras negras ou que grossas águas acolherão, e
quando,
o sono de seus corpos moços prodigiosamente adormecidos?

JOVEM SOLDADO MORTO

(Traduzido de Wilfred Owen)

Não. Não é a morte
—sem um Paraíso —
de quem foi roubado
da vida e seu riso;

tão pouco o assassinio,
doce, duro, lento,
do mártir sorrindo
para o firmamento :

é este sorriso
vão como a ilusão,
tão débil. tão vão !
na boca morta de um menino.

("Poemas ingleses de guerra")

CECILIA MEIRELLES

(Distrito Fedefal)

Como alguns outros poetas brasileiros, Cecilia Meirelles teve a sua iniciação poética nos moldes da técnica tradicional. Construiu numerosos poemas rigorosamente medidos e rimados e conseguiu encarcerar em sonetos (vide um exemplo no soneto "Ânfora" transcrito abaixo) a sua sensibilidade aguda, completa, tão pessoal e tão difícil de captar, identificar e definir. Aliás, é dos poucos poetas nossos que rompendo com o formal das velhas regras de construção do verso para renovar-se, tenham devéras "creado o seu ritmo livremente" com a observância de pausas próprias e de um tamanho métrico uniforme. Não abriu mão de todo em todo das rimas. Utiliza-as com um senso de novidade e de surpresa, criando-as por meio de assonâncias inesperadas. Soube preservar a sua liberdade, mas disciplinou-a, recorrendo, quando quer e como quer, à mestria de que se senhoreou no rígido cativo da técnica parnasiana para utilizá-la ao seu gosto individual, isto é, arejada e batida de vento e de sol.

Igualmente, poucos terão logrado apropriar-se tão totalmente dos segredos e das riquezas da língua portuguesa e raros haverão mobilizado esses recursos com tanta agilidade, tal frescura e tamanha graça. Vocábulos, expressões e torneios da velha e saborosa linguagem dos cancioneiros portugueses encontram frequentemente o seu caminho para a poesia dessa poetisa, acodem-lhe ao chamamento e servem-lhe à sensibilidade como ancilas doces e prestes. E com que propriedade, com que doçura, com que leves mãos essa sensibilidade pastoreia esse rebanho manso e obediente! (É aí que se encontra o sentido exato do aforismo do meu sutil e profundo Remy de Gourmont: "Je crois qu'un écrivain quel qu'il soit doit être aussi un grammarien").

Mas essa facilidade de dominar as palavras não a domina. Sua poesia é dotada de um severo aparelhamento de freiamiento e contensão. Um mínimo de verbo para um máximo de expressão, que aqui quer dizer **expressão** mesmo, e não retórica. É tão intensa a parcimônia verbal da poesia de Cecilia Meirelles, especialmente em "Viagem" e em "Vaga Música" que dá, por vezes, a impressão de não ser escrita e sugere, por isso e por sua frieza aparente, qual-

quer cousa assim como riscos rápidos, secos e fulgurantes sobre uma superfície de gelo. São anotações concentradas e abreviaturas severas em que cada simbolo passue no fundo um conteúdo vivíssimo. É uma poesia surda, cega e profunda coma um abismo, tacada de um ascetismo oriental, cuja doçura e cuja suavidade são antes aparentes que reais. Tuda nela é paisagem interior, e o que aparece do mundo da lado de cá é apenas pretexto para a volta ao mundo da outro lado au é simples sugestão dele. Poesia de longos alhos cerrados e transvidentes, que mal contemplam o mundo exterior e parecem perpetuamente voltados para dentro da alma que os enche, os ilumina e os guia.

No caminho da evolução paética de Cecilia Meirelles o marco inicial é um lirismo de doçura tagoreana, que aponta para "Nunca mais" e "Poema dos Poemas" e "Baladas para El-Rey", e o marco atual mais característico é um desencanto de tudo a evolir-se num dorido desdem, num ceticismo penetrante, que não é recurso ou atitude literária, sinão que consttue a residuo final, ou melhor, a imanência de uma alma para quem não apenas o céu, mas também a terra com as seus seres insignificantes e circunstâncias e cam as suas causas precárias e pobres — tudo afinal é vazio, vazio... O intemporal, o que está além dos sentidos enganosos — eis a que parece exercer maior fascinação sobre essa alma — chama aguda que mal tremula aas sapras bravias da munda contingente.

Mas como tentar definir essa fascinante presença poética? Como identificar a câr de "the proud full sail af her great verse"? Como descrever esse vago encanto sem nenhuma luminosidade de superfície, essa atmoféra, fluida, fugidia e evanescente em que plange funda, suavemente a "vaga música"? A nenhuma poesia se aplicará com mais propriedade que à de Cecilia Meirelles este princípio fundamental, que abrange tanto as categorias do intelectual como as categorias do moral: toda a definição mata o que pretende definir.

Contentemo-nos em dizer que — assim em quantidade como em qualidade — a mensagem poetica de Cecilia Meirelles é das mais consideraveis e poderosas até hoje escritas em lingua portuguesa.

A. R.

BIBLIOGRAFIA : — "Nunca mais" e "Poemas dos poemas" — 1923; "Criança", "Meu amor" — 1924; "Baladas para El-Rey — 1925; "O Espirito Vitorioso" (prosa) — 1929; "Noticias sobre a poesia brasileira" (prosa) — 1935; "Batuque, Sombra e Macumba" (prosa) — 1935; "Viagem" — 1935; "Vaga musica" — 1942.

AMPHORA

Quando o oleiro febril te retirou do forno,
Em forte desagrado enrugou-se-lhe a testa ;
Achou-te irregular na linha do contorno :
Granulações aqui, mais adiante uma aresta .

E's fragil e imperfeita. A um baque, vae-se o adorno
Que o artista suspendeu á curva ampla e modesta
Do teu busto, ou o festão que tens do colo em torno ;
Aos ardores do sol, o esmalte se te enfresta.

— Que, ao menos, quando á fonte a angelica menina
Te levar na alva flor do hombro seu, tu, que, agora,
Tão fragil e imperfeita, ainda és inutil e ôca,

Te enchas, aos borbotões, de uma agua crystalina,
Agua clara e cantante, agua fresca e sonora,
Para a sêde saciar de uma sequiosa bocca !

(1919).

PANORAMAS ALÉM.

Não sei que tempo faz, nem se é noite ou se é dia.
Não sinto onde é que estou, nem se estou. Não sei nada.
Nem odio, nem amor. Tédio ? Melancolia
— Existência parada. Existência acabada.

Nem se pode saber do que outrora existia.
A cegueira no olhar. Toda a noite calada
No ouvido. Presa a voz. Gesto vão. Boca fria.
A alma, um deserto branco: — o luar triste na geada...

Silencio. Eternidade. Infinito. Segredo.
Onde, as almas irmãs ? Onde, Deus ? Que degrado !
Ninguem... O ermo atraz do ermo: — é a paizagem daqui.

Tudo opaco... E sem luz... E sem treva... O ar absorto...
Tudo em paz... Tudo só... Tudo irreal... Tudo morto...
Por que foi que eu morri ? Quando foi que eu morri ?

(Nunra mais...)

(1923).

POEMA DO PERDÃO

Eleva
O' minha alma,
O teu perdão
A esses remotos léus,
Que te viram sofrer,

Transe a transe,
A tua dôr,
Sem que uma estrela tombasse,
Para te vir socorrer...
Baixa,
O' minha alma,
O teu perdão

Até a alma sombria
Da terra,
Que te viu chorar,
Lagrima por lagrima,
A tua amargura,
Sem te fechar nos braços,
Sem te apertar ao peito,
Sem te guardar dentro dela...
Extende,
O'O' minha alma,
O teu perdão
Como um tapete de rosas brancas,
— Extende-o sobre a vida,
E dorme,
E aquieta-te no teu sono
Como num perfume...

Eleva,
O' minha alma,
O teu perdão
A esses remotos céus ..

(1923).

(Poemas dos Poemas).

(Criança do meu amor...)

CANTILENA

Bonequinha, bonequinha,
Dorme, dorme socegada,
Dorme, dorme, filha minha !

Bonequinha muito amada,
Oxalá que embalem crianças
Como tu és embalada !.

De palavras mansas, mansas,
Faço a minha cantilena,
Com pedaços de lembranças

Dos meus tempos de pequena...
Era assim, á mesma toada,
Que eu dormia, bem serena...

Bonequinha muito amada,
Ninguém no mundo adivinha
Como tu és embalada !

Dorme, dorme, filha minha,
Dorme, dorme, socegada,
Bonequinha, dorme, socegada,
Bonequinha, bonequinha,
Bonequinha muito amada !...

(Criança do meu amor...).

1924 — 2ª edição.

S U A V I S S I M A

Os galos cantam, no crepusculo dormente...
No céu de outono, anda um langôr final de pluma...
Que se desfaz por entre os dedos, vagamente...

Os galos cantam, no crepusculo dormente...
Tudo se apaga, e se evapora, e perde, e esfuma...

Fica-se longe, quasi morta, como ausente...
Sem ter certeza de ninguém... de coisa alguma...
Tem-se a impressão de estar bem doente, muito doente,

De um mal sem dôr, que se não saiba nem resuma...
E os galos cantam, no crepusculo dormente...

Os galos cantam, no crepusculo dormente...
A alma das flores, suave e tácita, perfuma
A solidude nebulosa e irreal do ambiente...

Os galos cantam, no crepusculo dormente...
Tão para lá !... No fim da tarde... além da bruma...

E silenciosos, como alguém que se acostuma
A caminhar sobre penumbras, mansamente,
Meus sonhos surgem, frageis, leves como espuma...

Põem-se a tecer frases de amor, uma por uma...
E os galos cantam, no crepusculo dormente...

(1925).

(Baladas para El-Rei).

PARA MIM MESMA

Para os meus olhos, quando chorarem,
Terem belezas mansas de brumas,
Que na penumbra se evaporarem...

Para os meus olhos, quando chorarem,
Terem doçuras de auras e plumas...

E as noites mudas de desencanto
Se constelarem, se iluminarem
Com os astros mortos que vêm no pranto...

As noites mudas de desencanto...
Para os meus olhos, quando chorarem...

Para os meus olhos, quando chorarem,
Terem divinas solitudes
Pelos que mais os sacrificarem.

Para os meus olhos, quando chorarem,
Verterem flores sobre os paludes...

Para que os olhos dos pecadores
Que os humilharem, que os maltratarem
Tenham carinhos consoladores,

Se, em qualquer noite de ansias e dôres,
Os olhos tristes dos pecadores
Para os meus olhos se levantarem...

(1925).

(Baladas para El-Rei).

EPIGRAMA N.º 1

Pousa sôbre esses espetáculos infatigáveis
uma sonora ou silenciosa canção :
flor do espírito, desinteressada e efêmera.

Por ela, os homens te conhecerão :
por ela, os tempos versáteis saberão
que o mundo ficou mais belo, ainda que inútilmente,
quando por êle andou teu coração.

(Viagem)

(1929)

R E T R A T O

Eu não tinha êste rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem êstes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem fôrça,
Tão paradas e frias e mortas ;
Eu não tinha êste coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil :
— Em que espelho ficou perdida
a minha face ?

(Viagem)

(1929).

EPIGRAMA DO ESPELHO INFIEL

Entre o desenho do meu rosto
e o seu reflexo,
meu sonho agoniza, perplexo.

Ah ! pobres linhas do meu rosto,
desmanchadas do lado oposto,
e sem nexos !

E a lagrima do seu desgosto
sumida no espelho convexo !

(Vaga Música).

1942.

CANÇÕES DO MUNDO ACABADO

1

Meus olhos andam sem sono,
sómente por te avistarem
de uma tão grande distância.

De altos mastros ainda rondo
tua lembrança nos ares.
O resto é sem importância.

Certamente, não há nada
de ti, sobre este horizonte,
desde que ficaste ausente.

Mas é isso o que me mata :
sentir que estás não sei onde,
mas sempre na minha frente.

2

Não acredites em tudo
que disser a minha boca
sempre que te fale ou cante.

Quando não parece, é muito,
quando é muita, é muita pouca,
e depois nunca é bastante...

Faste o munda sem ternura
em cujas praias marreram
meus desejos de ser tua.

A agua salgada me escuta

NEVA AMOR

Estrêla fria
da tua mã.
Tênuê cristal,
exígua flar.

Ai ! Neva amor.

Lua deserta
da teu olhar.
Pura, glacial
fogo sem côr.

Ai ! Neva amar.

Imenso inverna
de coraçã.
Gêlo sem fim
a deslisar.

Pus-me a cantar
na solidão :

Teu frio vem
da céu, de mim,
de ti, de quem ?
Nã há mais sol,
verão, calor ?

Ai ! Neva amor.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).